

**INTERGERACIONALIDADE DA
VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS DOS
DESCENDENTES**

PATRICIA GONÇALVES LAVINAS

Orientador de Dissertação:
PROF. DOUTOR MIGUEL TRIGO

Professor de Seminário de Dissertação:
PROF. DOUTOR MIGUEL TRIGO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor Miguel Trigo, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Dedicatória

A ti Christa Carreau e Jean-Claude Carreau pelos
valores humanos, amor e educação,

À minha eterna mãezinha Tila Timóteo pelo amor
incondicional, cuidado e amizade,

À minha avó Erselinda, minha melhor amiga de
infância, pelo amor incondicional e memórias
conjuntas,

À minha avó Mariana pela resiliência, capacidade de
superação e exemplo de mulher, que sem vocês, não
seria quem sou hoje.

Agradecimentos

Aos Diretores das Escolas Técnico-Profissionais pela receção, apreço e interesse na temática da Violência nas Relações Íntimas, que gratificadamente contribuíram para o desenvolvimento desta investigação, visto tratar-se de uma realidade comum para alguns dos seus alunos.

Aos Professores das Escolas que, apesar do planeamento letivo, cederam as suas aulas ou dispensaram os seus alunos para a participação no estudo.

Às administrativas e auxiliares de ação educativa pela amável orientação e constante cuidado na reserva de salas de aula para a aplicação de questionários. Agradeço especialmente à Dona Joana.

A todos os alunos e respetivos encarregados de educação que sem a vossa colaboração e cooperação a concretização deste Projeto de Investigação não teria sido possível. Segue um agradecimento especial aos alunos que inclusivamente me orientaram e ao aluno João que, sob a autorização da sua professora, me orientou nos diversos departamentos escolares e acompanhou na introdução do estudo aos seus colegas.

Ao Prof. Doutor Artur Miguel Trigo pela liberdade de escolha temática, pela orientação precisa e rigorosa, pela disponibilidade, confiança e autonomia proporcionada.

Ao Prof. Doutor Jorge Sinval que se disponibilizou a esclarecer dúvidas pontuais e sobretudo ao Prof. Doutor João Santos que me apoiou e colaborou comigo de forma incansável na análise de dados estatísticos e respetiva revisão.

A realização da presente Dissertação simboliza o fim e início de mais um ciclo na minha vida e trajetória profissional e por isso, não posso deixar de agradecer às pessoas que comigo embarcaram e me acompanham diariamente nesta jornada que se chama vida.

Um sincero voto de agradecimento ao meu verdadeiro e eterno amigo Tomás Rebelo por todo o apoio incansável prestado, por ter compreendido os momentos de ausência, que designo de “encubação”, e me lembrou o quão capaz sou de superar qualquer desafio, comportamento esse que é tão teu.

À Sara Cidra, minha companheira de percurso que, inadvertidamente se tornou numa grande amiga, com quem embarquei nesta viagem e juntas vencemos e superámos desafios com inúmeras partilhas à mistura.

À Sara Rathenau, minha Psicóloga Clínica, um profundo “Obrigada” pelo acompanhamento e apoio constante nesta e outras fases da minha trajetória.

Aos meus pais que me ensinaram a ser independente, autónoma, obstinada, que me apoiaram e me permitiram sonhar!

Resumo

Âmbito: A Violência nas Relações Íntimas (VRI) não afeta somente a saúde e bem-estar da vítima como também afeta as famílias, amigos e sociedade. Portugal possui das maiores taxas de Violência Doméstica e por isso urge a investigação das relações afetivas de jovens, dado que é na adolescência que se iniciam os comportamentos que constituem a conceção das relações românticas adultas, bem como a normalização de padrões de relacionamento íntimo para a vida adulta. A VRI na adolescência e início da adultez trata-se de um problema de saúde pública de natureza multicausal, para o qual existem diferentes abordagens que explicam a natureza do problema.

Objetivos: O presente estudo transversal e correlacional objetiva compreender o fenómeno da VRI entre jovens, tendo em considerações os fatores individuais, sociais e socioculturais. Associou-se à VRI a violência intrafamiliar vivida em contexto familiar, no último ano, de forma a explorar os padrões relacionais dos filhos e dos adultos. Além da transgeracionalidade da violência, investigou-se as representações culturais do amor romântico, apoiadas por mitos e falsas crenças, socialmente partilhadas e aceites, que influenciam os comportamentos dos jovens e promovem riscos de perpetração e/ou vitimação de VRI.

Amostra: Através do método não probabilístico, foi recolhido uma amostra aleatória de 216 jovens (14-23 anos) com nacionalidade portuguesa ou que residam em Portugal há pelo menos 2 anos. A recolha da amostra decorreu em 3 Escolas de Ensino Profissional na Área Metropolitana de Lisboa, mais especificamente no distrito de Setúbal, cuja entidade foi omissa.

Instrumentos: Todos os participantes preencheram um conjunto de escalas de autorrelato: 1) *Questionário Sociodemográfico*; 2) *Sinalização do Ambiente Natural Infantil (S.A.N.I)*, 3) *Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes (CADRI-P)* e 4) *Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico (RLMQ)*.

Resultados: Cerca de 45,3% já infligiu alguma agressão e 47,3% sofreu de VRI, sendo a violência verbal/emocional o tipo de violência mais perpetrada e sofrida entre os jovens em contexto de intimidade, mas também familiar. O estudo evidencia que o abuso intrafamiliar e as crenças no amor romântico (*e.g.*, Quem te ama, bate-se) estão associadas à perpetração e vitimação de VRI entre jovens.

Palavras-Chave: Violências nas Relações Íntimas (VRI); Adolescência; Jovens Adultos; Exposição à Violência Intrafamiliar (VI); Mitos sobre o Amor Romântico;

Abstract

Background: Intimate partner violence (IPV) not only affects the health and wellbeing of the victim, but as well their families, friends and overall society. Portugal has one of the highest rates of domestic violence, which is why there is an urgent need for research into the affective relationships of youths, given that it is during adolescence that the behaviours that constitute the conception of adult romantic relationships begin, as well as the normalization of intimate relationship patterns for adult life. IPV in adolescence and early adulthood is a public health problem of a multicausal nature, for which there are different approaches that explain the nature of the problem.

Objectives: This cross-sectional and correlational study aims to understand the IPV phenomenon among young people, having in consideration the individual, social and sociocultural factors. The IPV was associated with intrafamily violence experienced in the family context in the last year, in order to explore the relational patterns of children and adults. In addition to the transgenerational nature of violence, we investigated cultural representations of romantic love, supported by socially shared and accepted myths and false beliefs, which influence young people's behaviour and promote the risk of perpetrating and/or being a victim of intimate partner violence.

Sample: Using the non-probabilistic method, a random sample of 216 young people (14-23 years old) with Portuguese nationality or who have lived in Portugal for at least 2 years was taken. The sample was taken from 3 Vocational Schools in the Lisbon Metropolitan Area, specifically in the district of Setúbal, whose name was omitted.

Methods: All participants completed a set of self-report scales: 1) *Sociodemographic Questionnaire*; 2) *Sinalização do Ambiente Natural Infantil (S.A.N.I)*, 3) *Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes (CADRI-P)* e 4) *Romantic Love Myths Questionnaire (RLMQ)*.

Results: Around 45.3 per cent have already inflicted some form of aggression and 47.3 per cent have suffered IPV, with verbal/emotional violence being the type of violence most perpetrated and suffered by young people in intimate and family circles. Intrafamily abuse and beliefs in romantic love (e.g., Who loves you, beats you) are associated with the perpetration and victimisation of IPV among young people.

Keywords: Intimate Partner Violence (IPV); Adolescence; Young Adults; Exposure to Intrafamily Violence (IV); Myths about Romantic Love;

Índice

1. Introdução	1
2. Revisão de Literatura	4
2.1. Introdução à Violência nas Relações Íntimas no Geral	4
2.1.1. Enquadramento Legal e a Realidade em Portugal	4
2.1.2. Sobre a Violência nas Relações Íntimas: Perspetiva Geral	5
2.2. População Juvenil	7
2.2.1. A Importância das Relações Íntimas para os Jovens	7
2.2.2. Violência Manifestada nas Relações Íntimas de Juvenis	9
2.2.3. Fatores individuais contribuem para a vitimação	12
2.2.4. Fatores sociais contribuem para a vitimação	16
2.2.5. Consequências da Violência nas Relações Íntimas	18
2.3. Violência entre Gerações	20
2.3.1. Efeito do Processo <i>Spillover</i> no Sistema Familiar	20
2.3.2. Teoria Psicossocial – Teoria da Aprendizagem Social	22
2.4. Crenças nos Mitos sobre o Amor Romântico	24
3. Objetivos e Hipóteses do Estudo	28
3.1. Objetivos Gerais	28
3.2. Objetivos Específicos	28
3.3. Hipóteses do Estudo	30
4. Método	30
4.1. Participantes	30
4.2. Critérios	31
4.2.1. Critérios de Inclusão	31
4.2.2. Critérios de Exclusão	32
4.3. Instrumentos	32
4.3.1. Questionário Sociodemográfico	32
4.3.2. Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes	33
4.3.3. Sinalização do Ambiente Natural Infantil	34

4.3.4. Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico.....	35
4.4. Procedimento	36
5. Questões Éticas	37
5.1. Armazenamento e Proteção de Dados	37
6. Análise de Resultados	38
6.1. Estudo dos Pressupostos de Normalidade	39
6.2. Estatística Descritiva	40
6.2.1. Estatística Descritiva sobre os Dados Sociodemográficos.....	40
6.2.2. Estatística Descritiva sobre a Perpetração de VRI.....	42
6.2.3. Estatística Descritiva sobre a Vitimação de VRI	44
6.2.4. Estatística Descritiva sobre a Violência Intrafamiliar	46
6.3. Estatísticas Inferenciais sobre a Vitimação de VRI	47
6.4. Estatísticas Inferenciais sobre o Ambiente Familiar	51
6.5. Estatísticas Inferenciais sobre as Crenças no Amor Romântico	52
7. Discussão	54
7.1. Limitações do Estudo.....	61
8. Considerações Finais	62
9. Bibliografia	65
ANEXOS	77
1. ANEXO H – Dados Sociodemográficos de Vítimas e Denunciados (2019-2021, RSSI)	77
2. Recursos e Instrumentos no Âmbito da Investigação	77
2.1. ANEXO A: Base de Dados de Entidades Escolares Recrutadas	77
2.2. ANEXO B: Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecimento para Encarregados de Educação	78
2.3. ANEXO C: Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecimento para Jovens Adultos.....	80
2.4. ANEXO C: Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecimento para Adolescentes	82
2.5. ANEXO C: Questionário Sociodemográfico	84
2.6. ANEXO D: Sinalização do Ambiente Natural	85

2.7.	ANEXO E: Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes.....	86
2.8.	ANEXO F: Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico.....	87
3.	Autorizações Concedidas.....	88
3.1.	ANEXO G - <i>Email</i> da Prof. ^a Doutora Jeane Braga.....	88
3.2.	ANEXO H - <i>Email</i> da Prof. ^a Doutora Isabel Sani.....	89
3.3.	ANEXO I – <i>Email</i> da Prof. ^a Doutora Laura Vazquez.....	89
4.	Análise da Fiabilidade e Consistência Interna dos Instrumentos.....	89
4.1.	ANEXO J – Análise da Fiabilidade e Consistência Interna da escala CADRI-P (2013)	89
4.2.	ANEXO K – Análise da Fiabilidade e Consistência Interna da escala SANI (2003)	90
4.3.	ANEXO L – Análise da Fiabilidade e Consistência Interna da escala QMAR	90
5.	Tabelas para Análise de Pressupostos da Normalidade.....	91
5.1.	Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala CADRI-P por Grupo (Agressor e Vitima).....	91
5.1.1.	ANEXO M - Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito (Agressor).....	91
5.1.2.	ANEXO N - Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito (Vitima).....	91
5.1.3.	ANEXO O - Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Positivas de Gestão de Conflito.....	92
5.2.	Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala SANI.....	92
5.2.1.	ANEXO P – Tabela da Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala SANI	92
5.3.	Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala QMAR.....	92
5.3.1.	ANEXO Q – Tabela da Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala QMAR	92
6.	Caraterização da Amostra.....	93
6.1.	ANEXO R - Dados Sociodemográficos dos Participantes.....	93

6.2.	ANEXO S - Dados Sociodemográficos dos Parceiros Atuais/Passados.....	93
6.3.	ANEXO T – Dados Descritivos sobre o Ambiente Familiar.....	94
6.4.	ANEXO U – Dados Descritivos sobre o Ambiente Familiar por Género	95
6.5.	ANEXO V – Dados Descritivos das Agressões Atualmente Vividas em função da Estrutura Familiar	95
6.6.	ANEXO W – Dados Descritivos das Agressões Testemunhadas em função da Estrutura Familiar	96
6.7.	ANEXO X – Dados Descritivos das Agressões Sofridas em função da Estrutura Familiar.....	96
6.8.	ANEXO Y – Violência Intrafamiliar por Concelho	97
6.9.	ANEXO Z – Violência nas Relações Íntimas por Concelho	97
6.10.	ANEXO AA – Dados Descritivos sobre a Conduta dos Participantes na Relações Íntimas.....	98
6.11.	ANEXO AB – Dados Descritivos sobre a Vitimação nas Relações Íntimas	100
6.12.	ANEXO AC – Frequência e caraterização das situações de violência doméstica.	102
6.13.	ANEXO AD – Frequência do envolvimento dos jovens em situações de violência doméstica	103
6.14.	ANEXO AE – Relação entre as Estratégias Positivas de Gestão de Conflito e o tipo de Relação Íntima.....	104
7.	Dados Inferenciais sobre as Relações Íntimas	104
7.1.	ANEXO AF – Caraterização das relações íntimas dos jovens portugueses/não-portugueses em função do género	104
7.2.	ANEXO AG – Variância do tipo de violência perpetrada ou sofrida em função do género	105
7.3.	ANEXO AH – Variância do tipo de violência perpetrada ou sofrida em função da idade.....	105
7.4.	ANEXO AI – Variância do tipo de violência perpetrada ou sofrida em função da orientação sexual.....	107
7.5.	ANEXO AJ – Relação entre tipo de violência e o tipo de relação íntima	108
7.6.	ANEXO AK – Relação entre o tempo do tipo de relação íntima e a frequência de VRI perpetrada/sofrida	109

7.7.	ANEXO AL – Relação entre as Estratégias Positivas de Gestão de Conflito e o tipo de Relação Íntima.....	111
7.8.	ANEXO AM – Relação entre Violência nas Relações Íntimas e a estrutura familiar	112
7.9.	ANEXO AN – Influência da Violência Intrafamiliar na perpetração de VRI	112
8.	Dados Inferenciais sobre o Ambiente Familiar	113
8.1.	ANEXO AO – Relação entre tipos de violência intrafamiliar e nacionalidade	113
8.2.	ANEXO AP – Relação entre tipos de violência intrafamiliar e estrutura familiar	113
8.3.	ANEXO AQ – Relação entre violência intrafamiliar e o gênero dos filhos	114
8.4.	ANEXO AR – Relação entre violência intrafamiliar e idade dos filhos	114
8.5.	ANEXO AS – Associação entre diferentes tipos de violência intrafamiliar	115
9.	Dados Inferenciais sobre as Crenças no Amor Romântico	115
9.1.	ANEXO AT – Relação entre a estrutura familiar e os mitos sobre o amor romântico.....	115
9.2.	ANEXO AU – Relação entre tipos de violência intrafamiliar e estrutura familiar	116
9.3.	ANEXO AV – Relação entre a VRI e os mitos sobre o amor romântico.....	118
9.4.	ANEXO AW – Diferenças entre mitos em função da relação íntima.	120
9.5.	ANEXO AX – Relação entre o gênero e as crenças nos mitos sobre o amor romântico.....	121
9.6.	ANEXO AY – Relação entre tipos de violência intrafamiliar e estrutura familiar	122

Índice de Gráficos

Gráfico 1 Frequência de Comportamentos Violentos no Sistema Familiar	94
Gráfico 2 Violência Intrafamiliar Vivida em Função do Género (infância-actualidade).	95
Gráfico 3 Tipos de Violência Vivida por Estrutura Familiar	95
Gráfico 4 Tipos de Violência Testemunhada e Respetiva Estrutura Familiar	96
Gráfico 5 Tipos de Violência Sofrida e Respetiva Estrutura Familiar	96
Gráfico 6 Registo de Violência Intrafamiliar ao longo da vida e por Concelho (se pelos concelhos com as taxas mais elevadas)	97
Gráfico 7 Taxa de VRI perpetrada por Concelho.....	97
Gráfico 8 Frequência das crenças no amor romântico de acordo com o tipo de relação íntima.....	121
Gráfico 9 Variância entre mitos por género (subescala Idealização)	122
Gráfico 10 Variância entre mitos por género (subescala Amor-Abuso)	122

Índice de Tabelas

Tabela 1 Dado do Relatório do Sistema de Segurança Interna de 2019, 2020 e 2021...	77
Tabela 2 Estatística de confiabilidade e Estatística de item da escala CADRI-P.....	89
Tabela 3 Estatística de confiabilidade e Estatística de item da escala SANI	90
Tabela 4 Estatística de confiabilidade e Estatística de item da escala QMAR (2021)...	90
Tabela 5 Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito (Agressor).....	91
Tabela 6 Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito (Vitima).....	91
Tabela 7 Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Positivas de Gestão de Conflito (Agressor vs. Vitima).....	92
Tabela 8 Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala SANI	92
Tabela 9 Análise de Pressupostos da Normalidade do Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico.....	92
Tabela 10 Dados Sociodemográficos dos Participantes	93
Tabela 11 Dados Sociodemográficos dos Parceiros Atuais/Passados.....	93
Tabela 12 Frequência da perpetração nas relações íntimas atuais ou passadas (Grupo Agressor)	98
Tabela 13 Frequência da vitimação nas relações íntimas atuais ou passadas (Grupo Vítima).....	100
Tabela 14 Dados descritivos da escala SANI (2003)	102
Tabela 15 Dados descritivos da escala SANI referente à vitimação	103
Tabela 16 Frequência de violência intrafamiliar por concelho	104
Tabela 17 Teste Estatístico sobre padrões relacionais em função do género, separado por participantes portugueses e não portugueses	104
Tabela 18 Valores descritivos e inferenciais da violência perpetrada/vitimada por Género (Grupo Agressor vs. Vítima)	105
Tabela 19 Correlação entre o tipo de violência perpetrada e a idade	105
Tabela 20 Estimativas de Parâmetro. Grupo Vitima e Idade	106
Tabela 21 Teste de Estatística Kruskal-Wallis - Relação entre VRI e Grupos Etários	106
Tabela 22 Teste de Estatística Spearman - Correlação entre vitimação e idade do companheiro atual/passado.....	106

Tabela 23 Teste de Estatística Kruskal Wallis - Relação entre tipo de violência perpetrada em função da orientação sexual.....	107
Tabela 24 Teste de Estatística Kruskal Wallis - Relação entre tipo violência sofrida em função da orientação sexual.....	107
Tabela 25 Teste de Estatística Kruskal Wallis - Faixa etária dos perpetradores de violência em função da orientação sexual.....	108
Tabela 26 Teste estatístico Mann-Whitney - Relação entre tipo de violência e relação íntima ^a (Grupo Agressor).....	108
Tabela 27 Teste estatístico Mann-Whitney - Relação entre tipo de violência e relação íntima ^a (Grupo Vitima).....	108
Tabela 28 Valores descritivos da perpetração por Grupo em função do tipo de relação íntima.....	109
Tabela 29 Estimativas de Parâmetro. Grupo Agressor e Tempo da Relação Estável ..	109
Tabela 30 Estimativas de Parâmetro. Grupo Agressor e Tempo da Relação Casual ...	110
Tabela 31 Estimativas de Parâmetro. Grupo Vitima e Tempo da Relação Estável.....	110
Tabela 32 Estimativas de Parâmetro. Grupo Vitima e Tempo da Relação Casual	111
Tabela 33 Dados Descritivos das Estratégias Positivas de Resolução de Conflito por Grupo e Tipo de Relação Íntima.....	111
Tabela 34 Teste Estatístico T-student para amostras independentes - Relação entre Estratégias Positivas e tipo de Relação Íntima	111
Tabela 35 Teste Estatístico Kruskal-Wallis - Relação entre estrutura familiar e vitimação/perpetração de VRI.....	112
Tabela 36 Estimativas de Parâmetro - Influência da Violência Intrafamiliar sobre a perpetração de VRI.....	112
Tabela 37 Teste estatístico T-student para amostras independentes - Relação entre tipo de violência intrafamiliar e nacionalidade.....	113
Tabela 38 ANOVA a 1 Fator - Relação entre violência intrafamiliar e Estrutura Familiar	113
Tabela 39 Teste estatístico Mann-Whitney ^a – Avaliação da relação entre violência intrafamiliar e gênero.....	114
Tabela 40 Teste de Estatística Spearman - Correlação entre Violência Intrafamiliar e Idade dos Jovens.....	114
Tabela 41 Teste de Estatística Pearson - Correlação entre tipos de violência intrafamiliar	115

Tabela 42 ANOVA a um Fator – Relação entre Mitos sobre o Amor Romântico e Estrutura Familiar.....	115
Tabela 43 ANOVA a 1 Fator - Relação entre violência intrafamiliar e Estrutura Familiar	116
Tabela 44 Teste Post-hoc Dunnett t (Bilateral) ^a - Comparações múltiplas entre mitos e estrutura familiar.....	116
Tabela 45 Teste Estatístico de Kruskal-Wallis - Relação entre a estrutura familiar e mitos sobre o amor romântico	118
Tabela 46 Teste Estatística de Pearson - Correlação entre tipos de violência perpetrada e crenças dos participantes (Subescala Idealização)	118
Tabela 47 Teste Estatística de Pearson - Correlação entre tipos de violência perpetrada e crenças dos participantes (subescala Amor-Abuso)	119
Tabela 48 Teste estatístico T-student para amostras independentes - Relação entre mitos e o tipo de relação íntima.....	120
Tabela 49 Teste estatístico T-student para amostras independentes - Relação entre mitos e gênero.....	121
Tabela 50 Teste ANOVA a 1 Fator – Relação entre Mitos sobre o Amor Romântico e Orientação Sexual.....	122
Tabela 51 Teste Post-hoc Dunnett t (Bilateral) ^a - Comparações múltiplas entre mitos e orientação sexual	123

Lista de Abreviaturas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

DGS – Direção Geral da Saúde

LGBTIQA+ - Lésbica Gay Bissexual Transexual Intersexo Queer Assexual +

OMS – Organização Mundial da Saúde

VI – Violência Intrafamiliar

VRI – Violência nas Relações Íntimas

UISCA - Unidade de Investigação em Ciências da Saúde

WHO - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

CDC - Centers for Disease Control and Prevention

DGPJ - Direção-Geral da Polícia de Justiça

VD - Violência Doméstica

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

CIG - Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde

TCE - Traumatismo Cranioencefálico

e.g. [*exempli gratia*] - por exemplo

et al. [*et alii*] – e outros (ou seja, co-autores)

i.e. [*id est*] - isto é

viz. [*videlicet*] - nomeadamente

1. Introdução

A Violência nas Relações Íntimas (VRI) de adolescentes e jovens adultos, quando tida em conta, implica ter em atenção que se insere no quadro legal da Violência Doméstica e trata-se de um fenómeno que necessita de ser compreendido (Fonseca & Brancaglioni, 2018), bem como os seus fatores motivacionais e consequências resultantes de forma prevenir e a promover relações afetivo-sexuais saudáveis. A VRI trata-se de um conceito multifacetado, que incorpora uma série de atos e experiências violentas vividas e/ou perpetradas entre parceiros nas suas relações afetivo-sexuais e abrange vários tipos de relações íntimas (viz., estáveis ou casuais) e identidade sexual (Rowe e Jouriles, 2019). É reconhecida enquanto problema de saúde pública, pois produz um processo destrutivo na vida da vítima, afeta a sua saúde física e mental, podendo resultar em problemas de saúde, na ideação de suicídio ou suicídio, homicídio qualificado e morte (Fonseca & Brancaglioni, 2018).

Cerca de 16% de jovens com idades compreendidas entre os 15 e 24 anos já sofreram de algum tipo de violência nos últimos 12 meses, segundo a Organização das Nações Unidas (*as cited in* Organização das Nações Unidas [ONU], 2021) e trata-se de um fator risco para a idade adulta (Borges *et al.*, 2020; Cadeley, *et al.*, 2020), dado a reincidência ser frequente (WHO, 2013, *as cited in* ICISA, 2018).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) entende que a violência advém da relação entre a intenção de querer agir e agir de forma violenta (Coelho *et al.*, 2014). Neste sentido, a violência é definida como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, s.d). Ou seja, a violência pode ser autoinfligida (*e.g.*, suicídios, ideação de suicídio, tentativas de suicídio e a mutilação), interpessoal (*viz.*, violência nas relações de intimidade e violência intrafamiliar) ou coletiva (*e.g.*, violência comunitária), e trata-se de um fenómeno multicausal, estando na sua origem variáveis fatores, tais como os fatores individuais sociodemográficos (*e.g.*, idade, género, estatuto socioeconómico, etnia); socioculturais (*e.g.*, crenças culturais machistas); psicossociais (*e.g.*, o ciúme, a desconfiança e a traição); intrapessoais (perturbações de saúde mental, conflitos, ruturas afetivas, consumos e violência); contextuais (*e.g.*, família, grupo de pares) e do próprio

relacionamento (*e.g.*, satisfação e duração do relacionamento) que predizem a violência nas relações de intimidade.

Em concordância com o Artigo 152º do Código Penal (Decreto-Lei nº48/1995), a Baúto e associados (2019) entendem por violência interpessoal, nomeadamente a Violência nas Relações Íntimas (VRI), qualquer tipo de comportamento ou atitude agressiva exercida por um parceiro íntimo, cuja intensão é dominar, controlar e estabelecer uma relação de poder sobre o companheiro atual ou passado (APAV, 2020). A expressão da VRI engloba um conjunto de comportamentos abusivos que os jovens vivenciam ou perpetram nas suas relações íntimas, tais como a violência física (*e.g.*, bater, dar um soco, dar um pontapé), violência sexual (*e.g.*, relações sexuais indesejadas); económica (*e.g.*, apropriação do Cartão Multibanco; desvio de dinheiro); violência psicológica ou emocional (*e.g.*, gritar, ofender, utilização de táticas coercivas); e de perseguição (Andrade & Lima, 2018), cujo abuso pode ocorrer tanto presencialmente como virtualmente ou através de uma terceira pessoa enviada pelo agressor (CDC, 2014, *as cited in* Borges *et al.*, 2020). Para além destes, acrescenta-se a violência relacional, que diz respeito ao controlo exercido sobre o tempo livre e laços sociais da vítima (APAV, 2018).

Porém, quando se pensa em “violência nas relações íntimas” ou no perfil do agressor, atribui-se ao homem a imagem de agressor e à mulher o perfil de vítima, pelo facto da prevalência de VRI recair sobre o sexo masculino. Nas relações íntimas entre jovens há evidências consideráveis de que as relações entre adolescentes são caracterizadas pela violência bidirecional, pois não existe apenas uma pessoa agressora ou uma vítima (Park *et al.*, 2018).

A teoria ecológica explica que tais comportamentos também se devem à transgeracionalidade da violência. Na perspetiva do agressor, considera-se que no seu padrão relacional há um problema central na comunicação pelo facto de recorrer à violência enquanto estratégia de gestão de conflito (Graham-Bermann, & Hughes, 1999). Existe a possibilidade desse padrão se dever ao facto de os adolescentes terem testemunhado ao longo da sua infância lesões consequentes de comportamentos violentos perpetrados unilateralmente ou bidireccionalmente pelos pais e serem consequentemente afetados pelo poder e controlo exercido pelo mesmo agregado familiar (Graham-Bermann & Hughes, 2014; Meyer & Stambe, 2020, *as cited in* Meyer *et al.*, 2021). Também existem adolescentes que foram utilizados pelos pais como armas no abuso contra as suas mães desde uma idade precoce e/ou ensinadas pelo agressor a envolverem-se em

comportamentos abusivos, sendo atualmente descritos pelas mães como adolescentes violentos e zangados (Meyer *et al.*, 2021). Neste sentido, ressalva-se que não é a exposição à violência intrafamiliar (VI) que gera a repetição de comportamentos agressivos, mas as consequências cognitivo-emocionais daí resultantes que favorecem o desenvolvimento de esquemas desadaptativos, incluindo a apreensão das crenças de aceitação da violência, crenças errôneas sobre o amor (*e.g.*, amar é sofrer, o amor é sacrifício) e padrões disfuncionais no casal (*e.g.*, tipo de comunicação, tipo de gestão de conflito), o que aumenta o risco de perpetração e legitimação da violência nas relações afetivo-sexuais. A VI ocorre no ambiente familiar, enquanto local privilegiado, e pode ser perpetrada contra qualquer elemento considerado da família, incluindo quem assume a função parental, e não se resume a laços de consanguinidade (Cesca, 2004, *as cited in* Falcke, 2020). Caracteriza-se pela ação ou omissão que viole a integridade física ou psicológica de outro membro da família, comprometendo o direito de seu desenvolvimento pleno (Falcke, 2020).

Além do aspeto transgeracional dos conflitos parentais apontarem para a transmissão de vivência de padrões de violência nas relações íntimas, também as crenças sobre o amor romântico contribuem para a perpetração e a legitimação da VRI (Borges, 2018; Borges & Dell'Aglio, 2020), resultando daí a justificação dos comportamentos violentos do parceiro (Bonilla *et al.*, 2017, *as cited in* Ruiz *et al.*, 2022). Neste seguimento, os mitos sobre o amor romântico (*e.g.*, *amor verdadeiro une duas almas gémeas, dura para sempre, pode resistir a tudo ou por amor perdoa-se tudo*) são crenças socialmente e culturalmente contruídas, intergeracionalmente transmitidas, consideradas como verdades absolutas e pouco flexíveis. Estas crenças assentam na desigualdade de género (Ferrer *et al.*, 2010, *as cited in* Bonilla-Algovia & Rivero, 2021) e que se traduzem em padrões de comportamento nas relações afetivo-sexuais (Castillo, 2018, *as cited in* Ruiz, *et al.*, 2022). O amor romântico está relacionado com uma série de mitos românticos vinculados à abnegação, dependência, complementaridade, posse, sofrimento, ciúme, controlo, entre outros (Bonilla-Algovia & Rivero, 2021), que limitam a liberdade individual e geram condições para a perpetração de situações de violência essencialmente conta as mulheres (Cubells Serra & Calsamiglia Madurga, 2015, *as cited in* Bonilla-Algovia & Rivero, 2021). Há determinados comportamentos que os jovens consideram provas de amor, o que dificulta o reconhecimento da violência nas relações íntimas (García-Díaz *et al.*, 2018, *as cited in* Bonilla-Algovia & Rivero, 2021), particularmente quando o seio familiar é caracterizado por condutas abusivas, igualmente marcado por

questões culturais e atitudes sexistas, promove ausência de imposição de limites (Bonilla-Algovia & Rivero, 2021; Ruiz *et al.*, 2022).

Na presente investigação, com base na revisão de literatura sobre os temas supracitados, está contemplada a grande questão de investigação “será que a exposição e vitimação de VI, assim como as falsas crenças sobre o amor romântico, influenciam os comportamentos dos jovens nas relações íntimas?” E, “de que forma este fenómeno impacta a o bem-estar e sobretudo, a saúde mental dos jovens?”

2. Revisão de Literatura

2.1. Introdução à Violência nas Relações Íntimas no Geral

2.1.1. Enquadramento Legal e a Realidade em Portugal

Em 2013, Portugal foi dos primeiros países signatários da Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica, mais conhecida como a Convenção de Istambul, cujo foco é a eliminação da violência e da violência doméstica contra as mulheres, incluindo menores, com um custo anual de 2.552.698.493 Euros, zelando pela prevenção e a igualdade de género (Série de Tratados do Conselho da Europa Nº 210). A nível global, cerca de 1 em cada 3 mulheres (736 milhões) sofre ou já sofreu de violência física ou sexual ao longo da vida nos países ricos e nos países de baixo e médio rendimento a escala é de 1 em cada 2 mulheres (Organização das Nações Unidas [ONU], 2021). Em Portugal, nomeadamente em 2019, 29.489 vítimas sofreram de violência doméstica nas relações íntimas, o que corresponde ao maior registo desde 2010 com uma variação de 11,4% (3015 casos), segundo o Relatório Anual de Segurança Interna de 2019. Com base na recolha de dados dos Relatórios Anuais de Segurança Interna (2019, 2020, 2021 e 2022), na Tabela 1 verifica-se um decréscimo de casos de 6,3% e 5,5% entre 2020 e 2021, anos considerados atípicos devido à Pandemia COVID-19. Estes factos corroboram com os dados do Instituto Nacional de Estatística (2022), produzidas pela Direção-Geral da Política de Justiça (DGPIJ), pelo facto de as autoridades policiais terem registado 29498 crimes de violência doméstica em 2019 e que no ano de 2020 e 2021 verificou-se um decréscimo. As Estatísticas de Justiça (2022) indicam ainda que os distritos mais afetados são Lisboa (19.101), Porto (13.571) e Setúbal (8.077), confirmando os dados apresentados pela Segurança Interna. Quanto à faixa etária, denota-se que tanto as vítimas como os alegados agressores têm idades iguais ou superiores a 25 anos e em 2021 registou-se a maior taxa

de vítimas com idades inferiores a 16 anos (Sistema de Segurança Interna, 2022), destacando que a VRI de pessoas com idades entre os 15 e 44 anos trata-se de uma das principais causas de morte a nível mundial. Em média, ocorrem mais do que dois femicídios por dia nos Estados Membros, cometidos por um parceiro íntimo ou membro do agregado familiar. As Estatísticas de Justiça (2021) indicam que 95% dos condenados são do sexo masculino, o que permite observar que uma vez mais e de forma generalizada, que o sexo feminino sofre mais de violência nas relações íntimas do que o sexo masculino, embora se reconheça a bidirecionalidade da violência, o que torna o casal igualmente vítima desse mesmo abuso.

2.1.2. Sobre a Violência nas Relações Íntimas: Perspetiva Geral

Em Portugal a VRI é tipificada como Violência Doméstica (VD) e desde 2000 que é considerada um crime-público, o que pode ser comprovado na legislação nacional, trata-se do tipo de crime mais denunciado (Capinha *et al.*, 2022). Os Relatórios Anuais de Segurança Interna (RASI) e respetivas análises das ocorrências criminais participadas às autoridades evidenciam que desde 2019 que a VRI é o tipo de crime mais denunciado em Portugal (Martins & Rodrigues, 2022, Capinha *et al.*, 2022, RASI, 2022). Neste sentido, a temática da violência continua a ser uma questão de violação dos direitos humanos assente na discriminação Convenção de Istambul (2011). Tanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) como o *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC, 2022) definem a VRI com base na ocorrência de diferentes tipos de violência, nomeadamente a violência física, sexual e psicológica, sem negligenciar a violência relacional, económica, o *stalking*¹ e a ciberviolência exercida contra uma pessoa que pode resultar em danos para a vítima (Capinha *et al.*, 2022; Rowe & Jouriles, 2019; OMS, 2021; CDC, 2022). Da mesma forma que com o incremento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), os telemóveis, os *tablets* e redes sociais que facilitaram a comunicação entre pares, também facilitam o controlo do companheiro, possuindo os seus dados de conta *online*, a sua localização ou o conhecimento das suas interações sociais, cujo comportamento não é percecionado coercivo (Fernet *et al.*, 2023). No que

¹ O termo *stalking* refere-se à perseguição de alguém com quem o indivíduo pretende estabelecer ou manter uma relação íntima, e por isso expressa o seu desejo com comportamentos de perseguição (Creamer & Hand, 2022). Cupach e Spitzberg (2014; p. 13) definem *Obsessive Relational Intrusion* ([ORI] Intrusão Obsessiva na Relação) enquanto padrão de perseguição repetida, intrusão indesejada e invasão de privacidade física e simbólica, exercida por uma pessoa estranha ou conhecida, que deseje e/ou julgue ter uma relação íntima com a vítima. No entanto, ORI trata-se de uma situação aborrecida, irritante ou frustrante, mas não necessariamente ameaçadora ao contrário da perseguição (p. 13).

concerne à violência sexual, Humbert e seus colaboradores (2021) evidenciam que por vezes a violência sexual é separada da violência física, sem ser discutida como fazendo parte da mesma, cuja observação deve ser tida em conta.

Kelly e Johnson (2008) apresentam quatro tipos de violência que ocorrem com mais frequência nas relações de intimidade. A violência situacional do casal trata-se do tipo de violência que ocorre com mais recorrência na população geral e é perpetrada por ambos. Deriva de uma troca de argumentos entre parceiros íntimos, que com base na intensificação, podem ocasionalmente resultar em violência psicológica devido a uma baixa capacidade de gestão de conflito e/ou de raiva. Este é o tipo de violência recolhido em inquéritos para fins estatísticos, que com base na taxa de VRI, dá origem à simetria de género (Bermea, *et al.*, 2022). A violência de controlo coercivo é o tipo de violência íntima mais usada e tem origem quando um parceiro pretende ter uma relação de poder, ao exercer controlo sobre o outro com táticas de isolamento, incutir medo, culpabilizar, ameaçar e entre outras, limitar os recursos (*e.g.*, controlo financeiro). Nem todas as táticas são utilizadas, apenas a combinação de algumas que sejam mais favoráveis para os agressores, dado que podem ser mais eficazes do que a violência física (Kelly & Johnson, 2008). No entanto, se recorrer à violência física, o outro parceiro pode tornar-se igualmente agressivo como forma de autodefesa ou em defesa de outrem, dando origem ao tipo de resistência violenta (Kelly & Johnson, 2008; Bermea, *et al.*, 2022). Por último, quando um parceiro íntimo finda a relação afetivo-sexual, sob choque e inconformado com a situação, se o seu parceiro perder o controlo psicológico no sentido de danificar bens-materiais, atirar propositadamente objetos sobre si, dá-se a *violência instigada pela separação*.

Os tipos de violência aqui mencionados resultam em danos e/ou sofrimento físico, psicológico, sexual ou económico, ameaças e na limitação da liberdade do outro, tanto em público como em privado, segundo a Convenção de Istambul (2011). Ademais, tanto pode ser perpetrada e/ou sofrida por atuais companheiros/as a ex-companheiros/as, incluindo pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, com quem a pessoa mantém ou já manteve uma relação íntima, tendo ou não coabitado (Ventura *et al.*, 2013). Embora a prevalência da VRI recaia sobre o sexo feminino, o que ao longo da história colocou o homem numa posição de domínio sobre a mulher (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género [CIG], 2022; Martins & Rodrigues, 2022), o exercício da violência também ocorre entre casais com diferentes entidades sexuais e também é exercido por mulheres contra homens (Ventura *et al.*, 2013). Outros autores referem-se à VRI como

existindo o *continuum* de um conflito hostil que escala até à violência psicológica e/ou física, inicialmente perpetrada de forma ocasional e que posteriormente torna-se frequente e severa (Capaldi & Kim, 2007). Os jovens casais que vivem numa relação turbulenta, o prognóstico não é favorável, pois a longo prazo, os comportamentos abusivos tendem a continuar e a agravar-se (González-Ortega *et al.*, 2008, *as cited in* Ventura *et al.*, 2013).

2.2. População Juvenil

2.2.1. A Importância das Relações Íntimas para os Jovens

A adolescência (10 a 19 anos) é uma fase de transição entre a infância e a idade adulta e trata-se de um período crucial para o desenvolvimento neurobiológico, psicológico e social (Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], s.d.; Direção-Geral da Saúde (s.d); Braams & Krabbendam, 2022), marcado pelo desenvolvimento de identidade pessoal e sexual (Christie & Viner, 2005). É um período sensível com grandes mudanças, durante o qual lidam com a puberdade e alterações corporais dimórficas sexuais. A nível psicológico desenvolvem um conjunto de competências (*e.g.*, regulação emocional, complexo pensamento concreto e abstrato, identidade sexual, identificação pessoal) e a nível social, separam-se emocionalmente dos pais, passam mais tempo em grupo de pares (Christie & Viner, 2005; Braams & Krabbendam, 2022), nos quais desenvolvem valores e comportamentos (Moreira *et al.*, 2021), emergem impulsos sexuais, exploram a sua sexualidade, desenvolvem relações íntimas com outras pessoas e têm uma vida sexual ativa. Devido a fatores contextuais, sob a influência de grupo podem assumir comportamentos de risco (*e.g.*, consumo de substâncias psicoativas, ter relações desprotegidas) que terão implicações na saúde e bem-estar (Chandra-Mouli *et al.*, 2015). Em contrapartida e preferencialmente, também podem desenvolver comportamentos desejáveis que contribuem para a manutenção de um estilo de vida saudável e adoção de ações pro-sociais (Moreira *et al.*, 2021; Braams & Krabbendam, 2022).

Por outras palavras, a adolescência é uma janela de oportunidades para o autoconhecimento, aquisição de autonomia, independência emocional, pessoal e financeira dos seus progenitores (Christie & Viner, 2005), que se resume na aquisição de maturidade. Trata-se de uma fase durante a qual desenvolvem a sua identidade, identidade sexual, personalidade, novas formas de ser e de estar na relação com o outro, e neste sentido, urge a educar os jovens para o desenvolvimento de comportamentos saudáveis relativamente à educação sexual e prevenção da violência nas relações íntimas.

Relativamente às relações íntimas, jovens que atualmente se encontram numa relação afetivo-sexual e que tiveram uma experiência sexual, 23,5% destaca ser dos aspetos mais importante das suas vidas, embora 7,3% não ligue muito, segundo os resultados do Relatório Nacional da Saúde de Adolescentes em Contexto de Pandemia (Gaspar *et al.*, 2022). Dos rapazes, 18,3% já tiveram relações sexuais comparativamente com as adolescentes (12%), cujos dados corroboram com os do estudo de Fernandes e colaboradores (2020) no sentido de que adolescentes do sexo masculino iniciam a atividade sexual mais cedo comparativamente com o sexo feminino. É cada vez mais frequente os jovens (71,1%) terem tido a primeira relação sexual aos 14 anos ou mais tarde, usando métodos contraceptivos (Gaspar *et al.*, 2022; Fernandes *et al.*, 2018) comparativamente com as adolescentes que iniciam pelos 15 anos (Fernandes *et al.*, 2018). Para além da “idade”, a fase da adolescência, a longevidade e qualidade da relação atual ou passada, os riscos e benefícios resultantes são variáveis que caracterizam e diferenciam as experiências das relações íntimas entre os jovens bem como o significado do término das relações e os dissabores (Leadbeater *et al.*, 2018, p. 4). As relações íntimas mais duradouras dos adolescentes tendem a iniciar-se a meio ou no final da adolescência e no início da idade adulta, sendo que o período da adolescência e o início da adultez são fases de maior vulnerabilidade e resistência a padrões agressivos em relacionamentos íntimos (Goodnight *et al.*, 2017).

A forma como o adolescente sente, expressa, vivencia e internaliza o amor, depende de um conjunto de fatores contextuais (*e.g.*, familiares, meios de comunicação, grupos sociais, conteúdo audiovisual) (Chaves, 2010), sendo o amor por norma associado à dor e ao sacrifício aquando o término de uma relação ou sobrevivência a episódios violentos (Ricardo *et al.*, 2015, *as cited in* Sousa, 2021). Além disso, o amor adquiriu formas diferentes de acordo com cada época e interesses pessoais. Com as mudanças demográficas nos últimos dois séculos, os jovens deram ênfase à liberdade individual, ao tempo presente, à novidade, à liberdade de escolha, percecionando os compromissos duradouros como aprisionamentos (Chaves, 2010). Além disso, as tecnologias de informática e comunicação (TIC) também passaram a desempenhar um papel crucial e crescente na vida social dos jovens (Fernet *et al.*, 2023), pois proporcionam-lhes oportunidades e facilitam o contacto com pares, tanto em público como em privado.

Atualmente, os diferentes tipos de relações íntimas são orientados por um conjunto de normas e regras partilhadas que proporcionam a autossatisfação, autorrealização, vivência do momento, liberdade e maior pragmatismo (Chaves, 2010;

Moreira *et al.*, 2021), livres de qualquer limitação ou constrangimento que lhes possa ser imposto (*e.g.*, namorado). Neste seguimento, os jovens utilizam designações ricas e diversificadas que descrevem e identificam as suas relações íntimas. Segundo o estudo de Moreira e colaboradores (2021), tanto adolescentes do sexo feminino como masculino aplicam termos (*viz.*, paixoneta, desejar alguém, curtes, amigos com benefícios, amigos coloridos, *friendzone*, *one night stand*, namoro) que são semelhantes na linguagem utilizada, cujas explicações são igualmente próximas, o que permite categorizar o tipo de relacionamento íntimo com base na atração (*e.g.*, paixoneta), afetividade (*e.g.*, amigos coloridos, *friendzone*) e no prazer sexual (*e.g.*, “curtes”, amigos com benefícios). Moreira e colaboradores (2021) concluíram com base numa amostra portuguesa (M=16 anos) que os jovens diferenciam o namoro (*viz.*, relação estável) de outros relacionamentos íntimos (*viz.*, relações casuais). Foi por esta razão que no atual estudo optei pela designação de violência na relação íntimas em vez de violência no namoro por ser mais abrangente e inclusivo, permitindo-me uma maior proximidade junto dos jovens.

2.2.2. Violência Manifestada nas Relações Íntimas de Juvenis

A adolescência, fase de enorme importância e de descobertas, na qual na maioria das vezes ocorrem os primeiros relacionamentos afetivo-sexuais (Moreira *et al.*, 2021), cuja experiência relacional contribui geralmente para o desenvolvimento positivo dos jovens e aumenta os seus níveis de apoio social percebidos (Hancock *et al.*, 2017). É também nesta altura que podem surgir os primeiros episódios de violência que conceitualmente se configuram no fenómeno de “violência no namoro” ou “violência nas relações íntimas” (Silvia, 2023). Uma relação íntima pouco saudável pode ser caracterizada pelos comportamentos negativos dirigidos a outrem, incluindo sentimentos de raiva e abuso emocional, o desrespeito, o isolamento e a exclusão de amigos e familiares, fazer ameaças, intimidar, culpabilizar, humilhar e forçar sexualmente o companheiro (Leadbeater *et al.*, 2018).

De acordo com Teixeira (2015, *as cited in* Sousa, 2021) não existe “um perfil universal aplicável a todos os agressores que os possa descrever ou caracterizar”. Contudo, podemos analisar resultados de alguns estudos que procuraram identificar padrões de violência perpetrada com base na variável sexo, atendendo ao facto de que tais padrões desenvolvem nas relações românticas na adolescência e tendem a estender-se até ao início da idade adulta (Cadeley, *et al.*, 2020).

No estudo de Abileira e respectivos colaboradores (2019), jovens do sexo feminino tendem a exercer mais violência física, verbal e/ou emocional enquanto que os resultados do estudo de Rey-Anacona (2017) ditam que são os jovens do sexo masculino quem apresenta ter uma maior taxa de perpetração de violência física e/ou sexual adicionalmente. Em contraste com outros estudos, adolescentes do sexo feminino de nacionalidade brasileira apresentam exercer mais violência física do que o sexo masculino, sendo a violência sexual mais perpetrada pelo sexo masculino, cujo tamanho do efeito é pequeno (Borges *et al.*, 2020). Outro estudo da mesma autoria (Borges *et al.*, 2020a) apresentou novamente o sexo feminino enquanto população que perpetra mais violência psicológico verbal/emocional, violência física e violência psicológica/ ameaças, enquanto a violência sexual é mais perpetrada pelo sexo masculino.

No entanto, um estudo nacional concluiu o oposto com os rapazes a apontarem atos violentos e as raparigas a sofrerem mais de violência. No conjunto de rapazes e raparigas, 53,9% já sofreu pelo menos de um ato de violência no namoro e 35% já teve pelo menos um comportamento violento (Neves *et al.*, 2020). Já no estudo de Fernandes e colaboradoras (2018), sobretudo sensível à perpetração, as investigadoras observaram que dos adolescentes portugueses ($M = 14,96$ anos), são os rapazes quem possuem uma frequência de violência perpetrada mais elevada, *viz.*, violência sexual, comportamento ameaçador, violência relacional, violência física, comparativamente com as adolescentes ($M_{\text{rapaz}} = 35,6$ vs. $M_{\text{rapariga}} = 18,4$), o que reflete uma certa legitimação e tolerância do sexo feminino face ao abuso (Fernandes *et al.*, 2018). No entanto, a violência emocional não varia em função do sexo. Noutro estudo, Machado e Ventura (2012) procuraram saber se tais padrões relacionais abusivos se refletem nas relações ocasionais. Concluíram que dos participantes ($M = 18,6$ anos) que se encontravam numa relação afetivo-sexual ocasional, 43,2% já cometeu pelo menos um ato violento e 37,3% já sofreu de pelo menos um ato violento. A violência física (30,1%) e emocional (27,4%) ocorrem com maior frequência, entre os quais a violência emocional (20,1%) é o tipo de violência mais sofrida. Entre os sexos, não existem diferenças significativas relativamente ao tipo de violência perpetrada, exceto a violência sexual (74,1%) e emocional (58,3%) que é mais comum na amostra masculina, sendo, porém, os que mais sofrem de violência física (66,3%).

Os participantes ($M = 22,11$ anos) constataram no estudo de Nelas e seus colaboradores (2020) que a maioria dos casos de violência ocorreram em casa (50,7%), na faculdade (40,3%), no local de trabalho (6%), na rua (47,8%) e online (38%), sendo o controlo (56,4%) e a violência psicológica (26,5%) o tipo de violência mais observado no

namoro. Conseguiram constatar que os participantes do sexo masculino manifestam mais este tipo de comportamento do que o sexo oposto.

No entanto, há literatura robusta que evidencia a bidirecionalidade da vitimização e perpetração na violência em contexto de intimidade (Taylor & Mumford, 2016). No entanto, de forma a entender este fenómeno importa compreender com a ajuda do estudo de Ventura e seus colaboradores (2013) que existe uma tendência cultural para considerar a violência natural e comum, em que vivenciar atos agressivos são normativos no quotidiano. Além disso, a forma como os jovens idealizam as relações românticas e percecionam o ciúme, contribui igualmente para a normalização e a tolerância de comportamentos coercivos (Fernet *et al.*, 2023). Interpretam o controlo (*e.g.*, possuir os seus dados de conta *online*, a sua localização) como um ato real de preocupação e consideram o ciúme através da monitorização das atividades *online* uma prova de amor, por exemplo. Jovens com média de idades de 17,44(±1,16) anos justificam e desculpam a conduta abusiva do agressor por questões externas, nomeadamente o consumo de álcool, o desemprego e a preservação da privacidade familiar, dos quais 11,8% aprova atitudes violentas nas relações íntimas e 19,3% nem concordam nem discordam, segundo um estudo sobre as crenças e atitudes de estudantes portugueses face à VRI. Ou seja, por via de questões socioculturais e estereótipos de papéis de género, os rapazes mostram-se mais permissivos relativamente a condutas violentas, se calhar, no sentido de mostrar o que é ser masculino e por isso integram a força física e conflitos verbais nas suas relações, legitimando o poder e o controlo sobre o outro. Nelas e respetivos colaboradores (2021) também verificaram a banalização dos comportamentos abusivo do parceiro com destaque para o facto de os jovens serem resilientes à VRI.

Para uma compreensão mais contextual sobre a forma como os jovens lidam com a vitimação, Korkmaz e Överlien (2019) perceberam que estes aplicam estratégias como por exemplo ter boas notas de forma a invisibilizar os episódios de violência sofridos; faltar às aulas para submeterem-se aos desejos sexuais do/a parceiro/a, com o intuito de autoprotegerem-se para evitar o agravamento da situação abusiva. Estas ações inumeradas podem ser interpretadas como um ato de resiliência paradoxal² (Callaghan & Alexander, 2015), sobretudo na ausência de apoio social, pois o ato de ser-se silenciado/a, a solidão e não se-ser ouvido/a pode conduzir os jovens para relações abusivas ou a

² A resiliência paradoxal compreende a capacidade de resistir e ter reação perante situações ou contextos de violência doméstica. Implica encontrar formas complexas para lidar com conflitos, autorregular-se e gerir as suas relações.

manter-se nas mesmas, segundo Barnes e colaboradores (2022). Ou seja, a conceção das relações românticas e respetiva experiência devem-se a uma série de fatores que se encontram nos contextos relacionais e nos sistemas ecológicos (Leadbeater *et al.*, 2018) que tanto podem resultar em fatores de prevenção ou de risco. Por isso, o ato de compreender os comportamentos abusivos entre casais vai para além da enumeração de comportamentos violentos devidamente categorizados, pois as razões e o propósito para a violência e as consequências resultantes também contribuem para a sua explicação (Rowe & Jouriles, 2019) e prevenção consequentemente. Neste sentido, na tentativa de compreender melhor as implicações da VRI e a sua etiologia, recolheu-se fatores baseados em três categorias preditoras: características individuais (*e.g.*, atitudes, comportamentos, crenças sobre o amor romântico) e características interpessoais (*e.g.*, relações familiares e de pares) (Park *et al.*, 2018; Wendy *et al.*, 2018), cujas condições podem contribuir para o aumento ou manutenção da vitimação.

2.2.3. Fatores individuais contribuem para a vitimação

Foi possível determinar com base numa recolha literária que os jovens justificam a sua escolha em permanecer numa relação íntima não saudável pelo facto de terem medo de ficarem sozinhos, devido à baixa autoestima e à obsessão (Moreira *et al.*, 2021). As raparigas apontaram como principal fator de vulnerabilidade a pressão de grupo, por “todas” terem namorado menos elas, a insegurança, a esperança de mudar o outro e o facto de se identificarem com a crença de que “o amor é cego”. Quanto aos rapazes, umas das principais razões baseia-se nos aspetos económicos, ter filhos, sentimento de pena, ciúme e a dificuldade em identificar o que é uma relação íntima não saudável. Em contrapartida, as adolescentes referem legitimar o controlo exercido pelo companheiro por considerarem que o controlo e o sentimento de que alguém gosta delas é justificativo para permanecer numa relação abusiva. Por isso, banalizam certos comportamentos da idade e não se reconhecem como vítimas por encararem os mesmos como uma crise de ciúmes ou um ato de amor. Os resultados do estudo de Fernet e colaboradores (2023) são corroborantes.

As vulnerabilidades e dificuldades individuais identificadas pelo estudo de Moreira e colaboradores (2021) deve-se provavelmente ao tipo de vinculação amoroso (*romantic attachment*) do casal, que com base no modelo de vinculação e do ponto de vista clínico é possível compreender como é que os maus-tratos se desenvolvem e/ou

persistem entre alguém que deseja ter intimidade com outrem e o que leva a vítima a permanecer numa relação abusiva (Gubby & Whiting, 2019).

Associando, neste caso, a Teoria de Vinculação originalmente de John Bowlby, com as contribuições de Mary Ainsworth, às relações românticas (Park, 2016), salienta-se que da mesma forma que as crianças desenvolvem representações mentais sobre os seus cuidadores e vínculos afetivos a partir das experiências relacionais, o mesmo também acontece com e entre os parceiros íntimos (Gibing & Whiting, 2022). Ou seja, à semelhança da relação cuidador-bebé, os adultos também confiam nos seus parceiros íntimos para se sentirem seguros e satisfeitos com as suas necessidades emocionais (Gibing & Whiting, 2022). Por isso, também no amor romântico se verifica que da infância até à idade adulta existe uma continuidade do tipo de vínculo desenvolvido, embora tenha possivelmente sofrido alguma mudança ao longo do tempo com base em novas experiências relacionais (Feeney, 1999, *as cited in* Park, 2016). Contudo, os estilos de vinculação gerados na infância (*viz.*, vinculação segura, vinculação insegura-evitante, vinculação ambivalente-resistente) também se verificam no amor romântico, destacando que aqueles que possuem uma vinculação segura experienciam uma relação íntima com maior qualidade, níveis de satisfação e têm melhores estratégias positivas de gestão de conflito e de comunicação (Mikulincer & Shave, 2007; Johnson, 2008, *as cited in* Park, 2016).

Quanto às restantes dimensões de vinculação insegura (*viz.*, evitante e ansiosa), Fernet e seus colaboradores (2023) verificaram que os jovens com uma vinculação amorosa evitante (*avoidant romantic attachment*) sofrem mais de ciberviolência psicológica e *stalking*, provavelmente por serem menos assertivos nas suas relações, do que os que têm um vínculo amoroso ansioso (*anxious romantic attachment*). A vinculação ansiosa (caraterizada pelo medo do abandono e rejeição) aumenta probabilidade de um parceiro íntimo perpetrar esse tipo de agressão (*viz.*, ciberviolência psicológica e *stalking*). O estudo de Ponti e Tani (2019) evidencia que as mulheres maltratadas possuem o tipo de vinculação evitante para com os seus parceiros do que as mulheres não maltratadas. Johnson (2008, *as cited in* Park, 2016), ainda acrescenta que a alternância entre os bons e maus tratos por parte de um parceiro agressivo aumenta a intensidade da vinculação da vítima, gerando um vínculo traumático. Para este fenómeno ser melhor compreendido, pode-se comparar o comportamento da vítima com o comportamento de um bebé rejeitado, que protesta pelo regresso da sua figura de vinculação primária, o que o torna mais apegado à mesma para a manter próxima de si, por exemplo. Posto isto,

conclui-se que a ansiedade de vinculação aumenta significativamente o risco de vitimação e perpetração de VRI (Johnson, 2008, *as cited in* Park, 2016; Ponti & Tani, 2016), a insegurança de um pode aumentar a insegurança de ambos, tendo em conta os processos internacionais (Gibby & Whitinh, 2023), além disso, pode ser a causa para a VRI e um sintoma em simultâneo (Weston, 2008, *as cited in* Gibby & Whitinh, 2023) e para concluir, ressalva-se que vínculos inseguros tornam-se num obstáculo para as vítimas conseguirem abandonar um relacionamento abusivo (Ponti & Tani, 2019).

Quanto à diferença de idade entre parceiros íntimos, no estudo Korkmaz & Överlien (2019), os participantes (17-23 anos) referiram ter sido vítimas de atos violentos na sua primeira relação “mais séria” e que o agressor era mais velho, sendo que o fator “idade do agressor” também pode estar associado à vitimação de VRI. Além disso, os autores acrescentam que maioritariamente para as raparigas, o fator “primeira relação séria” trata-se de um fator de risco para a vitimação de VRI e permanecer numa relação abusiva. Neste sentido, a falta de experiência para diferenciar uma relação íntima positiva e de abusiva pode explicar a dificuldade sentida pelos participantes do estudo de Moreira e colaboradores (2022), bem como a falta de conhecimento sobre comportamentos abusivos (Fernandes *et al.*, 2018). Isto também se reflete em relação à escolaridade dos participantes (M= 18,6 anos) pelo facto de jovens do ensino secundário experienciarem substancialmente mais comportamentos agressivos do que estudantes universitários (Machado & Ventura, 2012). Ou seja, adolescentes mais novos e/ou com menor conhecimento perpetram e sofrem mais de VRI, tratando-se de um fator de risco para a vitimação e perpetração de VRI atuais e futuras.

Tais conclusões corroboram com as do estudo de Machado e Ventura (2012) sobre a VRI nas relações afetivo-sexuais ocasionais. Os investigadores identificaram que quanto mais novos forem os ofensores e vítimas, maior é a probabilidade de perpetrarem e sofrerem de agressões físicas (*e.g.*, bofetear, apertar o pescoço, atirar objetos, dar murros). Relativamente aos restantes tipos de violência, *viz.*, emocional (*e.g.*, insultar, difamar, humilhar, perseguir alguém, gritar ou ameaçar) e sexual (*e.g.*, forçar alguém para o ato sexual desprotegido, persuadir outrem para o consumo para conseguir atos sexuais, forçar beijos e/ou carícias), não existem diferenças etárias na dimensão da perpetração e vitimação.

No que diz respeito aos traços de personalidade antissociais, o estudo de Ferreiros & Clemente (2022) evidenciou que jovens (18-25 anos) com pontuação elevada na variável traços de personalidade negros (*viz.*, psicopatia, narcisismo e maquiavelismo) e

mechanisms of moral disengagement (mecanismos de descomprometimento moral) são conflituosos nas suas relações íntimas devido aos comportamentos antissociais, possuindo ademais uma predisposição para a infidelidade com preferência por relações a curto-prazo (Ferreiros & Clemente, 2022) e são tendencialmente do sexo masculino (Ferreiros & Clemente, 2022; Hudek-Knezevic *et al.*, 2023). O presente mecanismo trata-se de um conceito criado por Bandura (1986) que na sequência da sua teoria social permite responder ao porquê de as pessoas com bons princípios e respeitadoras poderem cometer atos desumanos. Este conceito é definido como mecanismo que permite às pessoas, que cometeram ações que ameaçam a sua autoimagem, defenderem-se para preservá-la (*as cited in* Moreira *et al.*, 2021) através da difusão de responsabilidades, rotulagem, atribuição de culpa, entre outras formas. O que concerne às relações íntimas, indivíduos com traços antissociais desenvolvem comportamentos abusivos como controlar o tempo do/a parceiro/a, induzir ciúmes, castigar a pessoa com ameaças de infidelidade, manipular emocionalmente outrem e denegrir potenciais pretendentes do/a parceiro/a. A vingança não consiste em abandonar o parceiro por ser comum mudarem de parceiro (Clemente & Espinhosa, 2021; *as cited in* Ferreiros & Clemente, 2022). Em vez disso, preferem exercer o controlo sobre o outro e trata-se de um comportamento abusivo com maior probabilidade de ser exercido por pessoas com pontuações elevadas de psicopatia primária e maquiavelismo (Hudek-Knezevic *et al.*, 2023).

Além disso, a probabilidade de vitimização ou perpetração de qualquer ato violento (no último ano) aumenta quando a pessoa foi vítima de maus-tratos antes dos 15 anos (Graham-Bermann & Hughes, 1999; Sanz-Barbero *et al.*, 2018; Capinha *et al.*, 2022); obteve um tratamento psiquiátrico ou psicológico, consume estupefacientes (Sanz-Barbero *et al.*, 2018; Capinha *et al.*, 2022), coabita com o parceiro íntimo e esteve num relacionamento abusivo (Capinha *et al.*, 2022). O estudo de Nelas e restantes colaboradores (2020) visa que ter-se sido vítima de VRI aumenta a probabilidade de os jovens voltarem a sofrer de violência física, sexual, psicológica e *stalking*, além de que estes dois últimos tipos de violência estão associados à violência doméstica sofrida e/ou testemunhada no contexto familiar.

Neste seguimento, podemos refletir clinicamente no impacto que a VRI tem na vida das vítimas, constatando que a VRI não só é dirigida à vítima como também àqueles que lhe são próximos (*e.g.*, amigos, membros familiares e animais), segundo Barmes e colaboradores (2022). Ou seja, de acordo com Leadbeater e restantes investigadores

(2018) a existência de apoio social trata-se de um fator preventivo, mas quando a inexistência desse apoio, torna-se num fator de risco para os jovens.

2.2.4. Fatores sociais contribuem para a vitimação

Quanto aos fatores sociais, Leadbeater e investigadores (2018) sublinham que as relações familiares, com os pares e as influências sociais quando atuam em conjunto podem gerar relações saudáveis ou pelo contrário, conduzem a relações conflituosas e violentas. Pois, na ausência de fatores protetores (*e.g.*, suporte familiar, escolar e de pares) e de acordo com a perspectiva ecológica, o ato de ser-se silenciado, o isolamento e a solidão aumentam o risco de vitimização e maus-tratos nas relações íntimas como na infância (Barnes *et al.*, 2022). Ou seja, a falta de apoio social é uma justificação para permanecer ou regressar para a relação abusiva, o que corrobora com os resultados do estudo de anterior de Moreira e colaboradores (2021).

Exemplo desse fenómeno são as vítimas de VRI não-heterossexuais. Pelo facto da heterossexualidade cisgénero ter sido considerada “normal”, “superior”, “verdadeira” e única forma possível de “normalidade” sexual (Souza & Honorato, 2020), isto contribuiu para a marginalização e estigmatização de pessoas que não se identificam com a norma heterossexual. Por isso, o ato de estar-se à margem da sociedade gera stresse e faz com que indivíduos com uma identidade sexual diferente (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgénero, Queer, Intersexo, Assexuais e mais [LGBTQIA+]) vivam a sua sexualidade de forma tensa e em segredo, segundo a teoria do stresse social minoritário (Souza & Honorato, 2020).

Sendo os relacionamentos não-heterossexuais inclusivamente oprimidos pela sociedade, faz com que a rede de suporte da comunidade LGBTQIA+ seja menos significativa e os indivíduos que sofram de VRI se tornem dependentes dos seus parceiros, sujeitando-se a incidentes abusivos (Souza & Honorato, 2020). O *status* de minoria sexual pode nomeadamente aumentar o conflito existencial de isolamento e o sentimento de desamparo, que para vítimas de VRI não-heterossexuais que procurem ajuda, encontram-se perante um “duplo armário”, pois para além de revelar a experiência de vitimização, também revelam a sua orientação sexual (Stiles *et al.*, 2015, *as cited in* Souza & Honorato, 2020). A literatura visa que devido ao stress social, os fatores como o consumo de substâncias psicoativas, um dos parceiros ter assumido a sua identidade sexual enquanto o outro não, a diferença de idades, os questões financeiros, a raça e nacionalidade, estão associados à VRI homossexuais (Stephenson *et al.*, 2014).

Ainda relativamente ao impacto da falta de apoio social, no estudo de Moreira e colaboradores (2021) foi evidenciado que a maioria dos jovens (18-25 anos) justificam os seus sentimentos intensos de solidão e isolamento com o facto de não terem sido ouvidos ou acreditados quando tentavam partilhar as suas experiências de VRI, dos rótulos que lhes atribuíam (*e.g.*, ovelha negra da família, mentiroso/a) e da descrença de familiares sob a influência da estratificação social (*viz.*, a classe socioeconómica, etnia, sexualidade, identidade de género, incapacidade) que geram tratamentos diferenciados de indivíduos.

Em Portugal, estudantes de 10º ano referem que a comunicação entre família-escola é má ou inexistente, comparativamente com os mais novos (6º ano), segundo a Gaspar e colaboradores (2022). Existem pais que não dão a devida importância às suas relações afetivo-sexuais dos filhos (Koocher & Greca, 2011, *as cited in* Moreira *et al.*, 2021) e em alguns casos, aos episódios de violência nas suas relações íntimas (Barnes *et al.*, 2022), apesar dos filhos atingirem a puberdade mais cedo e a adolescência ser propícia à exposição de risco (Chandra-Mouli *et al.*, 2015). Cerca de 48,7% dos jovens acha que não pode falar sobre os seus problemas com os seus familiares e 50,5% assume ter o apoio emocional que necessita, de acordo com o relatório nacional de 2022, da OMS, que contou com a participação de 5809 adolescentes do 6º, 8º e 10º ano de escolaridade. Em contrapartida, 50,5% assume ter o apoio emocional que necessita e cerca de 60% dos jovens refere que a família está disponível para orientá-los e tenta realmente ajudá-los. No entanto, importa alertar que se tem verificado uma redução no apoio familiar entre 2014 ($M= 23,1$), 2018 ($M= 24,12$) e 2022 ($M= 22,94$). Neste seguimento, salienta-se com base no estudo de Ponti e Tani (2019) que a confiança entre mãe-filhos desempenha um papel fundamental no que diz respeito à vitimação de VRI, dado que o tipo de vinculação entre mãe-filha está significativamente associado à propensão de alguém entrar e manter-se numa relação íntima abusiva. Por outras palavras, uma vinculação insegura com a mãe pode tratar-se de um fator de vulnerabilidade significativo, o que leva os filhos a desenvolverem vinculações inseguras com os parceiros (Stiht *et al.*, 2000, *as cited in* Ponti & Tani, 2019) e por outro lado, filhos que se sintam compreendidos e respeitados pela própria mãe respeitante às suas necessidades e desejos, tendem a ter ligações de vinculação menos inseguras com os seus parceiros e, indiretamente, menor probabilidade de experienciarem uma relação íntima abusiva (Ponti & Tani, 2019).

No estudo de Nelas e colaboradores (2021), jovens adultos que foram vítimas de violência no namoro em relações anteriores referiram que pediram ajuda a familiares

(31,3%), aos amigos (50,7%), a profissionais de saúde mental (11,9%) e 5,1% às forças de segurança. A rede de contactos são fatores externos de resiliência que pode ser informal (*e.g.*, familiares, amigos) e formal (*e.g.*, professores, psicólogos) que, no caso dos pais, têm o dever de assegurar o bem-estar dos filhos, dar-lhes o apoio e a ajuda devida, se/quando necessária (Gadd & Hydén, (2016), *as cited in* Korkmaz & Överlien, 2019). A forma como os elementos externos respondem à situação de VRI dos jovens, pode influenciar a sua resiliência e resistência, contribuindo para o fim da VRI dos jovens. Em contrapartida, o não dar resposta, não promove resiliência e contribui para a exposição prolongada à VRI (Korkmaz & Överlien, 2019). Neste sentido, jovens adultos que não tenham relações positivas com os amigos e familiares possuem pontuações mais elevadas na perpetração e vitimação de VRI com destaque para a violência física e sexual, violência psicológica e *stalking* (Nelas *et al.*, 2021).

2.2.5. Consequências da Violência nas Relações Íntimas

Embora os relacionamentos íntimos ofereçam novas emoções e oportunidade, que iniciam com a idealização do parceiro, seguida da descoberta gradual das qualidades e reais defeitos, bem como as diferenças pessoais, as oportunidades resultam, por vezes, em experiências emocionais extremamente estressantes (*e.g.*, rejeição, decepção, conflitos, separações e/ou comportamento violentos), podendo prejudicar a saúde e bem-estar dos jovens (Ellis & Dumas, 2018). A violência nas relações íntimas prejudica as vítimas a vários níveis. Pode ter efeitos económicos significativos, efeitos na saúde física e efeitos psicológicos e emocionais, conduzindo a pessoa para o isolamento social (Park, 2016); e pode comprometer futuras relações bem como comportamentos que sustentam relações positivas baseadas no respeito, na segurança, comunicação, autonomia, confiança e diversão (Leadbeater *et al.*, 2018).

De forma a retratar as consequências da VRI, efetuou-se uma busca na literatura e verificou-se que estas variam de acordo com o tipo de comportamento abusivo perpetrado, varia de pessoa para pessoa e respetivos mecanismos de defesa aplicados, do tempo da relação e da existência de um histórico familiar violento (Costello & Greenwald, 2022). Segundo os resultados de várias fontes, a vitimação gera uma diversidade de consequências negativas ao nível da saúde e bem-estar, seja a nível comportamental, emocional e/ou psíquico (Santos *et al.*, 2019; Moreira *et al.*, 2021).

A nível comportamental, vítimas de violência podem desenvolver comportamentos agressivos ou depressivos, para além de doenças psicossomáticas que

impactam o sono, o humor, o sistema nervoso e gera stresse (Parente *et al.*, 2005). Pode contribuir para o (aumento do) consumo de álcool, marijuana, bem como o envolvimento em comportamentos delinquentes (*e.g.*, apontar uma faca ou uma arma a alguém, disparar ou esfaquear alguém) e atos de vandalismo (*e.g.*, danificar propriedades, fazer graffitis, assaltar e roubar carros, furtar lojas), salientando que a continuidade de comportamentos delinquentes aumenta significativamente os sintomas depressivos pré-existentes a longo prazo (Johnson *et al.*, 2014). Nelas e restantes colaboradores (2021) assim como Shakoor e colaboradores (2022) confirmam que a VRI pode contribuir para o consumo abusivo de álcool e drogas e a sexo desprotegido, além dos problemas a nível da saúde. Vítimas de VRI podem contrair depressão, ansiedade e a baixa autoestima (Nelas *et al.*, 2021; Moreira *et al.*, 2021; Gehring & Vaske, 2016; Jahson *et al.*, 2014; Lucena *et al.*, 2016); hipertensão arterial, doenças cardíacas, distúrbios de sono e de alimentação (Lucena *et al.*, 2016), assim como o stress-pós-traumático (Khadra *et al.*, 2015; Park, 2016; Romito *et al.*, 2005, *as cited in* Ponti & Tani, 2019, Diniz *et al.*, 2012); ou o traumatismo cranioencefálico como consequência da violência física (Costello & Greenwald, 2022; Lucena *et al.*, 2016). O Traumatismo Cranioencefálico (TCE) é consequente de maus tratos sofridos pelo parceiro íntimo e graves de TCE's múltiplos dificultam a saída de uma relação abusiva, cujo ciclo tem geralmente início na infância quando uma criança ou jovem vive num contexto familiar violento e torna-se vítima do familiar (Costello & Greenwald, 2022). Trata-se de uma das principais causas de morte, cujos sintomas secundários são dores de cabeça, dor de costas, perda de apetite, dor abdominal, e perda de memória, entre outros, enquanto resultado da agressão física

O agressor sexual que recorre ao uso da força física pode provocar na vítima dor pélvica, sangramento vaginal, infeções vaginais, infeções urinárias (Campbell *et al.*, 2002, *as cited in* Costello & Greenwald, 2022); bem como uma gravidez precoce e/ou indesejada e contrair doenças sexualmente transmissíveis (*e.g.*, HIV) para a vítima (Chandra-Mouli *et al.*, 2015; Campbell *et al.*, 2002; *as cited in* Costello & Greenwald, 2022). O aborto provocado decorrente da violência trata-se de outro fenómeno consequente, verificado no estudo de Diniz e colaboradores (2012), que compromete a saúde mental, sexual e reprodutiva das jovens juntamente com inúmeros sintomas de Stress-Pós-Traumático (*e.g.*, flashbacks, autojulgamento, falta de concentração, sentimento de desamparo e/ou impotência, isolamento). Noutro estudo, das inquiridas, 42,8% das jovens (21-30) partilharam que sofreram queimaduras como causa da violência

física e tentaram o suicídio (Diniz *et al.*, 2017). Quando questionadas sobre a tentativa de suicídio, 100% justificou-se com os recorrentes episódios de violência.

Portanto, mesmo que o sofrimento físico não seja manifestado, isso não significa que haja sofrimento psicológico (Parente *et al.*, 2005). Ou seja, a violência psicológica não compromete apenas a saúde psicológica e a violência física não acarreta apenas problemas físicos (Lourenço & Costa, 2020). Por isso, é necessário desenvolver uma visão holística sobre a vítima, as consequências da violência (Lourenço & Costa, 2020), a combinação de possíveis fatores individuais, relacionais e sociais que contribuem para permanecer numa relação abusiva (Stölck *et al.*, 2014; Barnes *et al.*, 2022) para que os profissionais atuem de forma mais efetiva, conscientes de que a violência nas relações de intimidade numa idade precoce é preditiva da violência na conjugalidade (APAV, 2023).

São vários estudos que investigam e analisam as consequências da VRI na perspectiva das vítimas. No entanto centram-se mais na saúde das mulheres em comparação com as vítimas do sexo masculino ou os jovens, o que equivale para os agressores (Claridade & Machado, 2013, *p.* 100, *as cited in* Sousa, 2021), o que se verificou ao longo do presente estudo.

2.3. Violência entre Gerações

Ninguém ficaria surpreendido com o facto dos filhos de Sigmund Freud, pai da psicanálise, ou de Andrea Bocelli, tenor lírico, se terem tornado psicanalista e músico. E quanto a situações de violência intrafamiliar, sofridas e/ou testemunhadas pelos descendentes, nas quais a “educação” é baseada na força ou outro tipo de violência, será que os filhos questionam as estratégias de gestão de conflito das figuras de autoridade ou em vez disso, normalizam a violência para as suas relações íntimas, relações entre pares e/ou com os seus futuros descendentes? Por outras palavras, pais agressores geram filhos agressivos? Nesta parte, investiga-se a forma como os padrões comportamentais e sociais podem ser influenciados por meios externos.

2.3.1. Efeito do Processo *Spillover* no Sistema Familiar

Do ponto de vista sistémico, a família trata-se de um sistema sociocultural aberto, constituído por diversos subsistemas (*viz.*, membros da família nucleares), que se relacionam com outros sistemas extrafamiliares e encontram-se constantemente em transformação, adaptando-se às diferentes exigências (Minuchin, 1982). Ou seja, é a matriz do desenvolvimento psicossocial dos seus membros familiares, considerada como

fonte das relações mais duradouras e principal meio de subsistência para os jovens (Fishman, 1988). De todos os sistemas sociais, as mudanças na família têm maior impacto sobre os mais jovens e influenciam o modo de funcionamento da família, podendo desta forma gerar um novo ciclo de vida, expondo a família a um processo de reestruturação (Fishman, 1988) com alguma vulnerabilidade.

Embora a discórdia faça parte da vida familiar cotidiana, os pais expressam o seu desagrado para com o seu cônjuge ou seus filhos, utilizando comportamentos conflituosos e/ou irritantes, que ao resultar em turbulência, tende a afetar outras relações (Sears, *et al.*, 2016). A discórdia parece ser particularmente contagiosa entre as díades conjugais e na relação de pais e filhos. Isto para dizer que se a relação do casal não for positiva e não representar uma fonte de satisfação para os subsistemas, gera-se um ambiente hostil no qual os pais terão menos probabilidades de responder adequadamente às necessidades dos seus filhos (Minuchin *et al.*, 2009, p. 19).

Neste seguimento, evidencia-se que a experiência individual é determinada pela sua interação com o contexto e observa-se que da mesma forma que os subsistemas são fortemente influenciados pelo contexto familiar, os adolescentes, por sua vez, também influenciam o contexto do qual fazem parte (Minuchin *et al.*, 2009).

De acordo com os resultados do estudo de Sherrill e colaboradores (2017), pais que utilizam estratégias construtivas de gestão de conflito interparental estão mais propensos a utilizar estratégias construtivas durante o subseqüente conflito entre pais e filhos, e vice-versa. Por outras palavras, existe uma ligação entre a relação interparental e a relação díade-filho (Sherrill, *et al.*, 2017), o que também já foi explicitado pela associação entre a Teoria da Vinculação e violência nas relações íntimas.

O conflito interparental e o conflito de pais-filhos estão relacionados de forma causal e recíproca, porque gera mudanças afetivas a curto prazo nos pais, que consequentemente afetam outros subsistemas, nomeadamente o comportamento dos seus filhos (Sears, *et al.*, 2016; Sherril, *at al.*, 2017). Existe até hoje poucas evidências que indiquem o efeito contrário, de repercussões na relação pai-filho afetam a relação conjugal (Sears, *et al.*, 2016). A teoria *spillover* destaca que o fenómeno da negatividade despertado num subsistema familiar se torna suscetível de se repercutir noutros subsistemas familiares (Engfer, 1988, *as cited in* Sherril, *et al.*, 2017) devido ao fato do estado de espírito, do afeto e do comportamento de uma pessoa influenciar o bem-estar de outrem, gerando alterações comportamentais e emocionais (Repetti, 1987; *as cited in.*, Sherril, *et al.*, 2017). Sentimentos como a angústia e a raiva dos pais pode reduzir a

sua sensibilidade e tolerância relativamente ao “mau” comportamento dos filhos, gerando um ambiente hostil (Sears *et al.*, 2016). Uma interação conjugal com comportamentos conflituosos (*e.g.*, gritar e ignorar as necessidades mútuas), trata-se de um fenómeno conflituoso de um possível preditor de *spillover* (Sears, *et al.*, 2016). Neste contexto, os sintomas que se manifestam nos indivíduos são o resultado de uma estrutura familiar disfuncional.

2.3.2. Teoria Psicossocial – Teoria da Aprendizagem Social

Bandura (1977) considera que a agressão se trata de um comportamento aprendido lentamente desde cedo através de processos de observação (*imitation*), aprendizagem (*copying*) e modelagem (*modeling*) junto de modelos de agressividade (*e.g.*, família, pares ou idosos) numa tentativa de imitação (Allan, 2017) sem receber qualquer tipo de reforço. Neste sentido, alguém que cresça num ambiente socialmente violento como a família, enquanto local social primário e privilegiado de aprendizagem, irá internalizar os comportamentos violentos como aceitáveis e normativas e poderá provavelmente reagir a novas situações de forma semelhante, recorrendo à modelagem dos comportamentos (Allan, 2017; Oliveira & Sani, 2009). Em suma, trata-se de uma teoria que visa que não se aprende só com base em reforços (sistema de castigos e recompensas) mas com base na observação, no ensaio mental e na imitação das ações de outras pessoas observadas. De acordo com o estudo qualitativo de Meyer e colaboradores (2021), no qual participaram 27 mães vítimas de VI pelos seus (ex-)parceiros, foi possível constatar com base num testemunho que o filho passou a ter a mesma conduta agressiva que o pai assim que se separaram.

Outros elementos da amostra explicaram que os filhos foram utilizados pelos agressores como armas contra si, desde tenra idade, em que foram ensinados e incentivados a serem violentos para com elas. Ou seja, a apreensão de uma conduta agressiva também se dá através do incentivo. Das participantes, quatro referiram que os seus filhos adolescentes sofreram de VI na infância e que se tornaram violentos para os seus irmãos e elas, tendo-se tornado duplamente vítima. Outra participante, cujo filho adolescente “nunca foi um alvo direto de VI” perpetrada pelo seu ex-companheiro, descreve-lo como sendo um adolescente zangado que agride principalmente os seus irmãos mais novos. Consequentemente, outras mães com filhos mais velhos, tanto do sexo masculino como feminino, igualmente expostos à VI na infância, destacaram com as suas filhas não eram agressivas para com elas ao contrário dos irmãos. De acordo com o estudo

exploratório de Bandura, Ross D. e Ross S. (1961) os rapazes, comparativamente com as raparigas, estão mais predispostos à imitação de comportamentos agressivos, sobretudo agressões físicas e quanto às agressões verbais, não diferem.

Neste sentido, para além da exposição à violência intrafamiliar, “educar” os filhos com o uso da força física (*e.g.*, dar um estalo, chineladas, cinturadas ou atirar com objetos) para a correção do comportamento infantil trata-se de outro fator de risco para a transgeracionalidade da violência (Boas & Dessen, 2019). Em Portugal, de 22.524 casos de violência doméstica, 639 eram menores (Relatório de Segurança Interna de 2021), sendo o contexto familiar íntimo e privado um lugar com as condições propícias para a perpetração de violência contra as figuras mais vulneráveis (*viz.*, mulheres, crianças e idosos), segundo Dias, I., (2004, *as cited in* Dias, B., 2021). O estudo de Morelli e colaboradores (2021) evidencia que cerca de 50,6% da amostra total foi vítima de violência infantil, da qual 60,3% refere ter utilizado pelo menos uma estratégia parental psicologicamente agressiva (*e.g.*, ameaçar bater no filho) e 49,6% refere ter utilizado pelo menos uma estratégia parental fisicamente agressiva (*e.g.*, bater no filho com o punho), dando origem a uma educação rígida. Em suma as práticas parentais desadaptativas (*maladaptive parenting practices*) sustentam o ciclo de violência e padrões de abuso (Boas & Dessen, 2019). No entanto, ressalva-se que nem todos os pais, vítimas de violência na infância, adotam os modelos de violência relativamente aos seus filhos.

De acordo com Machado (2010) existe uma tendência cultural para considerar a violência natural e comum, em que vivenciar atos agressivos são normativos no quotidiano (Ventura *et al.*, 2013) e por isso, quando um jovem experiencia violência no seio familiar, este considera-os inerentes aos relacionamentos afetivo-sexuais como forma de resolução de conflitos (Marasca, *et al.*, 2013, *as cited in* Brum, *et al.*, 2021). Conforme supracitado, a banalização e normalização do abuso traduz-se na dificuldade em identificar comportamentos abusivos, igualmente marcada por questões culturais e atitudes sexistas, associada à ausência de imposição de limites (Bonilla-Algovia & Rivero, 2021; García-Díaz *et al.*, 2018, *as cited in* Ruiz *et al.*, 2022). Neste contexto, sublinha-se que não é a exposição à violência intrafamiliar³ que gera a repetição de comportamentos agressivos, mas as consequências cognitivo-emocionais daí resultantes

³ A Violência Intrafamiliar (VI) ocorre no ambiente familiar, enquanto local privilegiado, e pode ser perpetrada contra qualquer elemento considerado da família, incluindo quem assume a função parental, e não se resume a laços de consanguinidade (Cesca, 2004, *as cited in* Falcke, 2020). Caracteriza-se pela ação ou omissão que viole a integridade física ou psicológica de outro membro da família, comprometendo o direito de seu desenvolvimento pleno (Falcke, 2020).

que favorecem o desenvolvimento de esquemas desadaptativos, incluindo a apreensão das crenças de aceitação da violência, crenças errôneas sobre o amor romântico (*e.g.*, quem ama, bate; amar é sofrer) e padrões disfuncionais no casal (*e.g.*, tipo de comunicação, tipo de gestão de conflito), o que aumenta o risco de perpetração e legitimação da violência nas relações afetivo-sexuais.

2.4. Crenças nos Mitos sobre o Amor Romântico

“Love looks not with the eyes, but with the mind”,
William Shakespear, *as cited in* Illouz, p. 202, 2012.

A adolescência é um período em que ocorrem várias mudanças a nível biológico, psicológico e social. O amor e a atração sexual, enquanto emoções humanas, são universalmente intemporais, regidas por regras social e culturalmente estabelecidas (*e.g.*, regras referentes à endogamia; Illouz, p. 202, 2012) e começam a surgir na adolescência, na qual é comum os jovens idealizarem o parceiro perfeito, o amor romântico e com base nas concepções sociais, possuírem mitos românticos (Martín-Salvador, 2021).

Antes do século XVII, o amor era encarado como um instrumento ou meio para manter a mulher no seio do lar, submissa ao homem, com o dever de perdoar, ser paciente e acreditar que o amor suporta tudo, nomeadamente a violência. Já o homem mantinha o *status*, possuidor da verdade, sábio, livre para amar várias mulheres, cuja conduta assumia a sua virilidade (Santos *et al.*, 2014). À semelhança dos dias de hoje, a concepção de amor romântico, bem como os mitos associados, continuam a basear-se em ideias estereotipadas sobre os papéis de género, em que se atribui ao homem a imagem de ser mais sexual, dominante e emocionalmente distante. Para a sociedade patriarcal, a mulher, é idealizada como sendo casta, carinhosa e emocionalmente sensível às necessidades do parceiro (Horne & Johnson, 2019). Por outras palavras, ser mulher e papéis associados consistem em prestar cuidados, afeto e amor aos outros (Pascual-Fernández, 2016, *as cited in* Martín-Salvador *et al.*, 2021). Sendo a concepção do amor romântico uma construção social, baseada na desigualdade de género, verifica-se com base no estudo de Horne e Johnson (2019) que a mulher (15-37 anos) continua a manifestar mais esforço emocional para melhorar a qualidade da relação, nomeadamente a satisfação relacional, cuja conduta vai de encontro às normas socioculturais subjacentes ao modelo familiar tradicional. Por outro lado, o clima da relação íntima é positivamente impactado pelo esforço emocional dos homens, sobretudo se possuírem um forte sentido de autonomia,

o que implica saber manter o sentido de *self*, objetivos pessoais, convicções próprias sobre serem parceiros emocionalmente atentos, mesmo quando confrontados por padrões convencionais de masculinidade.

Apesar de sob o movimento feminista se verificarem mudanças sociais a favor de ideologias igualitárias, com as quais se aumentou o evitamento de atitudes sexistas, ainda se verificam atitudes e crenças notavelmente convencionais nas relações íntimas e familiares com as quais os jovens se deparam (Carbonell *et al.*, 2021). Aliás, as atitudes sexistas têm aumentado, especialmente entre os jovens (Carbonell *et al.*, 2021). A fase da adolescência e início da adultez é propensa à interiorização de crenças distorcidas sobre as relações íntimas, baseadas em questões da (des)igualdade de gênero (Hertzog & Rowley, 2014).

Por outras palavras, o amor romântico estereotipado tem influência sobre os jovens de formas diferentes, permitindo o estabelecimento de relações assimétricas de domínio e dependência (*viz.*, emocional, económica). De acordo com a literatura, as adolescentes possuem uma visão mais idealizada sobre o amor, concordando mais com crenças relativas à durabilidade e onipotência do amor romântico e apaixonado, acreditando que dura para sempre e que pode ultrapassar qualquer obstáculo na relação íntima, enquanto os adolescentes consideram o ciúme um pré-requisito para o amor verdadeiro (Rodríguez-Castro *et al.*, 2013; Marroquí & Cevera, 2014). A idealização do “amor perfeito” pode nomeadamente comprometer o reconhecimento do abuso nas relações íntimas (Ruiz-Palomino *et al.*, 2021) e está associada a diferentes conceções de amor, nomeadamente o amor romântico, obsessivo e altruísta, além da perceção do homem sobre a mulher, que considera ser necessário prestar cuidados especiais como sustentá-la e protegê-la (Glick & Fiske, 1996, *as cited in* Rodríguez-Castro *et al.*, 2013). Ruiz-Palomino e associados (2021) afirmam que enquanto os mitos sobre o amor-romântico internalizados sustentarem a legitimação da violência, o ciúme, a crença na durabilidade e onipotência do amor, e o sexismo, menor será a capacidade para perceber a gravidade dos comportamentos abusivos e definir limites nas relações íntimas.

Crenças relacionais idealizadas podem ser sustentadas por imagens, mitos e/ou pela arte em geral (*e.g.*, cinema, música, literatura), em que o homem é retratado como sendo, por exemplo, o príncipe protetor que ultrapassa todos os obstáculos para salvar a princesa angustiada e passiva (Town & Adams, 2000), o que, de acordo com a Teoria do Sexismo de Glick e Fiske (1996, 1999, 2001), sustenta as crenças sexistas benevolentes

(Carbonell *et al.*, 2021). Com base num estudo experimental, Lippman (2018) confirma que as representações mediáticas podem ter um impacto claro e negativo na percepção das pessoas. Por exemplo, episódios de perseguição romantizada, apresentados pela arte cinematográfica, como alguém que atravessa o país apesar da clara falta de interesse de outrem, retratam a possibilidade do amor estar relacionado ao abuso, o que é visto como um gesto grandioso e romântico, mas que na realidade seria no mínimo perturbador. Em vez do mito da perseguição, podia tratar-se do mito da violação (Burt, 1980, *as cited in* Lippman, 2018). No seu estudo percebe-se que do ponto de vista crítico, tais crenças têm o efeito de minimizar a gravidade da situação, em que ocorre a culpabilização da vítima (e.g., ela estava “a pedi-las”; foi ela que quis assim) e a desresponsabilização do agressor. Ou seja, os meios de comunicação podem contribuir para a aprovação dos mitos sobre amor-abuso (viz., o mito de perseguição, violação) ou o amor ideal, associando-lhes formas de manifestar o amor por outrem, e para a minimização da gravidade dos crimes. Ademais, discursos sobre o “amor perfeito” (*i.e.*, que varia entre o carinho à possessão) podem estar associados silenciamento de episódios de violência e/ou tentativa de mudar o parceiro íntimo agressivo, enquanto a vítima assume a responsabilidade pela agressão sofrida (Townes & Adams, 2000). Por outro lado, os media também podem ter o efeito contrário ao retratar a perseguição persistente como assustadora que, de acordo com o estudo de Lippman (2018), gerou níveis mais baixos de aprovação do mito da perseguição.

No que concerne os adolescentes, as representações românticas pelos media (*ie.*, exibição de um amor aparentemente feliz e idealizado) pode tornar-se problemático para os jovens no sentido de gerar falsas crenças e expectativas irreais relativamente aos relacionamentos amorosos (Fernández *et al.*, 2021). De acordo com Fernández e colaboradores (2021), o sexo masculino tende a ter mais crenças românticas do que o sexo feminino. Porém, no estudo de Marroquí e Cervera (2014), verifica-se o oposto. As mulheres (18 – 34 anos) possuem significativamente mais crenças sobre o amor romântico do que o sexo masculino, o que pode uma vez mais limitar a percepção dos primeiros indicadores de abuso, baseados na desigualdade de género.

Ao contrário dos resultados do estudo de Fernández e colaboradores (2021), o sexo masculino possui significativamente mais crenças de associação entre o amor e o abuso nas relações íntimas (Rodríguez-Castro *et al.*, 2013), o que coincide que outras publicações (Navarro-Mantas & Velásquez, 2016; Martín-Salvador *et al.*, 2021), cujos mitos estão fortemente relacionados ao sexismo tradicional, nomeadamente o sexismo

hostil (Rodríguez-Castro *et al.*, 2013; Martín-Salvador *et al.*, 2021), que postula que as mulheres são inferiores aos homens, enquanto o sexismo benevolente se baseia em falsas crenças relativas aos papéis de gênero (*e.g.*, o homem tem o dever de proteger e cuidar da mulher por ser mais vulneráveis). No estudo de Martín-Salvador e colaboradores (2021), a idealização do amor é igualmente determinada por crenças sexistas, mas do tipo benevolente e por crenças religiosas. Embora o sexo masculino possa igualmente ser alvo de atitudes sexistas e as mulheres possam estigmatizar o seu próprio gênero (Glick & Fiske, 1999, *as cited in* Cambonell *et al.*, 2021), no estudo destes autores, os adolescentes do sexo masculino têm atitudes mais sexistas. Ademais, adolescentes que possuam níveis mais elevados de sexismo hostil e especialmente benevolente idealizam mais sobre o amor romântico. Em contrapartida, adolescentes que sofreram de VRI apresentam pontuações mais baixas nas crenças sobre os mitos no amor romântico (Cambonell *et al.*, 2021). Quanto ao fator idade, Martín-Salvador e associados (2021) visam existir uma associação entre a idade e mitos sobre o vínculo entre amor e abuso, de modo que com o tempo a associação diminui. O mesmo verifica-se relativamente ao grau académico: licenciados apresentaram mais crenças negativas na relação amor-abuso do que mestrados (Martín-Salvador *et al.*, 2021). Tem-se, porém, em consideração que jovens com crenças religiosas podem possuir estilos de vida mais tradicionais e a normalizar os mitos sobre o amor romântico, o que por sua vez trata-se de um preditor de sexismo, nomeadamente o sexismo benevolente.

Em conformidade com a literatura, verifica-se que os mitos sobre o amor romântico estão significativamente associados a questões sociodemográficas (Martín-Salvador *et al.*, 2021), à (diminuição da) perceção da gravidade dos comportamentos abusivos, especialmente no início da adolescência (Marroquí & Cervera, 2014; Lippman, 2018; Martín-Salvador *et al.*, 2021; Ruiz-Palomino *et al.*, 2021; Moreira *et al.*, 2022), à violência nas relações íntimas (Rodríguez-Castro *et al.*, 2013; Navarro-Mantas & Velásquez, 2016; Lara & Gómez-Urrutia, 2021; Martín-Salvador *et al.*, 2021; Cambonell *et al.*, 2021; Moreira *et al.*, 2022), às crenças sexistas (Martín-Salvador *et al.*, 2021; Lara & Gómez-Urrutia, 2021; Fernández, 2021), as representações mediáticas (Town & Adams, 2000; Lippman, 2018; Fernández *et al.*, 2021), diferentes tipos de amor (Rodríguez-Castro *et al.*, 2013; Martín-Salvador *et al.*, 2021) e à desigualdade de gênero (Horne & Johnson, 2019). Com isto, sublinha-se que a prevalência dos mitos sobre o amor romântico contribui para manutenção dos estereótipos e da violência de gênero (Lara & Gómez-Urrutia, 2021; Martín-Salvador *et al.*, 2021) e por isso, importa

questionar de que forma os jovens se autonomizam face ao contexto familiar patriarcal, percebem e internalizam as normas sociais e assumem comportamentos enquanto aceitáveis numa relação íntima (Lara & Gómez-Urrutia, 2021).

3. Objetivos e Hipóteses do Estudo

3.1. Objetivos Gerais

O presente Projeto de investigação procura analisar a influência das crenças sobre o amor romântico e da transgeracionalidade de violência nas relações afetivo-sexuais de adolescentes, bem como a sua prevalência com base no género e orientação sexual. Neste seguimento, os objetivos consistem:

- 1) Estudar de que forma a transgeracionalidade de padrões de relacionamento violentos influenciam os padrões de relacionamento íntimo dos jovens;
- 2) Estudar a associação entre a VRI e variáveis sociodemográficas (*viz.*, idade, género, nacionalidade, orientação sexual);
- 3) Estudar a associação entre a VRI e o tipo de relação íntima (*viz.*, estável ou ocasional);
- 4) Estudar a associação entre a VRI e a duração da relação íntima;
- 5) Estudar a relação entre as crenças no amor romântico e os padrões de perpetração de VRI;
- 6) Estudar a relação entre as crenças no amor romântico e tipo de relação íntima;
- 7) Estudar a relação entre as crenças no amor romântico e variáveis sociodemográficas (*viz.*, nacionalidade, género, orientação sexual e estrutura familiar);

3.2. Objetivos Específicos

A partir deste tema geral, foram integrados os seguintes objetivos específicos de acordo com as variáveis apresentadas:

Variável dependente: Relações afetivo-sexuais

- 1) Avaliar se os padrões de perpetração de violência variam em função da nacionalidade;
- 2) Avaliar se os padrões de perpetração e vitimação de violência variam em função do género;

- 3) Avaliar se os padrões de perpetração e vitimação de violência variam em função da idade;
- 4) Avaliar se os padrões de perpetração e vitimação de violência variam em função da orientação sexual;
- 5) Avaliar se o tipo de violência varia em função do tipo de relação íntima (*viz.*, estável e casual);
- 6) Avaliar se o tipo de violência varia em função do tempo da relação íntima (*viz.*, estável e casual);
- 7) Avaliar se as Estratégias Positivas de Gestão de Conflito variam em função do tipo de relação íntima;

Variável: Violência Intrafamiliar

- 1) Avaliar a relação entre os padrões de perpetração de violência nas relações íntima e abuso familiar;
- 2) Avaliar se os padrões de perpetração de VRI e a estrutura familiar;
- 3) Avaliar a frequência do envolvimento de jovens em situações familiares violentas;
- 4) Avaliar a relação entre abuso familiar e concelho;
- 5) Avaliar a relação entre tipos de abuso familiar e nacionalidade;
- 6) Avaliar a relação entre tipos de abuso familiar e estrutura familiar;
- 7) Avaliar a relação entre tipos de abuso familiar e género dos filhos;
- 8) Avaliar a relação entre tipos de abuso familiar e idade dos filhos;
- 9) Avaliar a relação entre diferentes tipos de abuso familiar;

Variável independente: Mitos sobre o amor romântico

- 10) Avaliar a relação entre a VRI e as crenças nos mitos sobre o amor romântico;
- 11) Avaliar a relação entre crenças e tipo de relação íntima;
- 12) Avaliar se existe uma relação entre crenças e nacionalidade;
- 13) Avaliar se existe uma relação entre crenças e género
- 14) Avaliar se existe uma relação entre crenças e orientação sexual;
- 15) Avaliar a relação entre crenças e estrutura familiar;

3.3. Hipóteses do Estudo

De forma a responder às questões de investigação, é pertinente explorar as seguintes hipóteses associadas às variáveis do estudo:

Hipótese 1: “Existem diferenças entre género na perpetração e vitimação de violência”.

Hipótese 2: “O tipo de relação íntima e respetivo tempo influenciam a perpetração de VRI entre jovens”.

Hipótese 3: “O contexto familiar violento influencia a qualidade da relação íntima dos jovens”.

Hipótese 4: “A VRI é influenciada pelas falsas crenças no amor romântico”.

Hipótese 5: “O género feminino é mais influenciado pelos mitos sobre o amor romântico”.

4. Método

4.1. Participantes

Foi recolhida uma amostra não probabilística, por conveniência, de 255 jovens, com idades compreendidas entre os 14 e 23 anos ($M= 16,89$, $DP= 1,49$), que frequentam o Ensino Técnico-Profissional na Área Metropolitana de Lisboa. Para a realização do estudo colaboraram três escolas de ensino profissional que serão designadas de Escola A, Escola B e Escola C, cuja identidade foi omissa. Destas, tanto a Escola A e a Escola B situam-se em meio urbano, enquanto a Escola C se situa em meio semiurbano.

Da amostra inicial foram excluídos 39 participantes por não cumprirem com os critérios de inclusão, nomeadamente não ter uma experiência afetivo-sexual (56,41%); não responder adequadamente ao questionário (20,51%); não residir em Portugal há pelo menos 2 anos (20,51%) ou por desistência (2,56%). Optou-se pela faixa etária 14-23 anos, tendo por base a revisão bibliográfica de Borges e Dell'Aglio (2020) que têm como objetivo estudar as variáveis pessoais e contextuais de perpetração de violência no namoro na adolescência.

Uma vez que o objetivo deste estudo consiste em investigar a violência intrafamiliar, os respetivos padrões relacionais de acordo com a perspetiva dos filhos e os padrões relacionais dos participantes, foram determinadas numa primeira instância variáveis sociodemográficas (*e.g.*, ano de escolaridade, idade, género, naturalidade, tempo de residência em Portugal e orientação sexual) e sociais, referentes à relação íntima

dos jovens e contexto familiar, de forma a caracterizar o perfil dos jovens nas relações de intimidade.

O estudo integra, neste caso e de acordo com a Tabela 10, uma amostra de 216 jovens, dos quais 108 são do género masculino (50%), 106 do género feminino (49,1%) e 2 do género fluído (0,9%), o que confere ser uma amostra homogénea. A média de idades dos participantes é de 16,89 e destaca-se que 92,6% são adolescentes e 7,4% são jovens adultos. Relativamente à orientação sexual dos mesmos, 170 assumem ser homossexuais (78,7%), 26 identificam-se como bissexuais (12%), 11 como pansexuais (5,1%) e 9 como homossexuais (9%).

A maioria frequenta o 10º ano de escolaridade (54,2%), sendo que 40,7% estuda na Escola C, seguido de 38,9% a frequentar a Escola A e por fim, 20,4% que estuda na Escola B. Quanto à nacionalidade, 192 têm nacionalidade portuguesa (88,9%), sendo que a restante maioria tem nacionalidade brasileira (4,2%), cabo-verdiana (1,9%), santomense e angolana (1,4%). Residem maioritariamente no Concelho do Barreiro (30,1%), da Moita (27,3%) e do Montijo (18,1%), em que 86 participantes vivem numa família nuclear (39,8%), 55 pertencem a uma estrutura familiar monoparental (25,5%) e 43 vivem numa família reconstruída (19,9%), segundo os dados da Tabela 10. Destaca-se para o facto de 16 jovens não viverem nem com a mãe ou pai e por isso terem uma família anaparental (7,4%).

4.2. Critérios

4.2.1. Critérios de Inclusão

Para a realização deste projeto de investigação, os adolescentes devem corresponder aos critérios:

- 1) Ter entre 14 e 23 anos de idade;
- 2) Frequentar entre o 10º e 12º ano de escolaridade do Ensino Técnico-Profissional;
- 3) Ter nacionalidade portuguesa ou residir em Portugal há mais de 2 anos;

- 4) Estar atualmente numa relação íntima ou ter tido uma relação afetivo-sexual, nomeadamente uma relação afetivo-sexual ocasional⁴ ou estável⁵, independentemente do género e orientação sexual;
- 5) Obter-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos adolescentes menores de 18 anos, destinado aos responsáveis, e dos jovens adultos, devidamente preenchido e assinado.

4.2.2. Critérios de Exclusão

- 1) Não ter tido uma relação afetivo-sexual;
- 2) Não concluir o preenchimento do questionário;
- 3) Preencher o questionário aleatoriamente.

4.3. Instrumentos

Uma vez que o objetivo deste estudo consiste em investigar a violência intrafamiliar, os respetivos padrões relacionais de acordo com a perspetiva dos filhos e os padrões relacionais dos participantes, foram determinadas numa primeira instância variáveis sociodemográficas (*e.g.*, ano de escolaridade, idade, género, naturalidade, tempo de residência em Portugal e orientação sexual) e sociais, referentes à relação íntima dos jovens e contexto familiar, de forma a caracterizar o perfil dos jovens nas relações de intimidade.

4.3.1. Questionário Sociodemográfico.

Avalia-se com base no questionário de autorrelato de Borges (2018) as *caraterísticas individuais* (*viz.*, idade, grupo étnico e cor de pele, ano de escolaridade e orientação sexual), *caraterísticas familiares* (referindo *viz.*, com quem vive, se presencia violência conjugal), *caraterísticas das relações afetivo-sexuais* (*viz.*, tipo de relação, duração da relação passada ou atual e idade, sexo e habilitações literárias do parceiro íntimo).

⁴ Entende-se por “relações casuais” quando duas pessoas, com ou sem conexão emocional (*e.g.*, desconhecidos, ex-namorados ou amigos), estabelecem uma relação sem compromisso (Paul *et al.*, 2008, *as cited in* Schulman *et al.*, 2018; Bersamin *et al.*, 2014), que na gíria é denominada por amizade colorida/caso amoroso/curtir ou flirt” (Antunes & Machado, 2012).

⁵ Entende-se por “relação estável” quando duas pessoas assumem um relacionamento com maior responsabilidade e compromisso, sendo o mesmo reconhecido pela família e grupo de pares (Oliveira *et al.*, 2007, *as cited in* Borges *et al.*, 2018).

4.3.2. Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes

Inventário Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI-P) trata-se de um instrumento de autorrelato que foi traduzido e adaptado por Lucas, Pinheiro & Simões (2013) para a população portuguesa e em 2017 foi devidamente publicado. O inventário teve como base o *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory*, coordenado por Wolfe e associados (2001), uma das referências de investigação no domínio da violência na adolescência.

Este questionário, aplicável a adolescentes a partir dos 14 anos, avalia através de uma escala *Likert* de 3 pontos [0 = nunca, 1 = às vezes (1 a 5 vezes durante a relação) e 2 = frequentemente (6 ou mais vezes durante a relação)] a manifestação de comportamentos agressivos e a identificação de comportamentos não violentos numa relação íntima. O instrumento é composto por 2 escalas: a *Escala de Estratégias Negativas (ou abusivas) de Resolução de Conflitos* e a *Escala de Estratégias Positivas (ou não abusivas) de Resolução de Conflitos*.

A *Escala de Estratégias Positivas (ou não abusivas) de Resolução de Conflitos* é constituída por 36 itens bidirecionais, capazes de diferenciar as estratégias utilizadas pelo participante das do(a) parceiro(a) íntimo(a). Esta permite avaliar a presença, a frequência e o tipo de comportamentos violentos que podem ocorrer através da perpetração e/ou vitimação de VRI e em comparação com a versão original, inclui uma nova subescala (*viz.*, ciberviolência), cujos itens retratam os comportamentos intimidantes e hostis em espaço virtual (Lucas et al., 2017). Os comportamentos agressivos agrupados em 5 subescalas designadas de Violência Física (e.g., Eu atirei-lhe com um objeto; Eu bati-lhe, dei-lhe murros ou pontapés), Violência Sexual (e.g., Eu forcei-o/a a ter relações sexuais comigo quando ele/ela não queria; Eu beijei-o/a quando ele/ela não queria), Violência Verbal-Emocional (e.g., Eu ameacei terminar a relação; Eu controlei com quem e onde estava), Violência Relacional-Psicológica (e.g., Eu tentei virar os amigos contra ele/ela; Eu ameacei magoá-lo/a) e Ciberviolência (e.g., Eu criei uma nova conta na internet para me fazer passar por outra pessoa; Eu mexi-lhe no telemóvel, sem autorização, para ver mensagens ou chamadas).

Quanto à *Escala de Estratégias Positivas (ou não abusivas) de Resolução de Conflitos*, esta é constituída por 10 itens que avaliam o recurso a estratégias positivas de resolução de conflitos durante uma relação íntima passada ou atual (e.g., Eu deixei o local para me acalmar; Eu cedi para evitar conflitos). Segundo os autores, os itens servem

apenas como “itens distratores” que a nível estatístico não conta para a pontuação final e permitem identificar a frequência da sua aplicação na tentativa de evitar um conflito.

Com base numa análise de fiabilidade apresentada na Tabela 2, observa-se que a *escala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito* da Escala Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes apresenta bons níveis de consistência interna embora sejam mais baixos comparativamente com a os valores da escala original, nomeadamente nas subescalas *Violência Física* ($\alpha = 0,73$ versus $\alpha_{original} = 0,86$), *Violência Relacional-Psicológica* ($\alpha = 0,726$ versus $\alpha_{original} = 0,82$), *Violência Sexual* ($\alpha = 0,55$ versus $\alpha_{original} = 0,71$) e *Ciberviolência* ($\alpha = 0,72$ versus $\alpha_{original} = 0,80$). O único valor alfa que apresentou constância para com o do estudo original foi o da subescala da *Violência Verbal-Emocional* ($\alpha = 0,87$ versus $\alpha_{original} = 0,87$). Quanto à consistência interna da *escala Estratégias Positivas de Gestão de Conflito*, constituída por 10 itens, esta apresenta um α de *Cronbach* de 0,87, revelando ter um bom nível de consistência.

Embora a consistência interna da subescala *Violência Sexual* seja questionável, ressalva-se que na versão original também possui o nível mais baixo. No entanto, de forma global, a *escala Estratégias Positivas de Gestão de Conflito* possui o valor de α de *Cronbach* de 0,91, ligeiramente inferior ao da versão original ($\alpha = 0,94$), revelante ser um instrumento com uma excelente consistência interna.

4.3.3. Sinalização do Ambiente Natural Infantil

A presente escala de autorrelato foi desenvolvida e validada por Sani em 2003, e visa avaliar o sistema familiar de menores com o intuito de identificar a ocorrência de situações de violência intrafamiliar. A escala é constituída por 30 itens, associados ao abuso físico, emocional e psicológico, e possui bons níveis de consistência interna, cujo alfa de *Cronbach* é de .92.

O instrumento está organizado em torno de quatro fatores que são nomeadamente *Abuso Físico* composto por 6 itens (*e.g.*, item 28. Puxar ou empurrar alguém até essa pessoa cair); o fator *Abuso Emocional* engloba 9 itens (*e.g.*, item 1. Insultar ou chamar nomes feios a uma pessoa); o fator *Coerção* integra 6 itens (*e.g.*, item 22. Ameaçar ser separado dos membros da família); e por último, o fator *Controlo* é composto por 8 itens (*e.g.*, item 18. Não deixar sair uma pessoa de casa para ir a alguns sítios).

Quanto ao modelo de tipo de resposta, o instrumento possui duas opções de resposta que são de tipo *Likert* [0 = nunca (nenhuma vez) a 4 = quase sempre (+ de uma vez por mês)] e uma *checklist* que consiste na identificação das vítimas (*viz.*, criança,

adulto ou ambos), que sofreram e/ou testemunharam situações de violência na sua estrutura familiar no último ano.

Quanto à confiabilidade da escala SANI (2003) avaliada pelo índice de *Alpha de Cronbach*, a Tabela 3 apresenta uma excelente consistência interna ($\alpha = 0,92$), tratando-se de uma escala com uma aplicação totalmente fiável.

Relativamente aos índices de consistência interna das subescalas verifica-se que variam entre 0,66 e 0,84, apresentando uma variação entre uma consistência aceitável e boa. De forma geral, verifica-se que os níveis são menores comparativamente com os da escala de Sani (2003), destacando que a subescala *Abuso Emocional* é a que possui a menor diferença ($\alpha = 0,84$ versus $\alpha_{original} = 0,86$) ao contrário das subescalas *Abuso Físico* ($\alpha = 0,69$ versus $\alpha_{original} = 0,86$), *Coerção* ($\alpha = 0,72$ versus $\alpha_{original} = 0,79$) e *Controlo* ($\alpha = 0,66$ versus $\alpha_{original} = 0,73$), salientando que os valores de alfa variam entre 0.72 (controlo) e 0.86 (abuso físico) segundo as estimativas do estudo de Sani (2007).

4.3.4. Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico

Questionário de Mitos sobre o amor Romântico trata-se de uma escala de autorrelato que foi desenvolvida e validada por Lara e Gómez-Urrutia (2021) junto de uma população chilena (14-24 anos). Uma vez que esta escala nunca foi aplicada à população portuguesa este instrumento foi traduzido para o presente estudo, cuja tradução foi revista e validada por um tradutor especializado na área da Saúde e Ciências da Vida. O objetivo da escala consiste em medir a aceitação das crenças sobre o amor romântico com base em 10 itens agrupados em duas subescalas, nomeadamente a *Idealização do Amor* (item 5; e.g., O amor é cego) e *Vinculação Amor-Abuso* (2 item; e.g., Quem te ama, bate-te), cujos itens têm um formato de resposta tipo *Likert* de 5 pontos (1= discordo fortemente e 5= concordo fortemente).

Quanto à análise da fiabilidade do instrumento, com base na Tabela 4 observa-se que a escala total apresenta um α de Cronbach de 0,620, tratando-se de um nível de consistência interna aceitável, mas um pouco problemático. O índice de consistência das subescalas *Idealização* ($\alpha = 0,52$) e *Vinculação Amor-Abuso* ($\alpha = 0,63$) são mais baixos comparativamente com os da escala original ($\alpha = 0,73$ versus $\alpha = 0,82$), enfocando que o nível de confiabilidade da subescala *Idealização do Amor* é inaceitável quando aplicada à população portuguesa.

4.4. Procedimento

Para a preparação dos instrumentos procedeu-se ao pedido de autorização para a utilização de instrumentos (ANEXO G - *Email* da Prof.^a Doutora Jeane Braga; ANEXO H - *Email* da Prof.^a Doutora Isabel Sani; ANEXO I – *Email* da Prof.^a Doutora Laura Vazquez). O Questionário Mitos sobre o Amor romântico, de Laura e Gómez-Urrutia (2021), originalmente chileno, foi traduzido para português europeu e analisado por duas pessoas (*viz.*, uma colega da unidade curricular anual de Seminário de Dissertação e um tradutor profissional). Para os pedidos de autorização junto das Escolas, criou-se uma base de dados com as Entidades Escolares a serem recrutadas na Área Metropolitana de Lisboa e contactou-se as mesmas. Solicitando-lhes informações, tais como a identificação e o *e-mail* do/a Diretor/a da escola. Posto isto, contactou-se, via *e-mail*, o responsável pela Direção das Escolas e após um breve enquadramento do estudo e apresentação dos objetivos de investigação, pediu-se autorização para aplicar um conjunto de quatro questionários a jovens adolescentes e adultos com idades compreendidas entre os 14 e 23 anos. Das 22 Escolas contactadas, 3 Escolas Técnico-Profissionais consentiram a realização do estudo, dando assim início à terceira fase, nomeadamente a realização de uma reunião com o responsável pela Direção Escolar a quem se explicou a natureza do estudo e os seus benefícios. Para a colheita de dados, procedeu-se a negociação para a distribuição e recolha dos 810 Consentimentos Informados. Com a aprovação para a participação no estudo, os questionários foram distribuídos em formato papel em contexto de sala de aula e respondidos de forma individual, sob a supervisão da investigadora. Antes do preenchimento, referiu-se que não existia tempo limite para a realização da tarefa, mas estimava-se uma duração de 15 a 25 minutos. Todos participantes foram informados que os questionários são anónimos, tendo lhes garantindo que tudo o que assinalassem não seria partilhado ou divulgado, que tinham direito a desistir a qualquer momento sem qualquer penalização e às instruções dos questionários também foram esclarecidas. Durante o preenchimento foi dado apoio a quem solicitasse, sem influenciar respostas.

Dos consentimentos 810 consentimentos informados recolhidos, 255 jovens tiveram permissão e também consentiram colaborar no estudo.

Da amostra inicial foram excluídos participantes pelas seguintes razões: não ter o consentimento dos encarregados de educação, não preencher completamente o questionário e não residir em Portugal há mais de dois anos.

5. Questões Éticas

Com base no Consentimento Informado, obteve-se o consentimento dos encarregados de educação, tutores legais dos participantes menores para a participação no estudo, assim como o consentimento dos participantes maiores de idade. É com base no Consentimento Informado que se informou os responsáveis dos menores sobre o objetivo e benefícios do estudo, de forma a compreenderem a sua importância. Além disso, foi descrito que a participação do menor é voluntária e confidencial, e por isso, tanto o encarregado como o menor são livres de recusar a participação e o mesmo tem a liberdade para abandonar a participação a qualquer momento sem ser penalizado.

Neste âmbito, a confidencialidade adquire igualmente bastante relevância nesta investigação e por isso, garantiu-se ao menor e ao seu encarregado que a participação do mesmo estará ao abrigo do Artigo 79.º Segredo Profissional (Lei N.º 57/2008), garantindo-lhes que a participação é anónima e todos os dados serão confidenciais. Objetiva-se, desta forma, que também os encarregados se sintam confortáveis o suficiente para deixarem os seus filhos participar no estudo.

Posteriormente e de forma a evitar ao máximo a decepção dos participantes, explicou-se devida e apropriadamente todos os objetivos, procedimentos e implicações do presente estudo, tendo em consideração a sua idade. Além disso, com base no direito ao esclarecimento, em caso de contacto, assegurou-se no Consentimento Informado aos encarregados e respetivos filhos a clarificação de qualquer aspeto da investigação.

Aquando a aplicação do estudo, salientou-se junto dos participantes que todos os questionários foram devidamente codificados e por isso, era impossível identificar o participante de forma precisa.

5.1. Armazenamento e Proteção de Dados

Os dados recolhidos através de questionários de autopreenchimento foram introduzidos e codificados numa base do *Software SPSS* versão 29 para posterior análise estatística. Tanto os questionários como os dados dos participantes foram guardados em anonimato e com chaves de acesso.

6. Análise de Resultados

A análise de resultados organiza-se em cinco partes. A primeira parte “Estudo dos Pressupostos de Normalidade”, referente à análise da distribuição amostral, tem como objetivo justificar em antemão que tipo de teste estatístico (*viz.*, teste estatístico paramétrico vs. não paramétrico) se ajusta adequadamente à dimensão da amostra.

Na segunda parte segue-se a “Análise Descritiva”, composta por 4 partes, visa a caracterização sociodemográfica, as relações íntimas e familiares dos participantes.

Na terceira parte “Estudo Inferencial sobre as Relações Íntimas” faz-se referência às atitudes dos jovens face à perpetração e legitimação da violência nas relações íntimas em função do género, idade, orientação sexual, tipo e tempo da relação íntima e estrutura familiar. Ademais, investiga-se que existem diferenças significativas entre a subescala Estratégias Positivas de Gestão de Conflito de acordo com o tipo de relação íntima. Neste sentido, visa-se que a escala CADRI-P (Lucas *et al.*, 2013) é constituída por itens bidirecionais referentes aos comportamentos violentos dos participantes, que neste estudo será designado por Grupo Agressor, e aos comportamentos dos (ex-)companheiros, categorizado enquanto Grupo Vítima. Ressalva-se que os dados relativos ao Grupo Vítima se baseiam na perceção dos comportamentos dos companheiros atuais ou passados dos participantes.

A quarta parte, “Estudo Inferencial sobre o Ambiente Familiar”, baseia-se na identificação da ocorrência de situações violentas no contexto familiar, cujo sistema familiar é avaliado e caracterizado de acordo com a perceção dos jovens, com base na aplicação da Escala Sinalização do Ambiente Natural Infantil (Sani, 2003). A avaliação do contexto familiar é discriminada em função da frequência de situações de violência doméstica vividas no último ano, do tipo de elemento vitimado (*viz.*, cônjuge e/ou jovem), da estrutura familiar, do concelho dos filhos, género, orientação sexual, nacionalidade e ainda se verifica de que forma as tipologias de violência intrafamiliar se correlacionam entre si.

Por fim, a quinta parte, “Estudo Inferencial sobre as Crenças no Amor Romântico”, retrata as expectativas dos jovens nas relações íntimas de acordo com as suas crenças que contribuem para a idealização e/ou legitimação de abuso em contextos de intimidade. Este retrato é efetuado em função da nacionalidade, género, idade, orientação sexual, tipo de relação íntima e tipologia da violência perpetrada, referente apenas ao Grupo Agressor.

6.1. Estudo dos Pressupostos de Normalidade

Relativamente à escala CADRI-P (Lucas *et al.*, 2017) analisou-se os pressupostos da distribuição normal das subescalas violência física (VF), *violência relacional-psicológica* (VRP), *violência sexual* (VSX), *violência verbal-emocional* (VVE) e *ciberviolência* (CYB) referentes ao grupo agressor e de acordo com os valores absolutos de assimetria (sk) inferiores a 3 e os valores absolutos de achatamento (ku) inferiores a 8-10, reportados por Kline (1998, *as cited in* Marôco, 2018), verificou-se que as variáveis VF ($sk = 3,941$; $ku = 19,410$), VRP ($sk = 3,645$; $ku = 16,679$) e VSX ($sk = 4,378$; $ku = 24,554$) não seguem uma distribuição normal (ver Tabela 5).

Quanto ao Grupo Vítima, não se verifica uma distribuição normal nas variáveis VF ($sk = 4,806$; $ku = 27,156$), VRP ($sk = 3,002$; $ku = 10,072$), VSX ($sk = 3,153$; $ku = 13,452$) e CYV ($sk = 3,087$; $ku = 15,293$), de acordo com a Tabela 6. No que diz respeito à escala Estratégias Positivas de Gestão de Conflito (Tabela 7), confirma-se a distribuição normal para ambos os grupos ($sk_{agressor} = -0,616$; $ku = 0,226$ vs. $sk_{vítima} = -0,474$; $ku = -0,001$), o que permitirá a aplicação de testes estatísticos paramétricos no sentido de verificar se existem diferenças significativas em função do género e tipo de relação íntima.

Quanto à escala Sinalização do Ambiente Natural Infantil ([SANI] Sani, A., 2003), que capta a vitimação nos sistemas familiares a partir de várias tipologias de violência, verificou-se que os tipos de violência seguem uma distribuição normal e percebeu-se que as variáveis *violência física* ([vf] $sk = 3,327$; $ku = 13,211$) e *coerção* ([CO] $sk = -2,981$; $ku = 11,952$) não cumprem os pressupostos paramétricos, conforme se verifica na Tabela 8.

Por último, a Tabela 9 indica que as subescalas *Idealização* ($sk = -0,238$; $ku = 0,166$) e *Amor-Abuso* ($sk = 0,134$; $ku = -0,215$) da escala Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico cumprem os pressupostos paramétricos, permitindo a aplicação de testes estatísticos paramétricos.

Face ao supracitado, para as análises subsequentes irão ser utilizados testes paramétricos sempre que se verificarem os pressupostos (nomeadamente a normalidade, que foi já verificada), ou, em alternativa, os testes não-paramétricos correspondentes. No entanto, mesmo que os pressupostos estatísticos (*e.g.*, distribuição normal de dados) não se verifiquem relativamente às variáveis indicadas, ressalva-se que neste estudo aplicou-se testes paramétricos para dados ordinais (*e.g.*, escalas de *Likert*), dependendo da

complexidade da hipótese, pelo facto de serem geralmente mais robustos comparativamente com os testes não-paramétricos que requerem uma dimensão de amostra maior (valor N) para se encontrar diferenças estatisticamente significativas entre grupos (Norman, 2010; Sullivan & Artino, 2013). Desde os anos 80 que a literatura defende que os testes paramétricos podem ser utilizados para escalas tipo *Likert*, mesmo que o tamanho da amostra seja pequeno e os pressupostos estatísticos não se verifiquem (Norman, 2010).

6.2. Estatística Descritiva

6.2.1. Estatística Descritiva sobre os Dados Sociodemográficos

No que concerne à situação relacional, 159 participantes (73,6%) encontram-se ou já estiveram numa relação estável enquanto 57 optaram por numa situação relacional casual (26,4%). No que concerne as relações estáveis, verifica-se com base na Tabela 10 que o género feminino (54,1%) tem preferência por este tipo de relação íntima comparativamente com o género masculino (44,7%). Estes dados descritivos não são comparados com o género fluido por o número não ser representativo (N = 2). Porém, informa-se que ambos têm uma relação estável (1,3%).

Aquando o preenchimento dos questionários, 87 participantes encontravam-se numa relação íntima, entre os quais 79 namoram e 9 tinham uma relação casual. De forma generalizada, conclui-se que os jovens têm preferência pelas relações estáveis (N= 159; 73,6%) comparativamente com as relações casuais (N= 57; 26,4%). Dos participantes que já não se encontravam numa relação afetivo-sexual, 61 (28,2%) terminaram a mesma há 1 ano e 68 (31,5%) há menos de um ano.

Quanto à respetiva durabilidade do tipo de relação íntima, ambas possuem a duração mínima de < 1 semana. Em contrapartida, distinguem-se na duração máxima pelo facto de a relação estável mais longa ter sido de 288 semanas, correspondente a 5 anos e 5 meses, e a relação casual de maior duração ter registado 144 semanas, o que corresponde a 2 anos e 10 meses. Ou seja, parece que na ausência de compromisso, as relações casuais duram metade do tempo comparativamente com as relações estáveis.

No que diz respeito ao perfil dos companheiros (Tabela 11), 99 indivíduos são do género masculino, 107 do género feminino e 10 do género fluido, com uma média de idade de 17,32 anos. Respeitante à orientação sexual dos companheiros, 185 são heterossexuais (85,6%), 19 bissexuais (8,8%), 8 homossexuais (3,7%) e 3 pansexuais (1,4%). A maioria frequenta entre o 9º ano e o 12º ano, entre os quais 60 frequenta ou tem

o 12º ano concluído (27,8%). Destaca-se, porém, que 12 frequentam o Ensino Superior (5,6%).

No que concerne à qualidade das relações íntimas, verificou-se com base na Tabela 11 que a taxa mais elevada de vitimação é referente à violência verbal (19%), psicoemocional (18,1%) e relacional (12,5%), com uma menor percentagem para a ciberviolência (6%) e violência sexual (4,2%). De forma a entender a lateralidade da violência, concluiu-se que independentemente do tipo de violência, os participantes são os que sofreram mais nas suas relações de intimidade pelos companheiros, embora se reconheça agressões bidirecionais de caráter verbal (6,9%), psicoemocional (5,1%) e relacional (0,9%). Quanto à conduta dos participantes, o tipo de violência mais perpetrado pelos mesmos foi a violência verbal (5%), seguida da violência psicoemocional (4%). Com base nestes dados, pode-se verificar que a violência tanto pode ser unilateral como bilateral, sendo a violência verbal (*e.g.*, humilhar, insultar, difamar, gritar) o tipo de agressão mais utilizada e sofrida pelos jovens a seguir à violência psicoemocional.

No que concerne o contexto familiar, verifica-se com base no Gráfico 1, que a violência verbal é o tipo de violência mais testemunhada e perpetrada de forma consistente ao longo da vida, em que 55,09% dos participantes testemunharam conflitos verbais e cerca de 46,9% sofreu de agressões verbais durante a infância, sendo que atualmente 38,88% dos jovens ainda sofre deste tipo de abuso intrafamiliar. Consequentemente, os participantes afirmaram que durante a sua infância testemunharam (17,7%) e sofreram (30,7%) agressões físicas, cujos dados remetem para uma cultura permissiva relativamente ao uso da força para a “educação” dos filhos. Este tipo de violência ainda prevalece (3,7%) na atualidade. Quanto às ameaças (*e.g.*, de agressão, de morte), a perpetração deste comportamento abusivo diminuiu ao longo da vida, embora na infância 15,7% dos participantes testemunhou atitudes ameaçadoras, tendo 11,5% dos jovens sido ameaçados na infância. Atualmente, 5,1% dos jovens ainda sofre às vezes de ameaças.

Analisando a frequência da violência intrafamiliar em função do género dos jovens, desde a infância à atualidade, efetuou-se uma descoberta acidental relativamente à taxa de vivência de violência intrafamiliar por género. Concluiu-se que as raparigas estiveram mais expostas e sofreram mais de comportamentos abusivos (*e.g.*, violência verbal, física e psicológica) comparativamente com os rapazes, exceto no ato de testemunhar ameaças, cuja percentagem foi superada pelos rapazes (Gráfico 2). Para esta análise, destaca-se uma vez mais que se trata de uma amostra homogénea. Participantes

de género fluido⁶ também testemunharam e sofreram ameaças, assim como violência verbal e física. Quanto à violência intrafamiliar vivida na atualidade, mais de 1/3 dos jovens sofre de violência verbal no contexto familiar, 11 participantes são ameaçados, dos quais 1 sofre ameaças regularmente, e 8 participantes, mais especificamente 3 rapazes e 5 raparigas, ainda sofrem às vezes de violência física.

De forma a explorar mais sobre o sistema familiar dos participantes, verificou-se que os que mais agressões sofreram ao longo da vida pertencem maioritariamente a uma família nuclear e monoparental (Gráfico 3, Gráfico 4 e Gráfico 5) e residem no concelho de Barreiro ou da Moita, que segundo os resultados correspondem aos concelhos com maior taxa de violência doméstica (ver Gráfico 6). Entre os tipos de violência sofridos desde a infância até à atualidade, a violência verbal, em comparação com a violência física e psicológica, tornou-se num padrão relacional negativo comum entre as famílias e os 4 concelhos (*viz.*, Barreiro, Moita, Montijo e Palmela), cujos dados são refletivos pelo Gráfico 6.

Quanto às relações íntimas atuais ou passadas dos participantes, que assumiram ter exercido algum tipo de comportamento abusivo tipificado como violência verbal, física, psicológica ou emocional, sexual, relacional e/ou ciberviolência, observou-se que à semelhança de situações de violência doméstica experienciada por concelho, 58% dos jovens encontram-se ou já estiveram numa relação íntima abusiva residem no concelho da Moita, seguido pelo concelho de Palmela (25%), Montijo (11%) e Barreiro (5%), de acordo com o Gráfico 7.

Todos os dados aqui reportados numa primeira instância serão reanalisados, comparados e completados com base nos dados inferenciais obtidos nas escalas psicométricas de Lucas e colaboradores (2013), Sani (2003) e Laura e Gómez-Urrutia (2021).

6.2.2. Estatística Descritiva sobre a Perpetração de VRI

Frequência dos comportamentos abusivos do Grupo Agressor

De maneira a ter-se uma perspetiva clara sobre as Estratégias Negativas de Resolução de Conflito aplicadas pelos participantes, devidamente categorizadas pela tipologia de violência, a Tabela 12 informa-nos com base em dados descritivos que relativamente à violência física 5,1% confirmou ter mordido ou beliscado às vezes (*viz.*,

⁶ O género fluido desta amostra não é representativo da comunidade LGBTQIA+ por se tratarem apenas de dois participantes.

1 a 5 vezes) outrem com o intuito de magoar ou aleijar; 2,3% já atirou às vezes um objeto contra o outro enquanto 1,4% o fez frequentemente ao longo do relacionamento amoroso.

Respeitante à violência verbal-emocional, 38,4% dos participantes trouxe à conversa algo que o/a parceiro/a tinha feito mal no passado e 6,9% fê-lo frequentemente; 32,9% já fez algo para provocar às vezes ciúmes; 34,7% falou às vezes com o/a parceiro/a com um tom agressivo e 7,4% responsabilizou frequentemente o outro por um problema.

A nível relacional-psicológico, 9,7% tentou virar entre 1 a 5 vezes os amigos do/a companheiro/a contra ele/ela, tendo 1,9% dos participantes tido frequentemente essa atitude agressiva. Quanto às ameaças de magoar o outrem, 2,3 assumiu tê-lo feito às vezes.

Relativamente ao exercício de ciberviolência, destaca-se que uma maioria (25%) enviou, entre 1 a 5 vezes, mais de 5 SMS durante o dia para saber o que o/a parceiro/a estava a fazer e onde se encontrava e 6% teve frequentemente (*viz.*, mais de 6 vezes) a mesma conduta. Consequentemente, 13,9% refere ter enviado, entre 1 a 5 vezes, SMS ou toques, durante a noite, para controlar outrem, enquanto 3,2% assumiu tê-lo feito mais de 6 vezes. Quanto ao ato de mexer no telemóvel dele/dela para ver mensagens ou chamadas, sem o devido consentimento, verifica-se um registo de 13,4%.

Neste seguimento, entre os participantes que perpetrarem pelo menos um comportamento sexualmente agressivo, 10,6% beijou pelo menos 1 a 5 vezes outrem mesmo que ele/ela não quisesse, sendo que 2,3% fê-lo frequentemente; 7,9 % opinou às vezes sobre a indumentária do/a parceiro/a pelo facto de “dar muito nas vistas”; 5,6% tocou entre 1 a 5 vezes no corpo do seu/sua parceiro/a ou fez-lhe carícias contra a sua vontade, tendo 1,9% tido a mesma atitude por mais de 6 vezes ao longo da relação íntima. Destaca-se ainda que 2,3% ameaçou frequentemente (*viz.*, mais de 6 vezes) o outro com o intuito de ter relações sexuais, houve também 1 participante que forçou outrem a ter relações sexuais e 3,2% não usou preservativo durante o ato sexual contra a vontade do/a seu/sua parceiro/a. Quanto à ameaça para fins sexuais, esta é classificada por Lucas e companhia (2013) como violência relacional-psicológica, porém, para este estudo deu-se mais ênfase ao propósito da mesma e por isso foi tipificada como violência sexual, também pelo facto da violência sexual ser simultaneamente física.

6.2.3. Estatística Descritiva sobre a Vitimação de VRI

Frequência de vitimação

Evidencia-se com base na Tabela 13, que a nível físico, 5,6% dos participantes foram colocados, entre 1 a 5 vezes, ao longo da sua relação, atual ou passada, numa situação perigosa, na qual se poderiam ter magoado ou aleijado ($N_{\text{vitima}} = 12$ (5,6%) *versus* $N_{\text{agressor}} = 2$ (0,9%)), o que também ocorreu numa frequência superior a 6 vezes ($N_{\text{vitima}} = 3$; $P = 1\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 0$). Outros foram fisicamente agredidos com uma bofetada ou puxão de cabelo ($N_{\text{vitima}} = 9$; $P = 4,2\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 4$; $P = 1,9\%$) ou foi-lhes atirado um objeto com a intenção de os magoar ($N_{\text{vitima}} = 8$; $P = 3,7\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 5$; $P = 2,3\%$), o que aconteceu entre 1 a 5 vezes na relação íntima.

Quanto ao exercício da violência-verbal que à semelhança do Grupo Agressor, trata-se de um dos tipos de violência mais perpetrados, a seguir à ciberviolência. A mesma proporção de jovens trouxe por vezes à conversa algo que o outro tinha feito de errado no passado ($N_{\text{vitima}} = 82$; $P = 83\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 83$; $P = 38,4\%$), o que também aconteceu de forma recorrente com destaque para o Grupo Vítima ($N_{\text{vitima}} = 20$; $P = 9,3\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 15$; $P = 6,9\%$). O ato de provocar ciúmes trata-se de um dos comportamentos abusivos mais sofridos. Cerca de 35,2% dos (ex-)companheiros dos participantes optaram às vezes por esta estratégia negativa, o que revela terem sido os participantes a sofrerem mais com este comportamento embora a diferença não seja tão significativa ($N_{\text{vitima}} = 76$; $P = 35,2\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 71$; $P = 32,9\%$). No entanto, a nível de frequência (>6 vezes), o Grupo Vítima adotou mais por essa estratégia em comparação com o Grupo Agressor ($N_{\text{vitima}} = 11$; $P = 5,1\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 6$; $P = 2,8\%$). Em contraste, 18,1% dos participantes foram acusados de se meterem com outros/as rapazes ou raparigas ($N_{\text{vitima}} = 39$; $P = 18,1\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 40$; $P = 18,5\%$) e 25,5% foi por vezes ameaçado com o término da relação íntima ($N_{\text{vitima}} = 55$; $P = 25,5\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 56$; $P = 25,9\%$), tendo o mesmo ocorrido mais de seis vezes a 2,8% dos participantes ($N_{\text{vitima}} = 6$; $P = 2,8\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 2$; $P = 0,9\%$), notando não existirem diferenças significativas entre grupos. Por conseguinte, ambos os grupos tendem a falar num tom de voz mais agressivo durante uma discussão, por exemplo ([às vezes] $N_{\text{vitima}} = 71$; $P = 32,9\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 75$; $P = 34,7\%$; [frequentemente] $N_{\text{vitima}} = 16$; $P = 7,4\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 9$; $P = 4,2\%$), sendo este o terceiro comportamento abusivo mais sofrido. Respeitante ao terceiro comportamento abusivo mais perpetrada entre 1 a 5 vezes, 32,9% falou num tom de voz mais agressivo durante uma discussão, por exemplo.

Dos comportamentos relacionais e psicologicamente abusivos, observa-se que 9,3% dos participantes foram às vezes ameaçados com a destruição de objetos de valor ou foram até mesmo destruídos ($N_{\text{vítima}} = 20$; $P = 9,3\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 3$; $P = 1,4\%$), notando que 2,8% sofreu desse abuso mais de seis vezes ao longo da relação íntima ($N_{\text{vítima}} = 6$; $P = 2,8\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 2$; $P = 0,9\%$). No que diz respeito ao grupo pares, os amigos de 9,7% dos participantes ficaram contra eles/elas sob a influência dos (ex-)companheiros, tanto os participantes como os seus companheiros atuais ou passados lidaram na mesma proporção com rumores e boatos falsos ($N_{\text{vítima}} = 21$; $P = 9,7\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 21$; $P = 9,7\%$), o que aconteceu igualmente com alguma frequência ($N_{\text{vítima}} = 4$; $P = 1,9\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 4$; $P = 1,9\%$) e cerca de 4,6% já vivenciou entre 1 a 5 vezes ameaças física ($N_{\text{vítima}} = 10$; $P = 4,6\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 5$; $P = 2,3\%$), tendo 3% passado pelo mesmo ($N_{\text{vítima}} = 7$; $P = 3\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 0$).

Neste seguimento, a ciberviolência trata-se de outro tipo de agressão que carece de atenção, pois tanto o Grupo Agressor como o Grupo Vítima apresentam exercer os mesmos comportamentos abusivos: enviar mais de 5 SMS durante um dia, de maneira a controlar às vezes alguém ($P_{\text{vítima}} = 32\%$ *versus* $P_{\text{vítima}} = 25\%$) ou de forma frequente (7% *versus* $P_{\text{vítima}} = 6\%$); utilizar o telemóvel dele/a, sem a devida autorização, para ver mensagens ou chamadas ($P_{\text{vítima}} = 14,8\%$ *versus* $P_{\text{vítima}} = 13,4\%$) e enviar mensagens ou toques, durante a noite, para controlar às vezes o outro ($P_{\text{vítima}} = 19\%$ *versus* $P_{\text{vítima}} = 13,9\%$) ou de forma recorrente ($P_{\text{vítima}} = 4,6\%$ *versus* $P_{\text{vítima}} = 3,2\%$). Porém, verifica-se que o mesmo número de participantes enviou conteúdos a insultar o/a (ex-)parceiro/a ($P_{\text{vítima}} = 4,6\%$ *versus* $P_{\text{vítima}} = 4,6\%$), podendo ter ocorrido em autodefesa.

Por fim, no que concerne à violência sexual, verifica-se diferenças comportamentais entre grupos. Uma maioria dos participantes do estudo foi influenciada a envolver-se sexualmente sem usar preservativo ($P_{\text{vítima}} = 10,6\%$ *versus* $P_{\text{agressor}} = 3,2\%$); 27 participantes foram ameaçados entre 1 a 5 vezes para fins sexuais ($N_{\text{vítima}} = 27$; $P = 12,5\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 1$; $P = 10,6\%$), tendo 4 participantes sofrido o mesmo fenómeno mais de 6 vezes ($N_{\text{vítima}} = 4$; $P = 1,9\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 5$; $P = 2,3\%$), o que de facto é alarmante. O ato de receber carícias ou do seu corpo ser tocado contra vontade trata-se de outro acontecimento com o qual os participantes mais sofreram, tendo ocorrido entre 1 a 5 vezes a 22 participantes ($P = 10,2\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 12$; $P = 5,6\%$). Quanto ao ato de beijar outra pessoa contra a sua vontade, 1,9% dos participantes sofreu às vezes desse abuso em contraste com a perpetração do mesmo ($N_{\text{vítima}} = 4$; $P = 1,9\%$ *versus* $N_{\text{agressor}} = 23$; $P = 10,60\%$).

6.2.4. Estatística Descritiva sobre a Violência Intrafamiliar

Frequência e caracterização das situações de violência doméstica

As informações apresentadas relativamente à vivência das situações intrafamiliares violentas correspondem ao mês de junho de 2022 até junho de 2023 e baseiam-se na perceção dos jovens. A caracterização do seu ambiente familiar faz referência às agressões tipificadas sofridas e/ou testemunhadas pelos participantes que ocorreram entre 1 ou 2 vezes por ano (às vezes) até mais de 1 vezes por mês (quase sempre). De acordo com a Tabela 14 verificou-se que a nível de abuso físico, os participantes sofreram e/ou testemunharam familiares a atirarem propositadamente objetos contra outrem (14,4%), a serem agredidos com coisas (13%) e puxar ou empurrar alguém com o intuito de magoar alguém, fazendo-a cair por exemplo (6,6%).

Quanto ao abuso emocional, trata-se à semelhança da VRI entre jovens do tipo de violência mais sofrido/testemunhado. Cerca de 59,7% já gritou com alguém (59,7%), insultou (51,9%), envergonhou verbalmente alguém (25,5%) e/ou fez troça de alguém (23,6%).

Relativamente ao conjunto de comportamentos que constituem o fator coerção, destaca-se o ato de expulsar alguém de casa (15,3%), fazer de alguém criado (19,4%) e, conseqüentemente, forçar alguém a trabalhar massivamente (12,5%).

Por fim, o fator controlo referente ao exercício de autoridade sobre outra, cujo comportamento influencia o outro, mas com menor grau de coação (Sani, 2003), visa-se que o pacto de silêncio (37,5%), proibição da socialização (24%), controlar tudo em absoluto (19,9%) e ciumar ou desconfiar de alguém (18,5%) são os comportamentos mais comuns nos sistemas familiares destes jovens.

Frequência da vitimação no sistema familiar

Relativamente à frequência do tipo de violência testemunhada e/ou sofrida no último ano (Tabela 15), a maioria dos jovens ($M = 24,83 \pm 5,53$) refere não ter estado envolvido em situações de violência doméstica desde há um ano, porém, uma segunda maioria ($M = 2,16 \pm 3,48$) testemunhou situações de violência entre adultos, seguido de agressões dirigidas a crianças ou jovens ($M = 1,88 \pm 3,36$).

Dados descritivos sobre o contexto familiar de acordo com o concelho dos jovens

Considerando que o número de participantes por concelho do distrito de Setúbal é heterogéneo (Tabela 16), para uma análise mais coerente optou-se pelos concelhos mais

numerosos, nomeadamente o Barreiro (N = 65), Moita (N = 59), Montijo (N = 39) e Palmela (N = 30). Posto isto, dos jovens de sofreram e/ou testemunharam agressões entre adultos no seu sistema familiar, a maioria (M = 2,86±3,84) reside no Concelho da Moita, seguido do concelho do Montijo (M = 2,21±3,35) e do Barreiro (M = 2,20±4,19). Quanto às agressões dirigidas a crianças e jovens no último ano, destacam-se o concelho do Barreiro (M = 2,35±0,77), Moita (M = 1,64±2,20) e Palmela (M = 1,40±2,92).

Respeitante às vítimas adultas e jovens, enfatiza-se o concelho da Moita (M = 1,86±4,06) e do Barreiro (M = 0,77±1,83) comparativamente com os restantes concelhos.

6.3. Estatísticas Inferenciais sobre a Vitimação de VRI

Caraterização das relações íntimas dos jovens portugueses/não-portugueses em função do género

Os padrões relacionais íntimos dos participantes portugueses e não portugueses variam de acordo com a sua nacionalidade, segundo a Tabela 17. Isto quer dizer que a nacionalidade tem um efeito significativo na perpetração de violência sexual tanto para jovens portugueses (U = 3884,00; $p < 0,05$; N = 189) como para jovens que residem em Portugal há mais de 2 anos (U = 32,500; $p < 0,05$; N = 25), revelando existir consistência entre nacionalidades.

Diferenças na violência perpetrada/sofrida em função do género.

As Estratégias Negativas de Resolução de Conflito do Grupo Agressor variam em função do género, sobretudo em relação à violência sexual (U = 4605,50; $p < 0,05$; N = 214), o que foi permitido determinar com base na aplicação do teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney. Os comportamentos sexualmente abusivos são significativamente mais perpetrados pela amostra masculina (M_{masc} = 6,76; N = 108 *versus* M_{fem} = 6,31; N = 106) (ver Tabela 18). Porém, no Grupo Vítimas, o tipo de violência não varia em função do género dos (ex-)companheiros dos participantes (U = 5316,00; $p = 0,227$; M_{masc} = 6,63 *versus* M_{fem} = 6,67). De acordo com uma análise descritiva, o tipo de violência mais perpetrado pelo Grupo Vítimas é a violência verbal-emocional pelo género feminino (M_{masc} = 12,15 *versus* M_{fem} = 11,88).

Analisando de forma geral os dados do Grupo Agressor, verifica-se que o género masculino (M = 8,02) é mais abusivo do que o feminino (M = 7,95) e quanto aos padrões de violência, de um ponto de vista descritivo, a violência física (M_{masc} = 7,28 *versus* M_{fem} = 7,14), relacional-psicológica (M_{masc} = 6,31 *versus* M_{fem} = 6,2) e sexual (M_{masc} = 6,76 *versus* M_{fem} = 6,31) são os mais perpetrados pelo género masculino. Relativamente ao

género feminino do respetivo Grupo, verifica-se que a violência verbal-emocional e a ciberviolência ($M_{\text{masc}} = 7,91$ versus $M_{\text{fem}} = 7,97$) são os mais exercidos.

No Grupo Vítima, a violência física ($M_{\text{masc}} = 7,38$ versus $M_{\text{fem}} = 7,26$), verbal-emocional ($M_{\text{masc}} = 12,62$ versus $M_{\text{fem}} = 12,49$), relacional-psicológica ($M_{\text{masc}} = 6,7$ versus $M_{\text{fem}} = 6,59$) e desta vez, a ciberviolência ($M_{\text{masc}} = 8,31$ versus $M_{\text{fem}} = 8,28$) são maioritariamente exercidos pelo género masculino. Já em relação à violência sexual do Grupo Agressor, verifica-se o fenómeno contrário por esse tipo de violência ser mais exercido pelo género feminino ($M_{\text{masc}} = 6,63$ versus $M_{\text{fem}} = 6,67$), embora a diferença entre médias não seja grande.

Atendendo à média geral dos comportamentos violentos perpetrados por grupo e por género observa-se que, à semelhança do que a literatura evidencia, a amostra masculina apresenta utilizar mais Estratégias Negativas de Resolução de Conflito comparativamente com a amostra feminina ($M_{\text{masc}} = 8,03$ versus $M_{\text{fem}} = 7,95$; $M_{\text{masc}} = 8,32$ versus $M_{\text{fem}} = 8,25$), atendendo ao facto da amostra ser homogénea e 78,7% dos participantes serem heterossexuais. Ademais, os dados ressaltam que os participantes deste estudo (Grupo Agressor) sofrem mais de VRI do que os seus (ex-)parceiros (Grupo Vítima), apesar de se reconhecer evidências de violência bilateral, o que remete para o facto de o agressor ser uma vítima simultânea.

Variância do tipo de violência perpetrada/sofrida em função da idade

Sendo a idade, segundo a literatura, um preditor de perpetração de VRI e vitimação, entendeu-se que relativamente à presente amostra juvenil os tipos de violência da escala CADRI-P não estão significativamente correlacionados à idade ($R_{\text{vsx}} = 0,70$, $p = 0,309$), (ver Tabela 19). Por meio de uma regressão (ver Tabela 20) confirmou-se que de facto não existe uma associação entre idade e o tipo de violência ($B = 0,083$ $p = 0,180$). Não existem diferenças entre faixas etárias (Grupo 1: 15 – 16 anos; Grupo 2: 17 – 18 anos; Grupo 3: 19 – 20 anos e Grupo 4: 21 – 22 anos) e o tipo de violência perpetrada ($H = 5,561$, $p = 0,135$) de acordo com a Tabela 21. No entanto, relativamente à presente amostra teórica, o teste correlacional de Spearman revela que quanto mais velho for o companheiro maior é a probabilidade de os participantes sofrerem agressões sexuais ($r_{\text{vsx}} = 0,185$; $p < 0,05$), segundo a Tabela 22.

Relação entre o tipo de violência perpetrada/ sofrida e a orientação sexual

Investigou-se se a orientação sexual dos jovens desempenha um papel crucial relativamente ao tipo de violência perpetrada e vitimizada, e o teste Kruskal-Wallis (ver Tabela 23) evidencia que a perpetração de ciberviolência varia de acordo com a orientação sexual ($H_{\text{agressor}} = 10,551$; $p < 0,05$). Porém, não existe uma relação significativa entre a orientação sexual e a vitimação de VRI ($H_{\text{vítima_vrp}} = 4,939$; $p = 0,176$) (Tabela 24).

De forma a discriminar que faixa etária (Grupo 1: 15 – 16 anos; Grupo 2: 17 – 18 anos; Grupo 3: 19 – 20 anos e Grupo 4: 21 – 22 anos) do Grupo Agressor em função da orientação sexual, a Tabela 25 releva que os jovens com idades compreendidas entre os 15 e 16 anos perpetram mais ciberviolência ($H = 7,995$, $p < 0,05$), enquanto o exercício da violência verbal-emocional é significativo ($H = 6,406$, $p < 0,05$) para jovens mais velhos com 19 a 20 anos ($H = 6,406$, $p < 0,05$).

Relação entre tipo de violência e o tipo de relação íntima

Constatou-se que relativamente ao Grupo Agressor não existem diferenças estatisticamente significativas em relação ao tipo de violência e relação afetivo-sexual ($U = 4247,00$; $p = 0,43$; $N = 216$), (ver Tabela 26). Contudo, em relação ao Grupo Vítima, verificou-se existirem diferenças significativas na variável violência física ($U = 3897,500$); $p < 0,05$; $N = 215$), o que indica que os participantes que se encontravam numa relação íntima casual estão mais vulneráveis a sofrer de VF durante uma discussão, por exemplo, em comparação com outros tipos de estratégias negativas (ver

Tabela 27).

Comparando a conduta dos elementos do Grupo Agressor com a do Grupo Vítima, conclui-se com base numa análise descritiva (ver Tabela 28), que nas relações estáveis os jovens correm menor risco de vitimação, embora o fenómeno da bidirecionalidade se reflita em qualquer tipo de relação íntima. Dos tipos de violência, a violência verbal-emocional ($M_{\text{agressor}} = 11,93$ vs $M_{\text{vítima}} = 12,41$) é a mais perpetrada/sofrida, seguida da ciberviolência ($M_{\text{agressor}} = 7,93$ vs $M_{\text{vítima}} = 8,2$) e violência física ($M_{\text{agressor}} = 7,23$ vs $M_{\text{vítima}} = 7,47$).

Relação entre o tempo do tipo de relação íntima e a frequência de VRI perpetrada/sofrida

Neste sentido, de forma a perceber se o tempo da relação íntima (em semanas) influencia a frequência de comportamentos violentos, aplicou-se o Modelo de Regressão Linear Múltipla (Tabela 29 e Tabela 30) e respeitante ao tempo da relação do Grupo Agressor, conclui-se que não existe um efeito significativo tanto para a relação íntima estável ($B = 0,008$; $p = 0,085$) como casual ($B = 0,005$; $p = 0,210$).

Relativamente ao Grupo Vítima, observou-se que por cada semana de relação a frequência de infligir violência relacional-psicológica ($B = -0,005$; $p < 0,05$) sobre os participantes diminui nas relações íntimas estáveis (ver Tabela 31). Quanto às relações casuais, não se verificou nenhum efeito significativo ($B = 0,005$; $p = 0,210$), (Tabela 32).

As Estratégias Positivas de Gestão de Conflito variam em função do tipo de relação afetivo-sexual

Também se observou que as Estratégias Positivas (não abusivas) de Gestão de Conflito adotadas pelos jovens, tanto do Grupo Agressor como do Grupo Vítima, também variam ($t(214) = 4,021$; $p < 0,001$; $d = 4,173$) e ($t(194) = 4,061$; $p < 0,001$; $d = 3,887$) em função do tipo de relação íntima, destacando-se a relação íntima estável (ver Tabela 34). Ou seja, os jovens adotam mais Estratégias Positivas de Gestão de Conflito (*e.g.*, item 1. *Eu expliquei as razões pelas quais agi*; item 21. *Eu deixei o local para me acalmar*; item 26. *Eu cedi apenas para evitar conflitos*) estando numa relação íntima estável do que numa casual.

Relação entre Violência nas Relações Íntimas e a estrutura familiar

Neste seguimento, verificou-se com base na aplicação do Teste Kruskal Wallis (Tabela 35) que não existe uma relação significativa entre o tipo de estrutura familiar e tipo de violência perpetrada nas relações íntimas dos jovens ($H_{agressor} = 7,390$, $p = 0,117$) ou a vitimação de VRI ($H_{vítima} = 8,932$, $p = 0,063$).

Relação entre padrões de violência (Familiar e Íntimo)

Tendo-se comparado os padrões relacionais em contexto familiar e íntimo (ver Tabela 36), observou-se que o aumento da coerção sofrida e/ou testemunhada pelos jovens em contexto familiar, diminui a perpetração de violência verbal/emocional nas relações íntimas dos jovens ($B = -1,431$, $p < 0,05$). Denota-se ainda que o efeito entre o

abuso físico (SANI, 2003) e VRP (CADRI-P, 2013) não seja significativo ($B = -0,259$; $p = 0,077$), pode-se considerar que se encontram em vias de risco de perpetração de VRI visto encontrar-se próximo do limiar da significância estatística.

Quanto ao risco de vitimação de VRI associado ao contexto familiar violento, a Tabela 36 indica que o controlo exercido por familiares gera violência verbal/emocional ($B = 1,348$, $p < 0,05$), violência relacional/psicológica ($B = 0,973$, $p < 0,001$) e ciberviolência ($B = 1,143$, $p < 0,05$).

6.4. Estatísticas Inferenciais sobre o Ambiente Familiar

Relação entre tipos de violência intrafamiliar e nacionalidade

A Tabela 37 evidencia existir diferenças significativas entre as famílias dos participantes portugueses e não portugueses no que diz respeito à perpetração da coerção ($t(214) = 2,468$; $p < 0,01$; $d = 0,231$).

Relação entre tipos de violência intrafamiliar e estrutura familiar

Com base na aplicação do ANOVA a 1 Fator (Tabela 38) concluiu-se que não existem diferenças significativas entre tipos de estruturas familiares e situações de violência doméstica ($F_{\text{controlo}}(4,211) = 1,415$; $p = 0,331$).

Relação entre violência intrafamiliar e o género dos filhos

Existem diferenças estatisticamente significativas entre o tipo de violência intrafamiliar sofrida e/ou testemunhada e o género dos filhos (Tabela 39), sendo o abuso emocional ($U = 4602,50$; $p < 0,05$; $N = 214$) e o controlo ($U = 4683,50$; $p < 0,05$; $N = 214$) maioritariamente exercido sobre o género feminino (gráfico x e y), o que corrobora com os dados descritivos recolhidos pelo questionário “caraterização das relações sociais” supracitados.

Relação entre violência intrafamiliar e idade dos filhos

Quanto à variável idade dos filhos, pode-se verificar na Tabela 40 os dados do teste de correlação Spearman indicam que não existe uma correlação entre o tipo de abuso intrafamiliar experienciada no último ano e a idade dos filhos ($r_s = 0,066$; $p = 0,332$).

Associação entre diferentes tipos de violência intrafamiliar

E à medida que o abuso emocional aumenta, o risco de se sofrer de abuso físico ($r = -0,484$; $p < 0,001$) e coerção ($r = -0,621$, $p = <0,001$) diminui, ao contrário do controlo ($r = 0,738$; $p < 0,001$) que aumenta, conforme evidenciado na Tabela 41. O mesmo fenómeno também se verifica relativamente à violência física pelo facto de estar significativamente correlacionada ao aumento da coerção ($r = 0,634$; $p < 0,05$) e à diminuição do controlo ($r = -0,443$; $p < 0,05$). E aquando a perpetração de coerção, menor será o controlo exercido sobre os jovens ($r = -0,679$; $p < 0,001$) segundo os dados recolhidos sobre o seu ambiente familiar no último ano.

6.5. Estatísticas Inferenciais sobre as Crenças no Amor Romântico

Relação entre Mitos sobre o Amor Romântico e a Nacionalidade

Tendo em conta que a nacionalidade e cultura são considerados pela literatura fatores preditores de perpetração e vitimação de VRI, aplicou-se o teste estatístico T-student para amostras independentes (Tabela 42) e verificou-se que existem diferenças significativas entre jovens portugueses e não portugueses no item 9 “Amar é sofrer” ($t(214) = -2,929$; $p < 0,01$; $d = 1,428$).

Relação entre a estrutura familiar e os mitos sobre o amor romântico.

Quanto ao facto dos mitos poderem variar de acordo com o tipo de estrutura familiar, verificou-se com um teste ANOVA de 1 fator (Tabela 43) que existem diferenças estatisticamente significativas relativamente a dois mitos: item 5 “Quem te ama, bate-te” ($F(4,210) = 4,745$ $p < 0,05$) e item 8 “No final o amor vence sempre” ($F(4,211) = 3,314$; $p < 0,05$). De forma a identificar pormenorizadamente as diferenças, o teste post-hoc Dunnett (na Tabela 44) indica que entre as famílias nucleares, o item 5 apresenta diferenças significativas entre as famílias anaparentais e as nucleares, enquanto que o item 8 difere nas famílias alargadas e reconstruídas face às nucleares.

Neste seguimento, o teste Kruskal-Wallis (ver Tabela 45) confirma existir um efeito significativo entre as variáveis “No final, o amor vence sempre” ($H(4) = 11,534$; $p < 0,05$; $N = 216$) e “Quem te ama, bate-te” ($H(4) = 14,148$; $p < 0,01$; $N = 216$).

Relação entre VRI e os mitos sobre o amor romântico

Aplicou-se o teste correlacional de Pearson para investigar se os mitos sobre o amor romântico estão associados à perpetração de violência nas relações íntimas entre os

jovens e conclui-se que existe uma correlação significativa entre dois tipos de violência (CADRI-P, Lucas *et al.*, 2013) e dois mitos da subescala Amor-Abuso (QMAR, Laura e Gómez-Urrutia, 2021). De acordo com a Tabela 46 e Tabela 47, a ciberviolência está significativamente correlacionada aos itens da subescala Amor-Abuso, nomeadamente o item 5 “Quem te ama, bate-te” ($r = 0,240$; $p < 0,01$) e o item 3 “Se não há ciúme, não há amor” ($r = 0,158$; $p < 0,05$). Quanto a este último mito, também se encontra associado ao exercício da violência verbal-emocional ($r = 0,137$; $p < 0,05$). No que diz respeito à subescala Idealização do amor romântico não existem correlações significativas com comportamentos abusivos ($r = -0,131$; $p = 0,056$).

Diferenças entre mitos em função do tipo de relação íntima

Tendo-se aplicado um T-student para amostras independentes (ver Tabela 48), não se verificou diferenças entres os mitos sobre o amor romântico e o tipo de relação íntima ($t(73,789) = 1,814$; $p = 0,074$; $d = 0,074$). Porém, de acordo com o Gráfico 8, verifica-se que essa crença “quem te ama, bate-te” é fortemente representada pelos jovens que se encontram numa relação casual.

Relação entre o género e as crenças nos mitos sobre o amor romântico

No que concerne às crenças sobre o amor romântico, os mitos que variam em função do género são os itens 1 “Há alguém destinado para cada um de nós” ($t(211) = -4,070$; $p < 0,05$; $d = 0,153$); item 2 “O amor é cego” ($t(212) = -3,020$; $p < 0,05$; $d = 0,11$); item 4 “O amor verdadeiro supera tudo” ($t(204,229) = 2,479$; $p < 0,05$; $d = 1,30$); item 5 “Quem te ama, bate-te” ($t(137,557) = 3,916$; $p < 0,001$; $d = 0,98$); item 6 “Aqueles que discutem entre si, amam-se” ($t(212) = 1,993$; $p < 0,05$; $d = 1,139$); item 7 “Se não houver ciúmes, não há amor” ($t(212) = 2,054$; $p < 0,05$; $d = 1,41$); item 9 “Amar é sofrer” ($t(212) = 4,032$; $p < 0,05$; $d = 0,124$) e o item 10 “O amor perdoa tudo” ($t(212) = 4,502$; $p < 0,05$; $d = 0,111$). Ou seja, não existem diferenças significativas entre géneros em relação ao mito de que “O ciúme é uma prova de amor” ($t(212) = 1,589$; $p = 0,114$; $d = 1,188$) e que “no final, o amor vence sempre” ($t(212) = 1,123$; $p = 0,263$; $d = 1,308$), (ver Tabela 49).

De forma a discriminar quais os géneros mais influenciados pelos mitos supracitados, correspondentes à subescala *Idealização do Amor Romântico*, verificou-se com base no Gráfico 9 que a crença na alma-gêmea ($M_{fem} = 3,82$ versus $M_{masc} = 3,20$) e no amor *ser* cego ($M_{fem} = 3,66$ versus $M_{masc} = 3,20$) são fortemente representados pelo

género feminino. Das restantes crenças desta subescala, os rapazes são mais influenciados pela possibilidade de o “amor verdadeiro superar tudo” ($M_{\text{masc}} = 3,73$ versus $M_{\text{fem}} = 3,31$).

Quanto aos itens da subescala Amor-Abuso (Gráfico 10), o género masculino identifica-se destacadamente do género feminino com o facto de acreditarem que “quem te ama, bate-se” ($M_{\text{masc}} = 1,48$ versus $M_{\text{fem}} = 1,09$), “amar é sofrer” ($M_{\text{masc}} = 2,61$ versus $M_{\text{fem}} = 1,92$) e “o amor perdoar tudo” ($M_{\text{masc}} = 2,56$ versus $M_{\text{fem}} = 1,89$). Quanto aos mitos “se não houver ciúmes, não há amor” ($M_{\text{masc}} = 2,63$ versus $M_{\text{fem}} = 2,31$) e “aqueles que discutem entre si, amam-se” ($M_{\text{masc}} = 2,76$ versus $M_{\text{fem}} = 2,45$) a diferença estatística é menor comparativamente com os restantes mitos da presente subescala mencionados, porém significativa entre géneros.

Diferenças de mitos em função da orientação sexual

Aplicou-se um ANOVA para 1 fator para comparar médias da variável mitos sobre o amor romântico em função da orientação sexual dos participante e segundo a Tabela 50, verifica-se que existir diferenças estatisticamente significativas relativamente ao item 10 “O amor perdoa tudo” ($F(3,212) = 3,742$; $p < 0,05$). De forma a identificar as diferenças no tipo de orientação sexual, com a aplicação do teste Post-hoc Dunnett t (Tabela 51) indicou-se que tais diferenças residem entre o grupo heterossexual ($M = 2,35 \pm 1,159$) e bissexual ($M = 1,73 \pm 0,827$).

7. Discussão

O presente estudo teve, antes de mais, o foco de compreender e alertar para a problemática de VRI entre jovens adolescentes e adultos, contribuindo de forma significativa para esta área de investigação, visto que a investigação desta temática na adolescência é escassa (Carbonell *et al.*, 2021). Dado a transição da adolescência para a idade adulta ser um período desenvolvimental importante (Kaufman & Walsh, 2021), ampliou-se a compreensão dos fatores associados à VRI e deu-se ênfase a mais do que uma variável preditora de VRI, nomeadamente o contexto familiar e as falsas crenças sobre o amor romântico. Além disso, teve-se em consideração as características individuais (*e.g.*, nacionalidade, género, idade, orientação sexual) e relacionais (*e.g.*, tempo de relação, tipo de relação) dos jovens para complementar a compreensão do fenómeno da VRI nestas idades.

Da amostra geral (N= 216), 73,6% participantes já tiveram uma experiência afetivo-sexual estável enquanto 26,4% optaram por uma relação casual, verificando-se que há mais participantes do género feminino a preferirem relações estáveis (57,1%) do que casuais (35,1%). No que diz respeito à qualidade das relações íntimas, 45,3% da amostra já exerceu pelo menos um comportamento agressivo sobre o/a parceiro/a e 47,3% já sofreu de algum tipo de violência - física, verbal/emocional, psicológica/relacional, sexual e/ou ciberviolência, sendo o género masculino o que inflige mais comportamentos abusivos. Contudo, os resultados evidenciam elevadas taxas de agressividade bidirecional, cuja problemática é igualmente ressaltada pela restante literatura (Antunes & Machado, 2012; Borges & Dell'Aglio, 2020; Capinha *et al.*, 2022; Santos *et al.*, 2019).

Entre os tipos de violência, a violência verbal/emocional (*e.g.*, insultar, provocar ciúmes, ameaçar terminar a relação) é a mais perpetrada e sofrida pelos participantes, cujos dados replicam os de outros estudos (Fernandes *et al.*, 2018; Santos *et al.*, 2019; Borges & Dell'Aglio, 2020; Muñoz-Rivas *et al.*, 2021; Capinha *et al.*, 2022; Martins *et al.*, 2022). Cerca de 26,8% dos participantes do presente estudo ameaçaram o/a parceiro/a com o término da relação, por exemplo, e 28,3% foram ameaçados, cujas as razões podem estar associadas à nutrição do amor pelo outro e à expectativa de mudar o comportamento do mesmo, que segundo Santos e colaboradores (2019). Com base num cruzamento de variáveis, observou-se que, entre outros tipos de abuso intrafamiliar (*viz.*, abuso físico, o controlo e coerção), o abuso emocional é igualmente o mais sofrido/testemunhado no contexto desenvolvimental dos participantes e apresenta ser consistente ao longo da sua vida. A razão desta situação deve-se ao facto de a violência emocional ser muitas vezes desconsiderada como forma de violência devido à normalização e banalização das agressões verbais (Diniz *et al.*, 2007). Posto isto, os resultados evidenciam que o fator contextual pode tratar-se de um fator de risco para a intergeracionalidade de violência dos descendentes, confirmando a Hipótese 3.

No que diz respeito às restantes variáveis sociodemográficas, o género e a nacionalidade têm efeitos significativos sobre a perpetração de VRI, o que se assemelha com estudos nacionais e internacionais (Antunes & Machado, 2012; Borges & Dell'Aglio, 2020; Nelas *et al.*, 2020). Neste caso, os participantes do género masculino, com nacionalidade portuguesa ou a residir em Portugal há mais de 2 anos, apresentam índices de significância de perpetração de violência sexual, o que corrobora com o estudo de Nelas e colaboradores (2020). No que diz respeito aos padrões de perpetração dos participantes, uma vez que 78,7% da amostra é heterossexual, os dados descritivos

revelam que o género masculino exerce mais violência física, relacional-psicológica e sexual sobre o/a (ex-)parceiro/a, sendo por outro lado vítima de violência verbal/emocional e ciberviolência. Respeitante aos padrões comportamentais das participantes, as agressões de carácter verbal/emocional e ciberviolência são as mais infligidas, sofrendo, porém, maioritariamente de qualquer tipo de violência, entre os quais se destaca a ciberviolência. A adoção de estratégias negativas de gestão de conflito deve-se, segundo o estudo de Santos e colaboradores (2019), às características pessoais, aos ciúmes, ao facto de se ter crescido num contexto familiar violento, ao exercício de poder e consumo de substâncias psicoativas, geralmente aplicadas em contexto privado (Santos *et al.*, 2019; Nelas *et al.*, 2020). Contudo, os adolescentes que mais infligem e sofrem de agressões também podem ter falta de conhecimento sobre a VRI, tratando-se simultaneamente de um fator de risco de VRI (Fernandes *et al.*, 2018). A orientação sexual também está significativamente relacionada à perpetração de um tipo de violência, mais especificamente à ciberviolência, que de acordo com a faixa etária é maioritariamente exercida por jovens com 15 a 16 anos enquanto a violência verbal/emocional é significativamente perpetrada por jovens adultos (19-20 anos) em função da orientação sexual. Em relação ao fator idade, conclui-se que quanto maior for a diferença de idade do casal maior é a probabilidade de os parceiros mais novos sofrerem de VRI, o que converge com outros estudos (Machado & Ventura, 2012; Korkmaz & Överlien, 2019; Cambonell *et al.*, 2021; Capinha *et al.*, 2022) supracitados. Noutra perspetiva, quanto mais novos forem os jovens maior é a probabilidade de perpetração e/ou vitimação (Antunes & Machado, 2012; Capinha *et al.*, 2022) ou quanto mais velhos forem, maior é a probabilidade de terem sofrido de abuso (Cambonell *et al.*, 2021). Neste seguimento, denota-se que a existência de um compromisso reduz a probabilidade de vitimação de VRI pelo facto dos jovens utilizarem mais estratégias positivas (não abusivas) de gestão de conflito em comparação com quem se encontra numa relação casual. Porém, noutros estudos não se verifica níveis de significância estatística entre a idade e o género associados à vitimação/ perpetração (Santos *et al.*, 2019) ou entre a idade e orientação sexual (Capinha *et al.*, 2022). No que concerne à relação entre a vitimação e orientação sexual, apela-se para não se cair no erro de considerar as agressões semelhantes entre casais heterossexuais e não-heterossexuais, com destaque para uma das agressões diferenciais, *viz.*, a ameaça de “outing” (Souza & Honorato, 2020; Capinha *et al.*, 2022).

Transitando das variáveis sociodemográficas para a análise dos fatores relacionais, não se verificou impacto significativo entre o tipo de violência perpetrada em função do tipo de relação (*viz.*, *estável* vs. *casual*). Outros investigadores evidenciam ser a violência física a ser a mais a prevalente, seguida à violência sexual que também atinge níveis de perpetração mais elevados nas relações ocasionais devido a fatores específicos (*e.g.*, comunicação pobre, falta de envolvimento afetivo, baixas expectativas no parceiro e relação), o que potencia interpretações erradas sobre as intenções do/a parceiro/a íntimo/a (Antunes e Machado, 2012). No entanto, explicita-se que relativamente à presente amostra teórica, o facto de se estar numa relação casual corre-se um risco significativo de se sofrer de violência física, cujo fenómeno está associado à crença no mito sobre o amor romântico “quem te ama, bate-te”. Estes dados são sustentados por evidências científicas (Antunes & Machado, 2012) que visam que o sexo masculino concorda mais do que o feminino que é possível amar alguém que seja maltratado, o que remete para o abuso e o poder de posse (Bonilla-Algovia *et al.*, 2021).

Em contrapartida, o tempo da relação íntima influencia significativamente a VRI. Isto quer dizer que por cada semana de relação, a probabilidade de vitimação de violência relacional/psicológica diminui significativamente, segundo a experiência dos jovens que se encontram numa relação íntima estável. De acordo com outros estudos, a duração da relação íntima está associada à perpetração de violência sexual pelo facto do aumento da duração da relação conduzir ao aumento da intimidade e fortalecer o compromisso (Fernandes *et al.*, 2018). Porém, Antunes e Machado (2012) não encontraram diferenças significativas entre a VRI e a duração da relação.

No que concerne ao contexto desenvolvimental dos participantes, uma vez que o contexto familiar e respetiva estrutura pode influenciar o bem-estar dos filhos (Tafà *et al.*, 2023), relacionou-se a conduta dos jovens em contexto de intimidade ao tipo de estrutura familiar (*viz.*, nuclear, alargada, monoparental, reconstruída anaparental) e não se verificaram diferenças significativas, ao contrário do estudo de Borges e Dell’Aglío (2020). Porém, ao correlacionar-se os padrões relacionais dos adultos com os dos filhos, percebeu-se que os filhos correm risco de vitimação de violência verbal, violência relacional/psicológica e a ciberviolência nas relações íntimas devido ao fator controlo intrafamiliar, o que mais uma vez confirma a Hipótese 3. Relativamente ao risco de perpetração de VRI, foi evidenciado que a coerção no sistema familiar está correlacionada à perpetração de violência verbal/emocional nas relações íntimas. Além disso, acrescenta-

se que quanto maior for abuso coercivo, menor é a infligção de VVE, além de que a nacionalidade apresenta diferenças significativas da exercção de coerção intrafamiliar.

Respeitante aos jovens que sofreram/testemunharam abuso físico intrafamiliar, observa-se correm o risco de perpetrar violência relacional/psicológica nas relações íntimas devido à proximidade do limiar da significância estatística ($p = 0,077$). O estudo de Borges e Dell'Aglio (2020) também evidencia que jovens expostos a situações familiares violentas perpetraram violência no namoro, sem negligenciar a violência filio-parental (Meyer *et al.*, 2021) e desenvolvem Esquemas Iniciais Desadaptativos (Borges & Dell'Aglio, 2021).

De forma a perceber as diferenças de género na perpetração de VRI, o presente estudo confrontou-se com um achado acidental ao identificar que a violência intrafamiliar varia em função do género dos filhos. Por outras palavras observou-se que as filhas sofrem maioritariamente de abuso emocional e de controlo, e que nas suas relações íntimas coincide com o tipo de padrão de perpetração de violência (*viz.*, violência verbal/emocional e ciberviolência). As presentes evidências remetem uma vez mais para a desigualdade de género, tendo por base questões culturais, educacionais e dominação económica, que acordo com vários investigadores (Alves & Arpini, 2017; Falcke, 2020), a sociedade destina à mulher papéis de submissão e passividade.

Associando os padrões abusivos aos concelhos de residência dos participantes, observou-se que os jovens que mais sofreram/testemunharam agressões intrafamiliares residem no concelho do Barreiro e da Moita. Sendo que o estatuto socioeconómico um fator de risco para a vitimação de VD (Spriggs *et al.*, 2009; Moreira *et al.*, 2021), salienta-se que respeitante à vulnerabilidade socioeconómica destes concelhos, o Barreiro possui mais beneficiários de Rendimento Social de Inserção ([RSI] 2984) do que o concelho da Moita (2980) ou do Montijo (1852), segundo a PORDATA (2023). De acordo com Spriggs e associados (2009), os contextos familiares e escolares desfavorecidos estão positivamente associados à vitimização de VRI entre adolescentes e embora as características sociodemográficas e o estatuto socioeconómico da família de origem não foram incluídas no presente estudo, destaca-se que a maioria dos jovens que experienciaram VRI residem igualmente no concelho da Moita, Barreiro e Montijo. De acordo com Kaufmann e Walsh (2021), sofrer de VPI na adolescência e no início da idade adulta está associado a um menor bem-estar socioeconómico na idade adulta dos jovens pelo facto de poder comprometer o sucesso escolar e grau de escolaridade.

No que diz respeito à influência do contexto desenvolvimental dos jovens sobre a percepção e conceção de violência, verificou-se as crenças no amor romântico potenciam a VRI, o que confirma a Hipótese 4 e converge consequentemente com os resultados de Laura e Gómez-Urrutia (2021). Por exemplo, os mitos sobre o ciúme (e.g., o ciúme é uma prova de amor; se não há ciúme, não há amor) estão geralmente associados ao ato de justificar comportamentos egoístas, injustos, repressivos e violentos entre casais. Quem normalizar e acreditar que o ciúme é um requisito para as relações românticas (Rodríguez-Castro *et al.*, 2013; Marroquí & Cevera, 2014), corre o risco de tornar-se vítima ou perpetrador de estratégias de poder, controlo e dominação, contribuindo para a desigualdade de género e relações abusivas (Bisquert-Bover *et al.*, 2019, *as cited in* Jiménez-Picón *et al.*, 2023). Os resultados evidenciam que o mito “se não há ciúme, não há amor” está significativamente correlacionado ao risco de infligir violência verbal/emocional e ciberviolência sobre o outro. Além disso, a ciberviolência encontra-se novamente correlacionada à crença de “quem te ama, bate-te”, cujo fenómeno pode ser explicado pelo sentido de possuir e dominar o outro mesmo através do espaço virtual. Existem evidências que sustentam a relação entre os mitos sobre o amor romântico e a vitimação de ciberviolência (Martín-Salvador *et al.*, 2021). Posto isto, resta saber que fatores individuais (e.g., idade, orientação sexual) ou contextuais (e.g., tipo de estrutura familiar), são inerentes à relação íntima e vinculam o amor ao abuso.

Relacionando o tipo de relação íntima às crenças dos jovens, conclui-se que independentemente do tipo da relação, não existem diferenças entre os mitos “Se não há ciúmes, não há amor”, “o ciúme é uma prova de amor” e “o amor perdoo tudo”. Contudo, os mitos “quem te ama, bate-te”, “o amor verdadeiro supera tudo” e “o amor é cego” variam em função do tipo de relação. Ou seja, os jovens que se encontram numa relação estável concordam que o amor é cego, enquanto os que se encontram numa relação casual acreditam na onipotência do amor e na associação da violência ao amor romântico, massivamente validado pelo género masculino. De acordo com Bonilla-Algovia e associados (2021) o sexo masculino concorda mais do que o feminino que "é possível amar alguém de quem abusado" e neste sentido, com base nos dados do estudo, alega-se que os rapazes correm maior risco de perpetração ou vitimação de violência física, estando numa relação casual.

Em concordância com a literatura, as falsas crenças sobre o amor romântico variam em função do género (Rodríguez-Castro *et al.*, 2013) e no presente estudo observou-se diferenças significativas em todos os itens da escala QMAR (Laura &

Gómez-Urrutia, 2021) à exceção dos mitos “o ciúme é uma prova de amor” e “no final, o amor vence sempre”. Entre géneros, o género feminino concorda significativamente mais com os mitos “O amor é cego” e “Há sempre alguém destinado para cada um de nós”, cujos resultados corroboram os estudos de Machado e Ventura (2012) e Marroquí e Cervera (2014). Com base nestes factos, revoga-se efetivamente a Hipótese 5, pelo facto da conduta nas relações íntimas dos adolescentes do sexo masculino ser influenciada tanto por mitos sobre a idealização como pelos mitos amor-abuso, o que vai de encontro aos resultados do estudo de Fernández e colaboradores (2021). Contudo, noutros estudos prévios, observou-se o contrário. Os adolescentes do sexo masculino concordam mais com atitudes abusivas nas relações íntimas (Rodríguez-Castro *et al.*, 2013; Jiménez-Picón *et al.*, 2023; Laura & Gómez-Urrutia, 2021; Martín-Salvador *et al.*, 2021) e não idealizam tanto sobre o amor romântico. Segundo Marroquí e Cervera (2014), as mulheres acreditam mais na existência da alma-gêmea por sentirem que deve existir alguém destinado para elas. Denota-se, no entanto, que crenças sobre a idealização do amor romântico encontram-se associadas à procura obsessiva do parceiro ideal e sustêm a crença de que só assim seremos totalmente felizes (Marroquí & Cervera, 2014). Consequentemente, ressalva-se que as falsas crenças no amor romântico estão significativamente associadas ao comprometimento da perceção da gravidade dos comportamentos abusivos entre indivíduos (Marroquí e Cervera, 2014; Lippman, 2018; Martín-Salvador *et al.*, 2021; Moreira *et al.*, 2022), sobretudo se se tratar do início da adolescência (Ruiz-Palomino *et al.*, 2021). Segundo a literatura, a adolescência trata-se de uma fase na qual a idealização do amor romântico, do parceiro ideal e respetivas experiências afetivo-sexuais são comuns, correndo o risco de confundir o amor com possessão, opressão e anulação, acreditando simultaneamente na onipotência (“O amor verdadeiro supera tudo”) e/ou durabilidade do amor romântico (“No final, o amor vence sempre”).

Para além das crenças, igualmente baseadas na violência e papéis de género, diferirem em função do género dos participantes, no presente estudo teve-se em consideração a associação da orientação sexual que relativamente à presente temática não é explorada (Lara & Gómez-Urrutia, 2021), bem como o tipo de estrutura familiar. Neste seguimento, verificou-se que as crenças nos mitos sobre o amor romântico variam igualmente de forma significativa em função da orientação sexual, mais precisamente a crença de que “o amor perdoa tudo”, o que remete para a crença na onipotência. Tais diferenças residem entre o grupo heterossexual e bissexual e quanto à variável

nacionalidade, os resultados indicam haver diferenças significativas relativamente ao mito “amar é sofrer”.

No que diz respeito à relação do tipo de estrutura familiar dos jovens e crenças, verificou-se significância estatística. De forma a discriminar tais diferenças, comparou-se as crenças dos jovens provenientes de famílias nucleares com as crenças dos que têm diferentes estruturas familiares e conclui-se que o mito “quem te ama, bate-te” difere significativamente das famílias anaparentais, enquanto o mito “no final, o amor vence sempre”, que remete para a crença da durabilidade, difere significativamente entre as famílias alargadas e reconstruídas face às famílias nucleares. Tais diferenças, poderão provavelmente estar associadas às crenças religiosas que segundo Martín-Salvador e colaboradores (2021) podem promover estilos de vida mais tradicionais, aumentando a probabilidade de normalizar falsos mitos sobre o amor romântico (Martín-Salvador *et al.*, 2021).

Posto isto, em suma, verificou-se que os fatores género, a nacionalidade, a orientação sexual, a diferença de idade dos casais, o tempo da relação íntima, a qualidade das relações intrafamiliares, as crenças no amor romântico influenciam e impactam significativamente as experiências afetivo-sexuais dos jovens, assim como os seus padrões relacionais e comportamentais. Das análises efetuadas, não se verificaram índices de significância estatística entre a VRI e o tipo de relação íntima e a estrutura familiar. No concerne às crenças sobre amor romântico, estas também não variam em função do tipo de relação íntima e o ato de idealizar o amor romântico não está correlacionado à perpetração de violência. Por último, verificou-se o abuso intrafamiliar infligido sobre os descendentes não se correlacionada com a respetiva idade.

7.1. Limitações do Estudo

O presente estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, a monitorização dos questionários variou entre entidades de ensino pelo facto de se ter respeitado o pedido da Direção da Escola B. Isto significa que na entidade escolar B os questionários foram distribuídos e monitorizados pelo grupo de professores. Em segundo lugar, não se obteve as propriedades psicométricas do instrumento Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico (Laura & Gómez-Urrutia, 2021) aquando aplicado junto de uma amostra portuguesa. Por isso sublinha-se a importância de aplicar este instrumento junto de uma amostra teórica maior para comparar o grau de fiabilidade entre estudos e posteriormente melhorar a metodologia para efetivar a validação do instrumento para a

população portuguesa. Ademais, salienta-se que os instrumentos S.A.N.I (Sani, 2003) e CADRI-P (Lucas *et al.*, 2013) foram validados para jovens adolescentes e neste caso, aplicou-se os mesmos a 7,87% de jovens adultos. Por conseguinte, outras limitações dizem respeito ao tipo de amostra utilizada, por se restringir apenas a um sistema de ensino (*viz.*, técnico-profissional) e região do país, o que impossibilita a generalização para a população juvenil (Ventura *et al.*, 2013; Bonilla-Algovia & Rivero, 2021). Por conseguinte, justifica-se a replicação do estudo com uma amostra mais representativa da adolescência (Herzog & Rowley, 2014) e início da adultez. Além disso, por tratar-se de um estudo quantitativo, não foi possível perceber o contexto da violência íntima e respetivas razões (Machado *et al.*, 2019) e discriminar quem reagiu em autodefesa. Dado que as relações abusivas prévias são um fator de risco para a vitimação/perpetração, não se questionou os participantes pelo histórico de relações abusivas, se pediram ajuda e a quem, pela capacidade de os jovens reconhecerem a violência e caso os jovens tenham vivido a reconciliação amorosa após uma rotura, a identificação da duração da relação tem vieses. Relativamente ao contexto familiar, não se explorou a qualidade das inter-relações, nomeadamente o significado das atitudes abusivas exercidas entre familiares e a nível sociocultural, não se explorou o significado de cada mito sobre o amor romântico. Por fim, tendo em conta a natureza do estudo, pode ter ocorrido um enviesamento de respostas, em que os jovens possam ter dado respostas socialmente desejáveis, sem o apercebimento da investigadora, apesar da supervisão.

8. Considerações Finais

Apesar das limitações, para a investigação futura, poder-se-ia ter em conta a natureza diádica da violência nas relações íntimas e basear-se nos relatos do casal, em vez da perceção das atitudes do outro parceiro conforme acontece neste estudo. Desta forma, minimiza-se possíveis enviesamentos e os resultados serão mais precisos e conclusivos (Capinha *et al.*, 2022) no que diz respeito à qualidade da relação íntima. Ademais, sendo a investigação sobre a violência doméstica de enorme relevância, urge a necessidade de articular com a entidade de ensino e desenvolver projetos de investigação sobre este domínio em âmbito educativo de forma a ter-se uma amostra representativa dos jovens adolescentes e adultos, e a aumentar-se consequentemente a literacia sobre a VRI entre jovens, dado a esta ser escassa. A realização de estudos longitudinais de carácter qualitativo sobre o impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento dos jovens bem como na qualidade das relações íntimas beneficiaria os conhecimentos sobre o fenómeno

da transgeracionalidade da violência e práticas dos profissionais de saúde mental, nomeadamente dos psicólogos clínicos e de educação no que diz respeito ao processo de intervenção. Além disso, nos próximos estudos seria interessante investigar sobre a aceitação dos falsos mitos sobre o amor romântico (Bonilla-Algovia & Rivero, 2021), dado a ser uma temática ainda pouco estudada, especialmente em Portugal, e forma geral, os dados sobre as crenças de adolescentes são escassos (Carbonell et al., 2021).

Do ponto de vista prático, os achados do presente estudo, bem como de todos os investigadores citados ao longo deste trabalho de investigação, emerge a necessidade de se criar programas de prevenção de violência e intervenção nas relações íntimas abusivas, de maneira a minimizar as consequências da violência na saúde e bem-estar dos jovens, combatendo em consequência a taxa de violência doméstica em Portugal (Lourenço & Costa, 2020), uma vez que a violência nas relações íntimas pode tornar-se num preditor de violência conjugal (Silvia, 2023). Sendo a educação um instrumento básico capaz de erradicar a discriminação e a violência de género (Martín-Salvador *et al.*, 2021), em parceria com instituições de ensino, implementar-se-ia projetos psicoeducacionais com o intuito de aplicar programas de prevenção. Há evidências científicas de que os programas de prevenção sobre a violência contra as mulheres obtiveram bons resultados em termos de reconhecimento de situações de violência (Navarro-Mantas, 2013; Navarro-Mantas & Velásquez, 2016). Neste sentido, com a divulgação de informações e de conhecimento sustentado sobre o abuso, a ideologia do amor romântico nos programas psicoeducacionais, ajustados às subfases da adolescência e adultez, contribuir-se-ia para combater o risco de VRI. Desta forma, tornar-se-ia os jovens em adultos mais informados, mais cientes da influência dos falsos mitos sobre o amor romântico sobre o comportamento dos parceiros íntimos, mais capacitados na identificação dos comportamentos abusivos, com maior poder de imposição e de decisão relativamente às situações relacionais, cujo esforço remeteria para a assimilação do conceito de igualdade de género e desconstrução das falsas crenças enquanto resultado da construção social (Navarro-Mantas & Velásquez, 2016). Jiménez-Picón e colaboradores (2023) destacam nomeadamente a necessidade de se desconstruir tais crenças, a partir de uma idade precoce, de maneira a num futuro próximo gerar-se uma sociedade livre de questões tradicionais sobre modelos masculinos e femininos nas relações amorosas, construindo em vez disso modelos afetivos desejáveis e relações íntimas saudáveis.

Para jovens que estejam em situações de risco pessoal e/ou social, devido a algum tipo de violência intrafamiliar ou negligência, é fundamental criar projetos mais

interventivos, como casas de abrigo, baseados no Modelo Ecológico de Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (1979-1996), de forma a com base numa equipa multidisciplinar responder aos diversos problemas dos jovens e acolher as suas necessidades, promovendo-lhes o cuidado, a segurança, sobrevivência e o sentimento psicológico de pertença. Encarando os jovens vítimas de violência doméstica como pessoas em interação num sistema ecológico, destaca-se a importância de se trabalhar o sentido de responsabilidade de cada sistema, integrar as famílias e entidades escolares das respetivas vítimas no processo de desenvolvimento, estruturação e fortalecimento dos jovens, promovendo a possibilidade de superação ou sucesso, e qualidade de vida aos sistemas envolvidos (Antoni & Koller, 2001). Com uma rede de apoio eficaz e afetiva seria, por exemplo, possível apoiar um participante do presente estudo que, após o preenchimento do questionário, partilhou o seu desespero e sofrimento psicológico, causado por agressões homofóbicas e relacionais no seio familiar. No seu relacionamento amoroso passado, também já sofreu de abuso, nomeadamente sexual e psicoemocional. Sonha desesperadamente concluir o seu curso técnico-profissional para conseguir sair de casa, no entanto, ao recordar a sua mãe, vítima de violência doméstica, aterrou e, em consequência da experiência de violência doméstica, conclui que afinal esse sonho não passa de um sonho por ter de apoiar a sua mãe financeiramente. Termina com a crença “Este é o meu destino” (*sic.*).

Para quem tiver interesse na implementação de projetos de prevenção e intervenção partilho a seguinte referência: *Adolescent Victim Violence* (1ed.) de Wolfe e Temple, 2018.

9. Bibliografia

- Abilleira, M. P., Rodicio-García, M. L., Vázquez, T. C., Deus, M. P., & Cortizas, M. J. (2019). Personality characteristics of a sample of violent adolescents against their partners. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 32, 1-11. <https://doi.org/10.1186/s41155-019-0122-7>
- Abramsky, T., Watts, C. H., Garcia-Moreno, C., Devries, K., Kiss, L., Ellsberg, M., Jansen, H. A., & Heise, L. (2011). What factors are associated with recent intimate partner violence? Findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *BMC Public Health*, 11(109), 1-17. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-11-109>
- Alves, A., & Arpini, D. (2017). A conjugalidade e os conflitos vivenciados a partir do recasamento. *Pensando famílias*, 21(1), 3-19. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100002&lng=pt&tlng=pt
- Andrade, T., & Lima, A. (2018). Violência e namoro na adolescência : uma revisão de literatura. *Desidades*, 19, 20–35. Obtido de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822018000200003
- Andrade, T. & Lima, A. (2018). Violencia y noviazgo en la adolescencia: una revisión de la literatura. *Desidades*, 19(6), 21-35. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822018000200003
- Antoni, C., & Koller, S. (2001). O Psicólogo ecológico no contexto institucional: uma experiência com meninas vítimas de violência. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21(1), 14–29. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000100003>
- Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas Relações Íntimas Ocasionais de uma Amostra Estudantil. *Análise Psicológica*, XXX(1–2), 93–107. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a09.pdf>
- APAV. (2020). *Folha Informativa Violência No Namoro*. Disponível em https://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/FolhaInformativa_VNamoro_2020.pdf
- APAV. (2021). *Estatísticas APAV - Relatório Anual 2021*. https://apav.pt/apav_v3/images/press/Relatorio_Anual_2021.pdf
- Aquino, E., Ataíde, B., Oliveira, I., Lima, B., Machado, H., & Faria, M. (2021). Fatores socioeconômicos e saúde de crianças em contexto de violência. *Aletheia*, 54(1), 96–104. <https://doi.org/10.29327/226091.54.1-10>
- Ariza Ruiz, A., Viejo Almanzor, C., & Ortega Ruiz, R. (2022). El Amor romántico y sus mitos en Colombia: una revisión sistemática. *Suma Psicológica*, 29(1), 77–90. <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2022.v29.n1.8>

- Barnes, M., Szilassy, E., Herbert, A., Heron, J., Feder, G., Fraser, A., ... Barter, C. (2022). Being silenced, loneliness and being heard: understanding pathways to intimate partner violence & abuse in young adults. A mixed-methods study. *BMC Public Health*, 22(1), 1–17. <https://doi.org/10.1186/s12889-022-13990-4>
- Barros, A. (2014). A violência contra a mulher e o mito. *Ciências Humanas e Sociais*, 2(2), 105–120.
- Baúto, R., Fernandes, B., Ramalho, A., Costa, J. (2019). *Projeto Maria - Manual para Agentes Qualificados/as de Atendimento à Vítima*. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/35597>
- Bermea, A. M., Fraenkel, P., Benson, K., St. James, C., & Bowen, M. (2022). Intimate partner violence: A focus on queer families, families and substance use, and military couples. In S. Browning & B. van Eeden-Moorefield (Eds.), *Treating contemporary families: Toward a more inclusive clinical practice* (pp. 93–126). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000280-005>
- Bersamin, M. M., Zamboanga, B. L., Schwartz, S. J., Donnellan, M. B., Hudson, M., Weisskirch, R. S., ... Hudson, M. (2014). Risky Business: Is There an Association between Casual Sex and Mental Health among Emerging Adults? *The Journal of Sex Research*, 51(1), 43–51. <https://doi.org/10.1080/00224499.2013.772088>
- Bonilla-Algovia, E. & Rivas-Rivero, E. (2021). Diseño y validación de la Escala de Mitos del Amor Romántico. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación e Avaliação Psicológica*, 4(57), 119-136. <https://doi.org/10.21865/RIDEP57.4.09>
- Bonilla-Algovia, E., & Rivero, E. R. (2021). Propiedades Psicométricas de la Versión Reducida de la Escala de Mitos hacia el Amor en Estudiantes de El Salvador. *Psykhe*, 30(1), 1–9. <https://doi.org/10.7764/psykhe.2019.21737>
- Borges, J. (2018). *Violência nas Relações Afetivo-Sexuais na Adolescência, Stalking e Esquemas Iniciais Desadaptativos*. [Tese de Doutorado em Psicologia, UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Lume da UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/238561>
- Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2020a). Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 25(8), 3119–3130. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020258.24992018>
- Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Perfil de adolescentes perpetradores de violência no namoro. In: Reis, D. C., Cavalcante, L. I. C., & Oliveira, A. C. (Orgs.), *Autores de agressão: Subsídios para uma abordagem interdisciplinar* (pp. 71- 89). Curitiba/Paraná: Appris.
- Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Personal and contextual predictors for adolescent dating violence perpetration. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 460–469. <https://doi.org/10.14718/ACP.2020.23.2.16>

- Braams, B. R., & Krabbendam, L. (2022). Adolescent development: From neurobiology to psychopathology. *Current Opinion in Psychology*, 48, 101490. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101490>
- Brum, R., Pereira, C., Rodrigues, T., & Dos Santos, A. (2021). Transgeracionalidade e violência: um estudo com mulheres vítimas de relações conjugais violentas. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 15(3), 1–28. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.31206>
- Capaldi, D. M., & Kim, H. K. (2007). Typological approaches to violence in couples: a critique and alternative conceptual approach. *Clinical Psychology Review*, 27(3), 253–265. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2006.09.001>
- Capinha, M., Rijo, D., Pereira, M., & Matos, M. (2022). The Prevalence, Directionality, and Dyadic Perpetration Types of Intimate Partner Violence in a Community Sample in Portugal: a Gender-Inclusive Inquiry. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 1–18. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s10610-022-09514-w>
- Carbonell, Á., Fernández, I., & Navarro-Pérez, J.-J. (2021). Sexismo y mitos del amor romántico en adolescentes que residen en centros de acogida. *OBETS. Revista de Ciencias Sociales*, 16(1), 75–86. <https://doi.org/10.14198/OBETS2021.16.1.05>
- Centers of Disease Control and Prevention. (2022, Outubro 1). *What is intimate partner violence?*. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/intimatepartnerviolence/fastfact.html>
- Chandra-Mouli, V., Svanemyr, J., Amin, A., Fogstad, H., Say, L., Girard, F., & Temmerman, M. (2015). Twenty years after international conference on population and development: Where are we with adolescent sexual and reproductive health and rights? *Journal of Adolescent Health*, 56(1), S1–S6. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.09.015>
- Chaves, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28–46. <https://doi.org/10.5752/p.1678-9563.2010v16n1p28>
- Coelho, E., Silva, A. & Lindner, S., (2014). *Violência: Definições e Tipologias*. Universidade Federal de Santa Catarina. Obtido de <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/una-1862>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2022). Portal da Violência Doméstica – Indicadores Estatísticos. <https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/portal-violencia-domestica/indicadores-estatisticos/>
- Conselho da Europa (2011). *Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica*. Istambul: Série de Tratados do Conselho da Europa – Nº 210. Obtido de <https://rm.coe.int/168046253d>

- Costello, K., & Greenwald, B. D. (2022). Update on Domestic Violence and Traumatic Brain Injury: A Narrative Review. *Brain Sciences*, 12, 122. <https://doi.org/10.3390/brainsci12010122>
- Creamer, C. J., & Hand, C. J. (2022). Intimate Partner Stalking/Pursuit: A Pathophysiology of Attachment Style. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 66(5), 604- 624.
- Cupach W. R., Spitzberg B. H., Bolingbroke C. M., Tellitocci B. S. (2011). Persistence of attempts to reconcile a terminated romantic relationship: A partial test of relational goal pursuit theory. *Communication Reports*, 24(2), 99-115.
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(suppl), 1163–1178. [Violência: um problema global de saúde pública | Ciênc. Saúde Colet. \(Impr.\);11\(supl\): 1163-1178, 2006. tab, ilus | LILACS \(bvsalud.org\)](https://doi.org/10.1590/S1518-87882006000100004)
- Decreto-Lei n.º 48/95. (2018, 27 de março). *Diário da República n.º63/1995, Série I*. Lisboa: Assembleia da República. <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675>
- Decreto-Lei n.º48/1995, de 15 de março. *Diário da República, Série I(63)*. <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675-124530430>
- Diniz, N., Gesteira, S., Lopes, R., Mota, R., Pérez, B., & Gomes, N. (2012). Aborto provocado e violência doméstica entre mulheres atendidas em uma maternidade pública de Salvador-BA. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(6), 1010–1015. <https://doi.org/10.1590/s0034-71672011000600004>
- Direção-Geral da Política de Justiça. (2022). *Violência Doméstica*. Obtido de Instituto Nacional de Estatística *website*: https://estatisticas.justica.gov.pt/sites/siej/pt-pt/Paginas/Violencia_domestica.aspx
- Direção-Geral da Saúde. (s.d). *Adolescentes*. <https://alimentacaosaudavel.dgs.pt/numeros-e-factos/adolescentes/>
- Falcke, D. (2020). *Avaliação psicológica na violência intrafamiliar*. Avaliação psicológica no contexto forense. Artmed. https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=KmXDDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT232&ots=1ivRBgLTDN&sig=s3WQ3QHIEuZtXWp9omOBuYllnZs&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true
- Fernandes, M., Sá, M., Veríssimo, C., & Leitão, M. (2018). Violência por parceiro íntimo nos adolescentes: conhecer o fenómeno para intervir. *XVI Coloquio Panamericano de Investigación en Enfermería, Cuba 2018*, 1–10. Obtido de <https://curtlink.com/Ft9WI9Xn>
- Fernández, I., Navarro-Pérez, J. J., Carbonell, Á., & Oliver, A. (2021). Psychometric properties on a romantic love myths scale: The case of the myths, fallacies and erroneous beliefs about the ideal of romantic love scale. *Current Psychology*, 42, 1665–1675. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01331-w>

- Fernet, M., Hébert, M., Brodeur, G., Guyon, R., & Lapierre, A. (2023). Youth's Experiences of Cyber Violence in Intimate Relationships: A Matter of Love and Trust. *Journal of Child Sexual Abuse*, 32(3), 296–317. <https://doi.org/10.1080/10538712.2023.2167678>
- Ferreiros, L., & Clemente, M. (2022). Dark personality and intimate partner relationships in young adults. *Acta Psychologica*, 225, 103549. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2022.103549>
- Fishman, C. (1988). Family Therapy: The Treatment of Choice for Adolescents. Em *Archives of Disease in Childhood* (Huchinson Education, Vol. 60, pp. 297–298). <https://doi.org/10.1136/adc.60.4.297>
- Fonseca, R. M. & Brancaglioni, B. C. (2019). A Violência nas Relações de Intimidade entre Adolescentes. In M. N. Leitão, M. I. Fernandes, R. M. Fonseca, & F. Pina-Roche (Coord.), *Violência nas Relações de Intimidade Envolvendo Adolescentes à Luz de Género e Geração: Estudo multicêntrico luso-hispano-brasileiro-caboverdiano*. Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde (pp. 19-29). Coimbra, Portugal: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E) / Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC)
- Foshee, V. A., Reyes, H. L., Gottfredson, N. C., Chang, L. Y., & Ennett, S. T. (2013). A longitudinal examination of psychological, behavioral, academic, and relationship consequences of dating abuse victimization among a primarily rural sample of adolescents. *The Journal of adolescent health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 53(6), 723–729. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.06.016>
- Freire Diniz, N. M., Lúcia, R., Lopes, M., Rodrigues, A. D., & Santos De Freitas, D. (2007). Mulheres queimadas pelos maridos ou companheiros. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(3), 321–325. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000300013>
- Gaspar, T., Guedes, F., Cerqueira, A., & Matos, M. (2022). Dados Nacionais 2022 - A Saúde dos Adolescentes Portugueses em Contexto de Pandemia. Em E. A. Social (Ed.), *Health Behaviour in School-aged Children* (1.ª ed.). Obtido de https://aventurasocial.com/dt_portfolios/a-saude-dos-adolescentes-portugueses-em-contexto-de-pandemia-dados-nacionais-2022/
- Gehring, K., & Vaske, J. (2017). Out in the Open: The Consequences of Intimate Partner Violence for Victims in Same-Sex and Opposite-Sex Relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(23), 3669–3692. <https://doi.org/10.1177/0886260515600877>
- Gibby, J. G., & Whiting, J. B. (2023). Insecurity, Control, and Abuse: What Attachment Theory Can Teach Us About Treating Intimate Partner Violence. *Contemporary Family Therapy*, 45(1), 93–105. <https://doi.org/10.1007/s10591-021-09623-4>
- Governo da República Portuguesa. (2020, 30 de junho). *Relatório Anual de Segurança Interna 2019*. Obtido de <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=relatorio-anual-de-seguranca-interna-2019->

- Governo da República Portuguesa. (2021, 31 de março). *Relatório Anual de Segurança Interna 2020*. Obtido de [Relatório Anual de Segurança Interna 2020 - XXII Governo - República Portuguesa \(portugal.gov.pt\)](https://www.portugal.gov.pt/pt/gov/relatorio-anual-de-seguranca-interna-2020-xxii)
- Governo da República Portuguesa. (2022, 25 de maio). *Relatório Anual de Segurança Interna 2021*. Obtido de [Relatório Anual de Segurança Interna 2021 - XXIII Governo - República Portuguesa \(portugal.gov.pt\)](https://www.portugal.gov.pt/pt/gov/relatorio-anual-de-seguranca-interna-2021-xxiii)
- Governo da República Portuguesa. (2023, 31 de março). *Relatório Anual de Segurança Interna 2022*. Obtido de [Relatório Anual de Segurança Interna 2022 - XXIII Governo - República Portuguesa \(portugal.gov.pt\)](https://www.portugal.gov.pt/pt/gov/relatorio-anual-de-seguranca-interna-2022-xxiiii)
- Gracia, E., & Merlo, J. (2016). Social Science & Medicine Intimate partner violence against women and the Nordic paradox. *Social Science & Medicine*, 157, 27–30. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2016.03.040>
- Graham-Bermann, S., & Hughes, H. (1999). The Impact of Domestic Violence and Emotional Abuse on Children. *Journal of Emotional Abuse*, 1(21), 66–70. https://doi.org/10.1300/J135v01n02_01
- Hancock, K., Keast, H., & Ellis, W. (2017). The impact of cyber dating abuse on self-esteem: The mediating role of emotional distress. *Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 11(2). <https://doi.org/10.5817/CP2017-2-2>
- Heise, L. (2011). *What Works to Prevent Partner Violence? An Evidence Overview* (1.^a ed.; Lori Heise, ed.). Obtido de <http://strive.lshtm.ac.uk/resources/what-works-pre...>
- Hertzog, J., & Rowley, R. (2014). My beliefs of my peers' beliefs: Exploring the gendered nature of social norms in adolescent romantic relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(2), 348–368. <https://doi.org/10.1177/0886260513505145>
- Horne, R. M., & Johnson, M. D. (2019). A labor of love? Emotion work in intimate relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(4), 1190–1209. <https://doi.org/10.1177/0265407518756779>
- Hudek-Knezevic, J., Kardum, I., & Banov, K. (2021). The effects of the Dark Triad personality traits on health protective behaviours: dyadic approach on self-reports and partner-reports. *Psychology and Health*, 38(8), 987–1005. <https://doi.org/10.1080/08870446.2021.1998497>
- Humbert, A., Strid, S., Hearn, J., & Balckmar, D. (2021). Undoing the ‘Nordic Paradox’: Factors affecting rates of disclosed violence against women across the EU. *PLoS ONE*, 16(5), 1–24. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0249693>
- Illouz, E. (2012). *Why Love Hurts: A Sociological Explanation*. USA: Press, Polity.
- Jiménez-Picón, N., Romero-Martín, M., Romero-Castillo, R., Palomo-Lara, J. C., & Alonso-Ruíz, M. (2023). Internalization of the Romantic Love Myths as a Risk Factor for Gender Violence: a Systematic Review and Meta-Analysis. *Sexuality*

Research and Social Policy, Vol. 20, pp. 837–854. <https://doi.org/10.1007/s13178-022-00747-2>

- Johnson, W., Giordano, P., Longmore, M., & Manning, W. (2014). Intimate Partner Violence and Depressive Symptoms during Adolescence and Young Adulthood. *Journal of Health and Social Behavior*, 55(1), 39–55. <https://doi.org/10.1177/0022146513520430>
- Kaufman, J. M., & Walsh, C. M. (2021). The Effects of Adolescent and Early Adulthood Intimate Partner Violence on Adult Socioeconomic Well-being. *Sociological Quarterly*, 63(4), 733–758. <https://doi.org/10.1080/00380253.2021.1953414>
- Kelly, J. B., & Johnson, M. P. (2008). Differentiation Among Types of Intimate Partner Violence: Research Update and Implications for Interventions. *Family Court Review*, 46(3), 476–499. <https://doi.org/10.1111/j.1744-1617.2008.00215.x>
- Khadra, C., Wehbe, N., Fiola, J., Skaff, W., & Nehmé, M. (2015). Symptoms of Post-Traumatic Stress Disorder Among Battered Women in Lebanon: An Exploratory Study. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(2), 295–313. <https://doi.org/10.1177/0886260514534774>
- Korkmaz, S., & Överlien, C. (2020). Responses to youth intimate partner violence: the meaning of youth-specific factors and interconnections with resilience. *Journal of Youth Studies*, 23(3), 371–387. <https://doi.org/10.1080/13676261.2019.1610557>
- Lara, L., & Gómez-Urrutia, V. (2021). Development and Validation of the Romantic Love Myths Questionnaire. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(21–22), NP12342–NP12359. <https://doi.org/10.1177/0886260519892958>
- Lei n.º57/2008. (2008, 4 de Setembro). *Diário da República n.º 171, Série I*. Lisboa: Assembleia da República. https://www.ordemospsicologos.pt/ficheiros/documentos/lei_57_2008_de_4_de_setembro.pdf
- Lippman, J. R. (2018). I Did It Because I Never Stopped Loving You: The Effects of Media Portrayals of Persistent Pursuit on Beliefs About Stalking. *Communication Research*, 45(3), 394–421. <https://doi.org/10.1177/0093650215570653>
- Lourenço, L. M., & Costa, D. P. (2020). Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1–18. <https://doi.org/10.36298/gerais2020130109>
- Lucas, S., Pinheiro, M., & Simões, M. (2017). Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro de Adolescentes (CADRI-P). In M. Gonçalves, M. R. Simões, & L. Almeida (Org.), *Psicologia Clínica e da Saúde: Instrumentos de Avaliação* (229–250). Pactor.
- Lucena, K., Silvia, S., Deininger, L., Coelho, H., Vianna, R., & Anjos, U. (2015). Analysis of domestic violence on women’s health. *Journal of Human Growth and Development*, 25(2), 182–186. <https://doi.org/10.7322/jhgd.103009>

- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2019). The prevalence of Bi-Directional intimate partner violence reported by Portuguese men. *International Journal of Law Crime and Justice*, 57, 83–90.
<https://doi.org/10.1016/j.ijlcj.2019.03.002>
- Magalhães, M. (Coord.). (2020). Estudo Nacional sobre Violência no Namoro. <https://www.cig.gov.pt/2020/02/divulgados-dados-do-estudo-nacional-violencia-no-namoro-2020/>
- Marôco, J., & Teresa, G.-M. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65–90.
<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/viewFile/763/706>
- Marroquí, M., & Cervera, P. (2014). Interiorización de los falsos mitos del amor romántico en jóvenes. *REIDOCREA*, 20(3), 142–146.
<https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/32269/ReiDoCrea-Vol.3-Art.20-Marroqui-Cervera.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Martins, C., & Rodrigues, M. (2022). Violência no Namoro : A perspetiva de adolescentes do concelho de Cascais. *Temas Sociais*, (2), 135–149.
https://doi.org/10.53809/TS_ISS_2022_n.2_135-149
- Martín-Salvador, A., Saddiki-Mimoun, K., Pérez-Morente, M., Álvarez-Serrano, M., Gázquez-López, M., Martínez-García, E., & Fernández-Gomez, E. (2021). Dating Violence : Idealization of Love and Romantic Myths in Spanish Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18, 5296.
<https://doi.org/10.3390/ijerph18105296>
- Meyer, S., Reeves, E., & Fitz-gibbon, K. (2021). The intergenerational transmission of family violence : Mothers’ perceptions of children’s experiences and use of violence in the home. *Child & Family Social Work*, 26(3), 476–484.
<https://doi.org/10.1111/cfs.12830>
- Minuchin, S., Nichols, M., & Lee, W.-Y. (2009). *Famílias e Terapia Familiar* (1.^a ed.; Artmed, Ed.). Santana.
- Moreira, I., Fernandes, M., Silva, A., Veríssimo, C., Leitão, M., Maria, S., & Filipe, L. (2021). Intimate Relationships as Perceived by Adolescents: Concepts and Meanings. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(5), 2256. <https://doi.org/10.3390/ijerph18052256>
- Navarro-Mantas, L., & Velásquez, M. (2016). Tools for gender-based violence prevention : implications. *Acta Colombiana de Psicología*, 19(2), 139–148.
<https://doi.org/10.14718/ACP.2016.19.2.7>
- Nelas, P., Chaves, C., Coutinho, E., & Duarte, J. (2021). Violência no namoro: impacto de variáveis sociodemográficas académicas e afetivas. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 233–240.
<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2021.n1.v2.2098>

- Neves, S., Ferreira, M., Borges, J., Correia, M., Abreu, A. L., Correia, A., ... Silva, E. (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas 2017/2020*. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/02/Estudo-Nacional-VN-2017-2020.pdf>
- Nordic Cooperation (2022). Pushing back the push-back: Nordic Roadmap on advancing gender equality, women's and girls' rights, and equal rights of LGBTI-persons, 2022-2024. <https://www.norden.org/en/declaration/pushing-back-push-back-nordic-roadmap-advancing-gender-equality-womens-and-girls-rights>
- Norman, G. (2010). Likert scales, levels of measurement and the «laws» of statistics. *Advances in Health Sciences Education*, 15(5), 625–632. <https://doi.org/10.1007/s10459-010-9222-y>
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e sociais*, 6, 162–170. <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1325>
- Organização das Nações Unidas. (2021, 10 de Março). OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. Nações Unidas Brasil. <https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-violencia>
- Organização Mundial da Saúde. (s.d). *Violência contra as mulheres*. <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (s.d). *Saúde do adolescente*. <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-do-adolescente>
- Palacios, E., Ramos, E., Luzón, J., & Recio, P. (2011). Sexismo y Violencia de Género en la juventud andaluza e Impacto de su exposición en menores. Proyecto de Investigación Detecta. Sevilla: Instituto Andaluz de la Mujer, Fundación Mujeres y Universidad. https://www.educacionyfp.gob.es/dam/jcr:8fe0f9ad-3fa6-44ed-b857-6566f5d9af44/47737780_1122011112236.pdf
- Parente, E. de O., Nascimento, R. O., & Vieira, L. J. (2009). Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia. *Revista Estudos Feministas*, 17(2), 445–465. <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2009000200008>
- Park, C. (2016). Intimate partner violence: An application of attachment theory. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 26(5), 488–497. <https://doi.org/10.1080/10911359.2015.1087924>
- Ponti, L., & Tani, F. (2019). Attachment Bonds as Risk Factors of Intimate Partner Violence. *Journal of Child and Family Studies*, 28(5), 1425–1432. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01361-4>
- PORTADA. (2023, Março 20). Beneficiários do Rendimento Mínimo Garantido e Rendimento Social de Inserção da Segurança Social: total e por sexo. [Municípios: Beneficiários do Rendimento Mínimo Garantido e Rendimento Social de Inserção da Segurança Social: total e por sexo | Pordata](#)

- Rey-Anacona, C. A. (2017). Diferencias por sexo y variables asociadas con las agresiones sexuales en el noviazgo en universitarios. *Psychologia: Avances de la Disciplina*, 11(1), 25-37. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=297251403002>
- Rodríguez-Castro, Y., Lameiras-Fernández, M., Carrera-Fernández, M. V., & Vallejo-Medina, P. (2013). The reliability and validity of the myths scale toward love: Adolescents' beliefs. *International Journal of Social Psychology*, 28(2), 157–168. <https://doi.org/10.1174/021347413806196708>
- Rowe, L., & Ernest Jouriles. (2019). Intimate partner violence and the climacteric. Em M. A. W. Barbara H. Fiese, Marianne Celano, Kirby Deater-Deckard, Ernest N. Jouriles (Ed.), *Handbook of Contemporary Family Psychology* (2.^a ed., Vol. 23, pp. 479–480). <https://doi.org/10.1097/GME.0000000000000643>
- Ruiz, A., Almanzor, C., & Ruiz, R. (2022). El Amor romántico y sus mitos en Colombia: una revisión sistemática. *Suma Psicológica*, 29(1), 77–90. <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2022.v29.n1.8>
- Saavedra, M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. [Dissertação de Doutoramento em Psicologia da Justiça, Universidade do Minho, Braga]. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14248/1/Rosa%20Maria%20Melim%20Saavedra.pdf>
- Saint-Eloi Cadely, H., Pittman, J. F., Pettit, G. S., Lansford, J. E., Bates, J. E., Dodge, K. A., & Holtzworth-Munroe, A. (2020). Classes of Intimate Partner Violence From Late Adolescence to Young Adulthood. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(21–22), 4419–4443. <https://doi.org/10.1177/0886260517715601>
- Sani, A. (2004). *As crenças, o discurso e a ação: as construções de crianças expostas à violência interparental*. [Tese de Doutoramento em Psicologia, Universidade do Minho, Braga]. Repositório da UM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6958>
- Sani, A. (2007). Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (S.A.N.I.). In Simões, Machado, C., Gonçalves, M. & Almeida, S. (Coord.), *Avaliação Psicológica: Instrumentos Validados para a População Portuguesa*. Vol. III. (pp. 123-135). Coimbra: Quarteto Editora
- Santos, A., Caridade, S., & Cardoso, J. (2019). Violência nas relações íntimas juvenis: (des)ajustamento psicossocial e estratégias de coping. *Contextos Clínicos*, 12(1), 2–25. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.01>
- Sanz-Barbero, B., Pereira, P. L., Barrio, G., & Vives-cases, C. (2018). Intimate partner violence against young women : prevalence and associated factors in Europe. *Journal of epidemiology and community health*, 72(7), 611–616. <https://doi.org/10.1136/jech-2017-209701>
- Sears, M. S., Repetti, R. L., Reynolds, B. M., & Robles, T. F. (2016). Spillover in the Home: The Effects of Family Conflict on Parents' Behavior. *Journal of Marriage and Family*, 78, 127–141. <https://doi.org/10.1111/jomf.12265>

- Sherrill, R. B., Lochman, J. E., DeCoster, J., & Stromeyer, S. L. (2017). Spillover between interparental conflict and parent-child conflict within and across days. *Journal of family psychology. JFP: Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 31(7), 900–909. <https://doi.org/10.1037/fam0000332>
- Silva, G. (2023, Julho). Violência nas Relações Amorosas. *Revista MISCELLANEA APAV*, 9–19. Obtido de https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Miscellanea_APAV_18.pdf
- Silva, G. (2023, Julho). Violência nas Relações Amorosas: Questões Fundamentais. *Revista Miscellena*, 9–19. https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Miscellanea_APAV_18.pdf
- Sousa, B. A. (2021). *Violência nas relações de intimidade e namoro de jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores* (Dissertação de Mestrado, Universidade dos Açores, Repositório da Universidade dos Açores). <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/6310>
- Souza, D. de, & Honorato, E. (2020). Violência nas relações homossexuais – Uma biocropolítica, *Revista Espaço Acadêmico*, 20(225), 230–246. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54450>
- Spriggs, A. L., Halpern, C. T., Herring, A. H., & Schoenbach, V. J. (2009). Family and school socioeconomic disadvantage: Interactive influences on adolescent dating violence victimization. *Social Science and Medicine*, 68(11), 1956–1965. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2009.03.015>
- Stephenson, R., Hast, M., Finneran, C., & Sineath, C. R. (2014). Intimate partner, familial and community violence among men who have sex with men in Namibia. *Culture, health & sexuality*, 16(5), 473–487. <https://doi.org/10.1080/13691058.2014.889753>
- Stöckl, H., March, L., Pallitto, C., Garcia-Moreno, C., & WHO Multi-country Study Team (2014). Intimate partner violence among adolescents and young women: prevalence and associated factors in nine countries: a cross-sectional study. *BMC public health*, 14, 751. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-751>
- Sullivan, G. M., & Artino, A. R. (2013). Analyzing and Interpreting Data From Likert-Type Scales. *Journal of Graduate Medical Education*, 5(4), 541–542. <https://doi.org/10.4300/jgme-5-4-18>
- Tafà, M., Bracaglia, F., Inguscio, L., & Carone, N. (2023). What Decides the Well-Being of the Relationship between Parents and Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20, 383. <https://doi.org/https://doi.org/10.3390/ijerph20010383>
- Towns, A., & Adams, P. (2000). If I really loved him enough, he would be okay - Women's Accounts of Male Partner Violence. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 9(2), 183–205. <http://hjb.sagepub.com.proxy.lib.umich.edu/content/9/2/183.full.pdf+html>

- Ventura, M., Frederico-Ferreira, M., & Magalhães, M. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência, serIII*(11), 95–103. <https://doi.org/10.12707/riii12120>
- Wolfe, D. A., & Temple, J. R. (2018). Adolescent dating violence: Theory, research, and prevention. *Adolescent Dating Violence: Theory, Research, and Prevention*. <https://doi.org/10.1016/C2016-0-01996-4>
- Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., & Wekerle, C. (2001). Development and Validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13, 277–293. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.277>
- World Health Organization. (2021, Março 9). Violence against women. <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>

ANEXOS

1. ANEXO H – Dados Sociodemográficos de Vítimas e Denunciados (2019-2021, RSSI)

		2019	2020	2021
Total de Participações de VD		29 498	27 637	26 520
Vítimas	Sexo Feminino	76,1%*	75%	74,9%
Denunciados	Sexo Masculino	81,6%*	81,4%	81%
Idade das vítimas	25 e mais anos	75%*	74%	73,3%
	16-24 anos	11%	11,6%*	10,5%
	< 16 anos	14%	14,3%	16,3%*
Idade dos denunciados	25 e mais anos	92,5%	93,1%	93,6%*
	16-24 anos	7,4%*	6,8%	6,3%
	< 16 anos	0,1%	0,2%*	0,1%

Tabela 1 Dados do Relatório do Sistema de Segurança Interna de 2019, 2020 e 2021.

*Taxa mais elevada comparativamente com os anos apresentados.

2. Recursos e Instrumentos no Âmbito da Investigação

2.1. ANEXO A: Base de Dados de Entidades Escolares Recrutadas

Cidade	Entidade Escolar	Contacto	Nome do/a Diretor/a	E-mail	E-mails enviados
Barreiro	Escola Secundária de Santo André	XX	XXX	XX	
	Escola Secundária Augusto Cabrita		Mariana <u>Hortega</u> Alves	direcao@aeaugustocabrita.edu.pt	4
Setúbal	Agrupamento de Escolas de Santo António	212 150 072	Manuela <u>Espedinha</u>		
	Escola Profissional Bento de Jesus Caraça	212 064 790	Pedro Leite Silva	direcao.barreiro@epbjc.pt	1
	Escola Secundária <u>du</u> Bocage	265 547 430	Raquel Polainas	direcao@esbocage.com	1
Seixal	Escola Dom Manuel Martins	265 771 422	Clemência <u>Funenga</u>	escoladmm@telepac.pt	4
	Escola Secundária Sebastião da Gama	265 523 176	Maria Fernanda Resende	geral@aesg.pt	4
	Escola Básica 2/3 Dr. António Augusto Louro	212 277 200	Dulce Graça	direcao@ebaal.com	4
	Escola Secundária Dr. José Afonso	212 276 660	André Claro	diretor@esjoseafonso.com	2
	Escola Secundária de Amora	212 268 000	João Godinho	joao.godinho@esec-amora.pt	3
Montijo	Escola Sede do Agrupamento de Escolas de Pinhal de Frades	212 254 969	José Luis Santos	direcao.pinhalfrades@aepinhalfrades.pt	1
	Escola Profissional Bento de Jesus Caraça	212 275 290	José Casquilho	geral.seixal@epbjc.pt	4
	Escola Secundária Jorge Peixinho	212 326 280	Maria João Serra	geral@esjp.pt	4
	Escola Básica D. Pedro Varela	212 326 160	Alexandra Caeiro	direcao@aemontijo.pt	4
	Agrupamento de Escolas Poeta Joaquim Serra	212 326 670	Paula Povoas	espjs@mail.telepac.pt	3
	Escola Profissional do Montijo	212 313 862	Marina Barata	direcao@epmontijo.edu.pt	4
	Escola Técnica Profissional da Moita	212 800 600	André Miranda	andre.miranda@escolaprofissionalmoita.com	2
Almada	Agrupamento de Escolas Monte da Caparica	212 949 700	Sandra Vicente	eb23mcap@mail.telepac.pt	4
	Agrupamento de Escolas Emídio Navarro	212 721 210	Manuel Além	diretor@aeem.pt	2
	Agrupamento de Escolas António Gedeão	212 598 385	Jorge	geral@ageantoniogedeao.pt	1
	Escola Básica e Secundária Anselmo de Andrade	212 723 590	Carlos Filipe Almeida	diretor@anselmodeandrade.pt	4
	Agrupamento Escolas Romeu Correia	212 592 241 212 502 003	António Mateus	agr.romeucorreia@gmail.com	4
TOTAL					60

2.2. ANEXO B: Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecimento para Encarregados de Educação



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Investigadora responsável: Patricia G. Lavinas | *Contacto eletrónico:* 26521@alunos.ispa.pt

Orientador de Dissertação: Prof. Doutor Artur Miguel Trigo

Eu, Patricia Lavinas, aluna de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, no ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, e sou autora do tema de Dissertação “*Intergeneracionalidade da Violência nas Relações Íntimas dos Filhos Adolescentes*”, orientado pelo Prof. Doutor Miguel Trigo. Para este trabalho de investigação procuro a participação voluntária de adolescentes com nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 14 e 19 anos, cujo objetivo é: 1) Estudar a relação entre os padrões de relacionamento íntimo dos pais (percecionados pelos filhos) com os padrões dos filhos adolescentes; 2) Estudar a relação entre Violência nas Relações Íntimas (VRI) e género; 3) Estudar a relação entre VRI e tempo da relação afetivo-sexual; 4) Estudar a relação entre VRI e orientação sexual, e por último, 5) Estudar a relação entre VRI e as crenças nos mitos sobre o amor romântico. Informa-se que quanto à recolha de dados, apenas a investigadora responsável, Patricia Lavinas, e o Prof. Doutor Miguel Trigo têm direito de acesso, retificação, atualização e apagamento de dados pessoais

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A participação do menor no estudo é de carácter voluntário, tem um nível de risco mínimo, no sentido de que pode ficar a pensar nas questões por tratar-se de um relato pessoal e estima-se que o seu contributo dure entre em média 17,3 minutos, de acordo com a fase experimental. Quanto aos benefícios, a participação do jovem é extremamente importante para o aprofundamento e enriquecimento do conhecimento científico no domínio da Violência Doméstica, pois com base nos resultados recolhidos, verificar-se-á a necessidade de apelar por programas interventivos para combater a violência doméstica, promovendo competências para reconhecer e enfrentar comportamentos abusivos. Além disso, beneficiará consequentemente o desenvolvimento das minhas competências profissionais.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SEGREDO:

O/A participante tem direito de ser esclarecido(a) sobre qualquer aspeto relativo ao projeto de investigação e é livre de recusar a participação ou de abandonar o compromisso em qualquer momento, mesmo durante a avaliação, sem sofrer qualquer prejuízo. A sua participação está ao abrigo da Lei N.º 57/2008, Artigo 79.º, Segredo Profissional, sendo que os seus dados serão confidenciais e servirão apenas para fins académicos. Todos os dados serão arquivados e destruídos exclusivamente pela investigadora responsável após um período de cinco anos e servirão apenas para fins estatísticos e académicos.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO E RESSARCIMENTO:

Não há nenhuma remuneração ou custos associados à participação no estudo.

Eu, _____ (Nome do encarregado de educação),
fui informado(a) acerca dos objetivos do estudo acima indicados de forma clara e as minhas questões
foram esclarecidas. Declaro que:

- Autorizo e concordo com a participação do meu/minha filho(a).
- Não autorizo e não concordo com a participação do meu/minha filho(a).

Eu, _____ (Nome do participante),
fui informado(a) acerca dos objetivos do estudo acima indicados de forma clara e as minhas questões
foram esclarecidas. Declaro que:

- Concordo em participar no estudo de carácter científico.
- Não concordo em participar no estudo de carácter científico.

_____, (Localidade), _____ de _____ de 2023.



Patricia Lavinas

Encarregado de Educação



(corte aqui)

2.3. ANEXO C: Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecimento para Jovens Adultos



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Investigadora responsável: Patricia G. Lavinias | *Contacto eletrónico:* 26521@alunos.ispa.pt

Orientador de Dissertação: Prof. Doutor Artur Miguel Trigo

Eu, Patricia Lavinias, aluna de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, no ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, e sou autora do tema de Dissertação “*Intergeracionalidade da Violência nas Relações Íntimas dos Filhos*”, orientado pelo Prof. Doutor Miguel Trigo. Para este trabalho de investigação procuro a participação voluntária de adolescentes e jovens adultos com nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 14 e 23 anos, cujo objetivo é: 1) Estudar a relação entre os padrões de relacionamento íntimo dos pais (percecionados pelos filhos) com os padrões dos filhos; 2) Estudar a relação entre Violência nas Relações Íntimas (VRI) e género; 3) Estudar a relação entre VRI e tempo da relação afetivo-sexual; 4) Estudar a relação entre VRI e orientação sexual, e por último, 5) Estudar a relação entre VRI e as crenças nos mitos sobre o amor romântico. Informa-se que quanto à recolha de dados, apenas a investigadora responsável, a Patricia Lavinias, e o Prof. Doutor Miguel Trigo têm direito de acesso, retificação, atualização e apagamento de dados pessoais

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A participação do menor no estudo é de carácter voluntário, tem um nível de risco mínimo, no sentido de que pode ficar a pensar nas questões por tratar-se de um relato pessoal e estima-se que o seu contributo dure em média 17,3 minutos, de acordo com a fase experimental. Quanto aos benefícios, a participação do jovem é extremamente importante para o aprofundamento e enriquecimento do conhecimento científico no domínio da Violência Doméstica, pois com base nos resultados recolhidos, verificar-se-á a necessidade de apelar por programas interventivos para combater a violência doméstica, promovendo competências para reconhecer e enfrentar comportamentos abusivos junto dos jovens. Além disso, beneficiará consequentemente o desenvolvimento das minhas competências profissionais.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SEGREDO:

O/A participante tem direito de ser esclarecido(a) sobre qualquer aspeto relativo ao projeto de investigação e é livre de recusar a participação ou de abandonar o compromisso em qualquer momento, mesmo durante a avaliação, sem sofrer qualquer prejuízo. A sua participação está ao abrigo da Lei Nº 57/2008, Artigo 79º, Segredo Profissional, sendo que os seus dados serão confidenciais e servirão apenas para fins académicos. Todos os questionários recolhidos serão arquivados e destruídos exclusivamente pela investigadora responsável após um período de 6 meses e servirão apenas para fins estatísticos e académicos.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO E RESSARCIMENTO:

Não há nenhuma remuneração ou custos associados à participação no estudo.

Eu, _____ (Nome do participante),
fui informado(a) acerca dos objetivos do estudo acima indicados de forma clara e as minhas questões
foram esclarecidas. Declaro que:

- Concordo em participar no estudo de caráter científico.
- Não concordo em participar no estudo de caráter científico.

_____ (Localidade), _____ de _____ de 2023.



Patricia Lavinas

Assine aqui



(corte aqui)

2.4. ANEXO C: Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecimento para Adolescentes



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Investigadora responsável: Patricia G. Lavinas | **Contacto eletrónico:** 26521@alunos.ispa.pt

Orientador de Dissertação: Prof. Doutor Artur Miguel Trigo

Eu, Patricia Lavinas, aluna de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, no ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, e sou autora do tema de Dissertação “*Intergeracionalidade da Violência nas Relações Íntimas dos Filhos*”, orientado pelo Prof. Doutor Miguel Trigo. Para este trabalho de investigação procuro a participação voluntária de adolescentes e jovens adultos com nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 14 e 23 anos, cujo objetivo é: 1) Estudar a relação entre os padrões de relacionamento íntimo dos pais (percecionados pelos filhos) com os padrões dos filhos; 2) Estudar a relação entre Violência nas Relações Íntimas (VRI) e género; 3) Estudar a relação entre VRI e tempo da relação afetivo-sexual; 4) Estudar a relação entre VRI e orientação sexual, e por último, 5) Estudar a relação entre VRI e as crenças nos mitos sobre o amor romântico. Informa-se que quanto à recolha de dados, apenas a investigadora responsável, a Patricia Lavinas, e o Prof. Doutor Miguel Trigo têm direito de acesso, retificação, atualização e apagamento de dados pessoais

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A participação do menor no estudo é de carácter voluntário, tem um nível de risco mínimo, no sentido de que pode ficar a pensar nas questões por tratar-se de um relato pessoal e estima-se que o seu contributo dure em média 17,3 minutos, de acordo com a fase experimental. Quanto aos benefícios, a participação do jovem é extremamente importante para o aprofundamento e enriquecimento do conhecimento científico no domínio da Violência Doméstica, pois com base nos resultados recolhidos, verificar-se-á a necessidade de apelar por programas interventivos para combater a violência doméstica, promovendo competências para reconhecer e enfrentar comportamentos abusivos junto dos jovens. Além disso, beneficiará consequentemente o desenvolvimento das minhas competências profissionais.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SEGREDO:

O/A participante tem direito de ser esclarecido(a) sobre qualquer aspeto relativo ao projeto de investigação e é livre de recusar a participação ou de abandonar o compromisso em qualquer momento, mesmo durante a avaliação, sem sofrer qualquer prejuízo. A sua participação está ao abrigo da Lei N°57/2008, Artigo 79º, Segredo Profissional, sendo que os seus dados serão confidenciais e servirão apenas para fins académicos. Todos os questionários recolhidos serão arquivados e destruídos exclusivamente pela investigadora responsável após um período de 6 meses e servirão apenas para fins estatísticos e académicos.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO E RESSARCIMENTO:

Não há nenhuma remuneração ou custos associados à participação no estudo.

Eu, _____ (Nome do encarregado de educação),
fui informado(a) acerca dos objetivos do estudo acima indicados de forma clara e as minhas questões
foram esclarecidas. Declaro que:

- Autorizo e concordo com a participação do meu/minha filho(a).
- Não autorizo e não concordo com a participação do meu/minha filho(a).

Eu, _____ (Nome do participante),
fui informado(a) acerca dos objetivos do estudo acima indicados de forma clara e as minhas questões
foram esclarecidas. Declaro que:

- Concordo em participar no estudo de caráter científico.
- Não concordo em participar no estudo de caráter científico.

_____ (Localidade), _____ de _____ de 2023.



Patricia Lavinas

Encarregado de Educação



(corte aqui)

2.5. ANEXO C: Questionário Sociodemográfico

(“O conteúdo foi removido devido à proteção dos direitos de autor e de cópia”)

2.6. ANEXO D: Sinalização do Ambiente Natural

(A Dra. Ana Isabel Sani solicitou a não anexação da escala)

2.7. ANEXO E: Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes

(“O conteúdo foi removido devido à proteção dos direitos de autor e de cópia”)

2.8. ANEXO F: Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico

(“O conteúdo foi removido devido à proteção dos direitos de autor e de cópia”)

3. Autorizações Concedidas

3.1. ANEXO G - Email da Prof.^a Doutora Jeane Braga



Jeane Borges
Para: Você


seg, 26/12/2022 21:53

Boa Tarde, Patricia!

Inicialmente agradeço o contato e fico em feliz em saber que estas investigando o tema da transgeracionalidade da violência intrafamiliar. Certamente podes usar o questionário sociodemográfico ou outro instrumento do anexo da minha tese de doutorado.

Em relação à publicação solicitada, "Perfil de Adolescentes Perpetuadores de Violência no Namoro", na verdade se trata de um capítulo de livro publicado em 2020. A referência deste capítulo é:

Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Perfil de adolescentes perpetradores de violência no namoro. In: Reis, D. C., Cavalcante, L. I. C., & Oliveira, A. C. (Orgs.), *Autores de agressão: Subsídios para uma abordagem interdisciplinar* (pp. 71- 89). Curitiba/Paraná: Appris.

Contudo, este capítulo faz parte do livro que está à venda neste site:

<https://www.editoraappris.com.br/busca?s=Autores+de+agress%C3%A3o>

Nós autores teve um contrato com a editora, não podendo compartilhar o capítulo. Espero que compreendas. Mas, envio duas outras publicações derivadas da minha tese, que talvez te interesse. O artigo 2 é muito semelhante em conteúdo daquele que me pedes acima.

Desejo sucesso no mestrado e em sua pesquisa.


Abraço cordial,

Profa. Dra. Jeane L. Borges


Artigo 1:


[Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência](#)

3.2. ANEXO H - Email da Prof.^a Doutora Isabel Sani

 Ana Isabel Sani
Para: Você
Cc: Artur Miguel Trigo Cândido Da Silva Jesus

seg, 26/12/2022 09:01

 SANI - Formulário.pdf
57 KB

 SANI - Texto validação.pdf
730 KB

2 anexos (787 KB) Guardar tudo no OneDrive Transferir tudo


Cara Patrícia Gonçalves

Envio em anexo a escala para fins de investigação académica, solicitando que, uma vez concluído o estudo, me possa dar conhecimento dos resultados. [REDACTED] Textos sobre o tema estão publicos no meu Researchgate ou academia


Melhores cumprimentos
Ana Isabel Sani

Doctorate (PhD) in Psychology of Justice. Habilitation (Hab) in Child Studies
Associate Professor with Aggregation at University Fernando Pessoa (UFP)
Integrated Member at Research Centre on Child Studies (CIEC) - UM
Coordinator of the MA in Psychology of Justice: Victims of Violence and Crime (MPJ-UFP)
University Fernando Pessoa - Praça 9 de abril, 349 - 4249-004 Porto, Portugal

3.3. ANEXO I – Email da Prof.^a Doutora Laura Vazquez

 Laura Lara Vazquez
Para: Você
Cc: Artur Miguel Trigo Cândido Da Silva Jesus

ter, 10/01/2023 11:06

 RLM Scale.docx
18 KB

Dear Patricia

Thank you for your interest in our research, of course, you have our permission to use the scale. As you can see, you have the items published on the article, but I have attached the scale in word format (of course, you can modify the format as you wish).

We would appreciate if you let us know the results of your work when you finish.

There is other work maybe it could be interesting (I have omitted the ones published only in Spanish). We also have a website, but unfortunately is in Spanish (www.violenciapareja.cl).

Lara, L., & Gómez-Urrutia, V. (2022). Development and validation of the Acceptance of Dating Violence Questionnaire. *Journal of Social and Personal Relationships*, 39(4), 1110-1130. <https://doi.org/10.1177/02654075211054154>

Lara, L., & López-Cepero, J. (2021). Psychometric properties of the Dating Violence Questionnaire: Reviewing the evidence in Chilean youths. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(5-6) 2373-2392. <https://doi.org/10.1177/0886260518760612>

Lara, L. (2020). Cyber Dating Abuse: Assessment, prevalence, and relationship with offline violence in young Chileans. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(5), 1681-1699. <https://doi.org/10.1177/0265407520907159>

4. Análise da Fiabilidade e Consistência Interna dos Instrumentos

4.1. ANEXO J – Análise da Fiabilidade e Consistência Interna da escala CADRI-P (2013)

Tabela 2 Estatística de confiabilidade e Estatística de item da escala CADRI-P

Tipos de Violência	N ^a	N de itens	Média	Desvio Padrão	Estudo Atual	Estudo de Lucas e colaboradores (2013)
--------------------	----------------	------------	-------	---------------	--------------	--

					α de Cronbach	α de Cronbach
Violência Física	214	14	14,532	1,44	0,73	0,86
Violência Verbal-Emocional	214	18	24,537	5,734	0,87	0,87
Violência Relacional-Psicológica	216	12	12,893	1,84	0,726	0,82
Violência Sexual	215	12	13,158	2,123	0,55	0,71
Ciberviolência	215	14	16,218	3,089	0,72	0,8
Estratégias Negativas (abusivas) de Gestão de Conflito	215	70	/	/	0,906	0,94
Estratégias Positivas de Gestão de Conflito*	196	20	/	/	0,876	/

a Alguns participantes foram excluídos da lista com base em todas as variáveis do procedimento

* Os itens desta escala não contam para a pontuação total. Servem apenas de itens distratores, segundo os autores.

4.2. ANEXO K – Análise da Fiabilidade e Consistência Interna da escala SANI (2003)

Tabela 3 Estatística de confiabilidade e Estatística de item da escala SANI

Fatores	N	N de itens	Média	Desvio Padrão	Estudo Atual	Estudo de Sani, I. (2003)
					α de Cronbach	α de Cronbach
Abuso Físico	216	6	3,824	0,412	0,698	0,86
Abuso Emocional	216	9	0,512	0,643	0,84	0,86
Coerção	216	7	3,752	0,452	0,724	0,79
Controlo	216	8	0,437	0,553	0,668	0,73
Escala SANI (2003)	216	30	/	/	0,922	/

4.3. ANEXO L – Análise da Fiabilidade e Consistência Interna da escala QMAR

Tabela 4 Estatística de confiabilidade e Estatística de item da escala QMAR (2021)

Escala	N de itens	α de Cronbach com base em itens padronizados	Estudo Atual (α de Cronbach)	Estudo de de Laura e Gómez-Urrutia (2021)
Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico	10	0,616	0,62	/
Subescala Amor-Abuso	Média	Desvio Padrão	N^a	α de Cronbach

O ciúme é uma prova de amor.	2,89	1,085	216	0,637	0,82
Quem te ama, bate-te.	1,28	0,766	215		
Aqueles que discutem entre si, amam-se.	2,60	1,128	216		
Se não ciúmes, não há amor.	2,47	1,141	216		
Amar é sofrer.	2,27	1,309	215		
O amor perdoa tudo.	2,23	1,146	216		
Subescala Idealização					
Há alguém destinado para cada um de nós. ("Todos nós temos uma alma-gêmea").	3,50	1,160	215	0,526	0,73
O amor é cego.	3,44	1,127	216		
O amor verdadeiro supera tudo.	3,51	1,254	213		
No final, o amor vence sempre.	3,11	1,203	216		

a Foram excluídos alguns participantes da lista com base em todas as variáveis do procedimento.

5. Tabelas para Análise de Pressupostos da Normalidade

5.1. Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala CADRI-P por Grupo (Agressor e Vitima)

5.1.1. ANEXO M - Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito (Agressor)

Tabela 5 Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito (Agressor)

	VF	VVE	VRP	VSX	CYV
N	215	216	216	216	216
Média	7,2093	12,0046	6,2500	6,5324	7,9306
Erro Desvio	0,63239	2,81771	0,67686	1,34298	1,51267
Assimetria	3,941	1,137	3,645	4,378	2,568
Curtose	19,410	0,886	16,679	24,554	8,761

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual

5.1.2. ANEXO N - Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito (Vitima)

Tabela 6 Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito (Vitima)

	VF	VVE	VRP	VSX	CYV
N	215	214	216	215	215
Média	7,3209	12,5234	6,6435	6,6419	8,2837
Erro Desvio	1,00200	3,40628	1,51205	1,24071	1,99027
Assimetria	4,806	1,141	3,002	3,153	3,087
Curtose	27,156	0,550	10,072	13,452	15,293

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual

5.1.3. ANEXO O - Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Positivas de Gestão de Conflito

Tabela 7 Pressupostos da Normalidade da Escala Estratégias Positivas de Gestão de Conflito (Agressor vs. Vitima)

	Grupo Agressor	Grupo Vítima
N	216	196
Média	20,8194	19,6071
Erro Desvio	4,31868	4,03875
Assimetria	-0,616	-0,474
Curtose	0,226	-0,001

5.2. Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala SANI

5.2.1. ANEXO P – Tabela da Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala SANI

Tabela 8 Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala SANI

	VE	VF	CO	CON
N	216	216	216	216
Média	0,5239	3,8248	3,7526	0,4376
Erro Desvio	0,64361	0,41241	0,45285	0,55389
Assimetria	1,713	-3,327	-2,981	1,595
Curtose	2,930	13,211	11,952	2,219

Legenda: VE - Violência Emocional; VF - Violência Física; CO - Coerção; CON - Controlo

5.3. Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala QMAR

5.3.1. ANEXO Q – Tabela da Análise de Pressupostos da Normalidade da Escala QMAR

Tabela 9 Análise de Pressupostos da Normalidade do Questionário de Mitos sobre o Amor Romântico

	Idealização	Amor-Abuso
N	212	213
Média	13,6132	13,7371
Erro Desvio	3,03400	3,95808
Assimetria	-0,238	0,134
Curtose	0,166	-0,215

6. Caraterização da Amostra

6.1. ANEXO R - Dados Sociodemográficos dos Participantes

Tabela 10 Dados Sociodemográficos dos Participantes

Variáveis		Frequência	Porcentagem	Média±D
Sexo	Masculino	108	50%	
	Feminino	106	49,07%	
	Fluido	2	0,92%	
	Total:	216	100%	
Idade	15 anos	17	7,87%	
	16 anos	52	24,07%	
	17 anos	60	27,77%	
	18 anos	38	17,59%	17,35±1,49
	19 anos	32	14,81%	
	20 anos	10	4,62%	
	21 anos	5	2,31%	
	22 anos	2	0,92%	
Orientação Sexual	Heterossexual	170	78,7%	
	Homossexual	9	4,16%	
	Bissexual	26	12,03%	
	Pansexual	11	5,09%	
Entidade Escolar	Escola A	84	38,9%	
	Escola B	44	20,4%	
	Escola C	88	40,7%	
Escolaridade	10º ano	117	54,2%	
	11º ano	68	31,5%	
	12º ano	31	14,4%	
Concelho	Almada	2	0,93%	
	Barreiro	65	30,1%	
	Moita	59	27,3%	
	Montijo	39	18,1%	
	Palmela	30	13,9%	
	Seixal	4	1,9%	
	Sesimbra	14	6,5%	
	Setúbal	3	1,4%	

6.2. ANEXO S - Dados Sociodemográficos dos Parceiros Atuais/Passados

Tabela 11 Dados Sociodemográficos dos Parceiros Atuais/Passados

Variáveis	Subvariáveis	Frequência	Porcentagem	Média±D
Género	Masculino	99	45,8%	
	Feminino	107	49,5%	

	Fluído	10	4,6%	
Idade	Amostra Total	216	100%	17,32±2,16
	Género Masculino	99	45,8%	18±2
	Género Feminino	107	49,5%	17±2
	Género Fluido	10	4,6%	17±1
Orientação Sexual	Heterossexual	185	85,6%	
	Homossexual	8	3,7%	
	Bissexual	19	8,8%	
	Panssexual	3	1,4%	
	Missing Value	1	0,5%	
Escolaridade	6º ano	1	0,5%	
	7º ano	/	/	
	8º ano	5	2,3%	
	9º ano	27	12,5%	
	10º ano	58	26,9%	
	11º ano	53	24,5%	
	12º ano	60	27,8%	
	Ensino Superior	12	5,6%	

6.3. ANEXO T – Dados Descritivos sobre o Ambiente Familiar

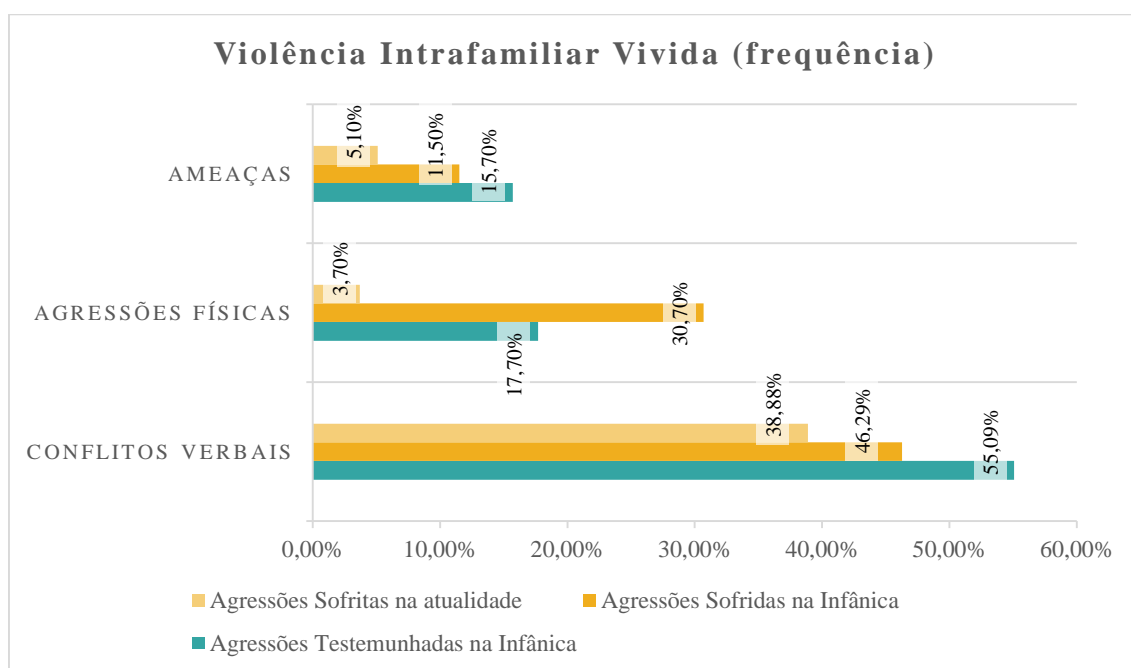


Gráfico 1 Frequência de Comportamentos Violentos no Sistema Familiar

6.4. ANEXO U – Dados Descritivos sobre o Ambiente Familiar por Gênero

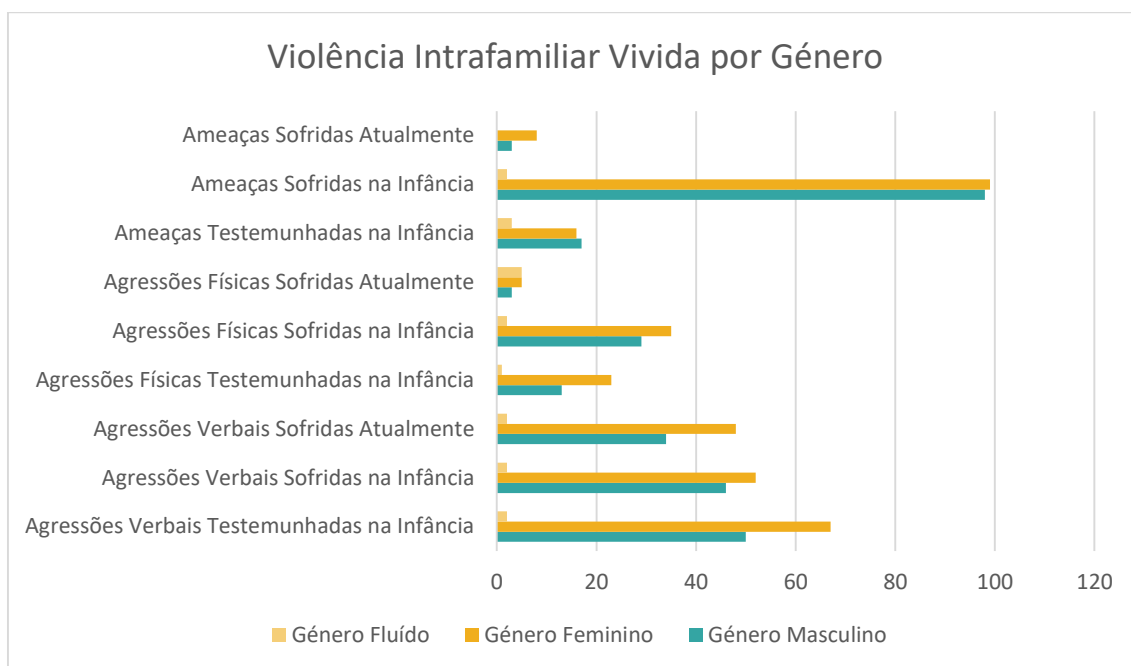


Gráfico 2 Violência Intrafamiliar Vivida em Função do Gênero (infância-atualidade)

6.5. ANEXO V – Dados Descritivos das Agressões Atualmente Vividas em função da Estrutura Familiar

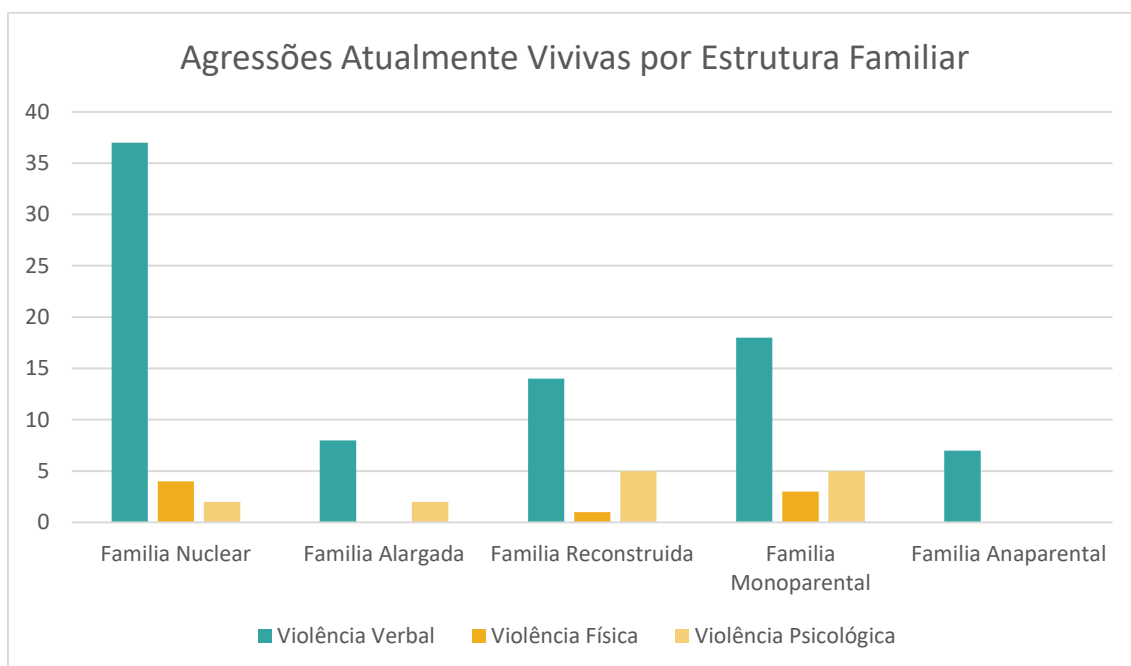


Gráfico 3 Tipos de Violência Vivida por Estrutura Familiar

6.6. ANEXO W – Dados Descritivos das Agressões Testemunhadas em função da Estrutura Familiar

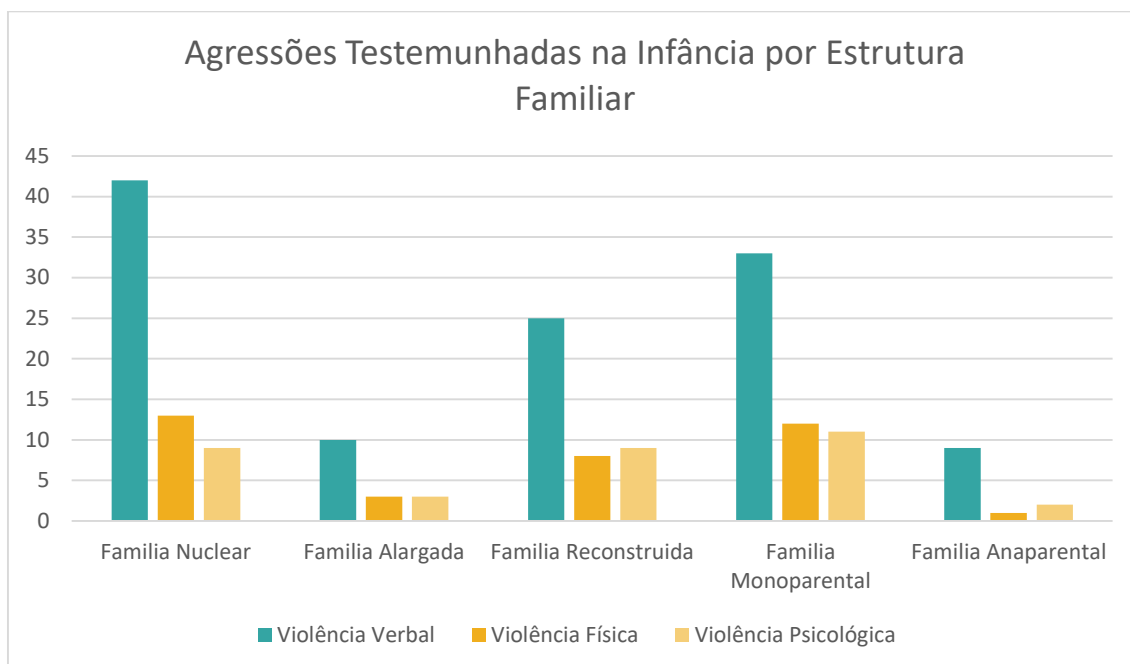


Gráfico 4 Tipos de Violência Testemunhada e Respetiva Estrutura Familiar

6.7. ANEXO X – Dados Descritivos das Agressões Sofridas em função da Estrutura Familiar

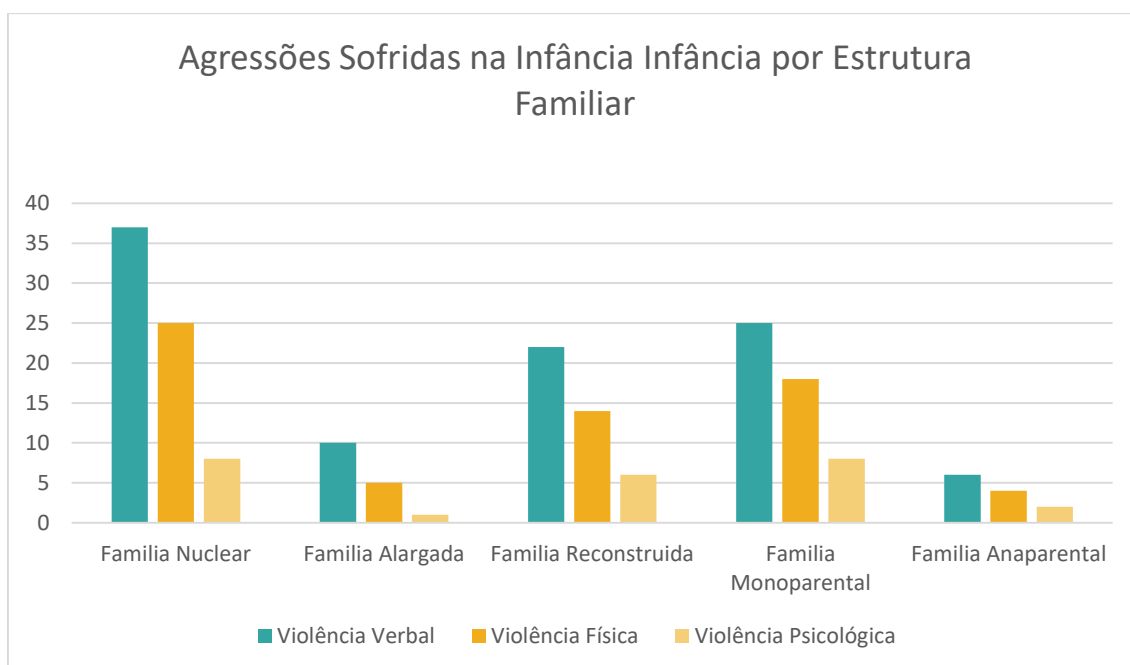


Gráfico 5 Tipos de Violência Sofrida e Respetiva Estrutura Familiar

6.8. ANEXO Y – Violência Intrafamiliar por Concelho

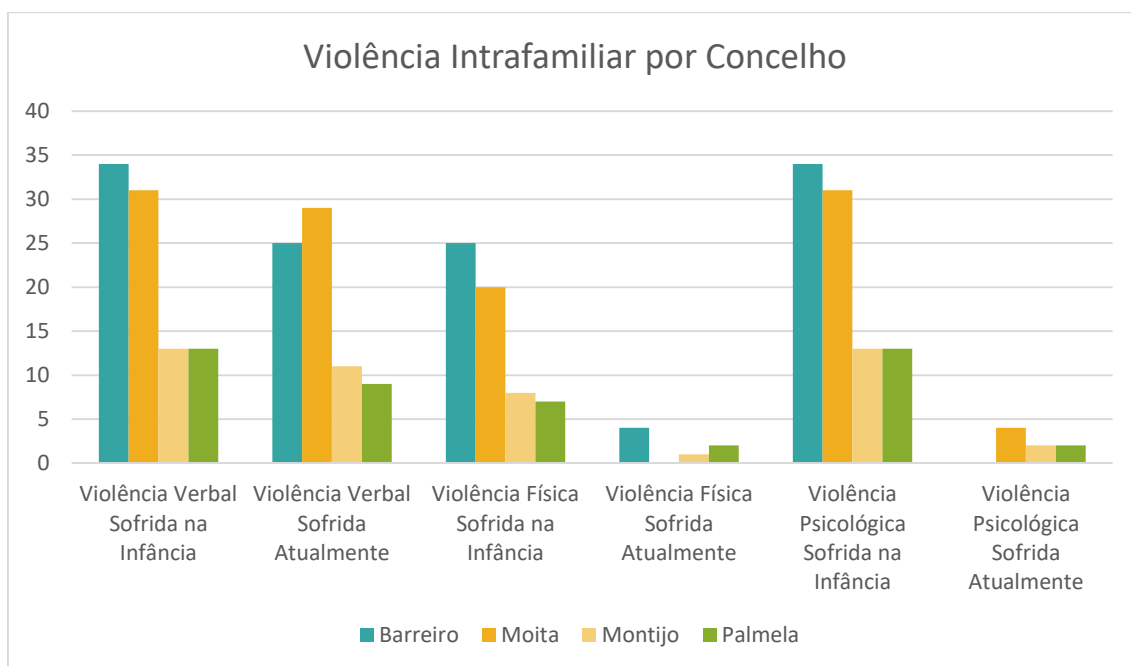


Gráfico 6 Registo de Violência Intrafamiliar ao longo da vida e por Concelho (se pelos concelhos com as taxas mais elevadas)

6.9. ANEXO Z – Violência nas Relações Íntimas por Concelho

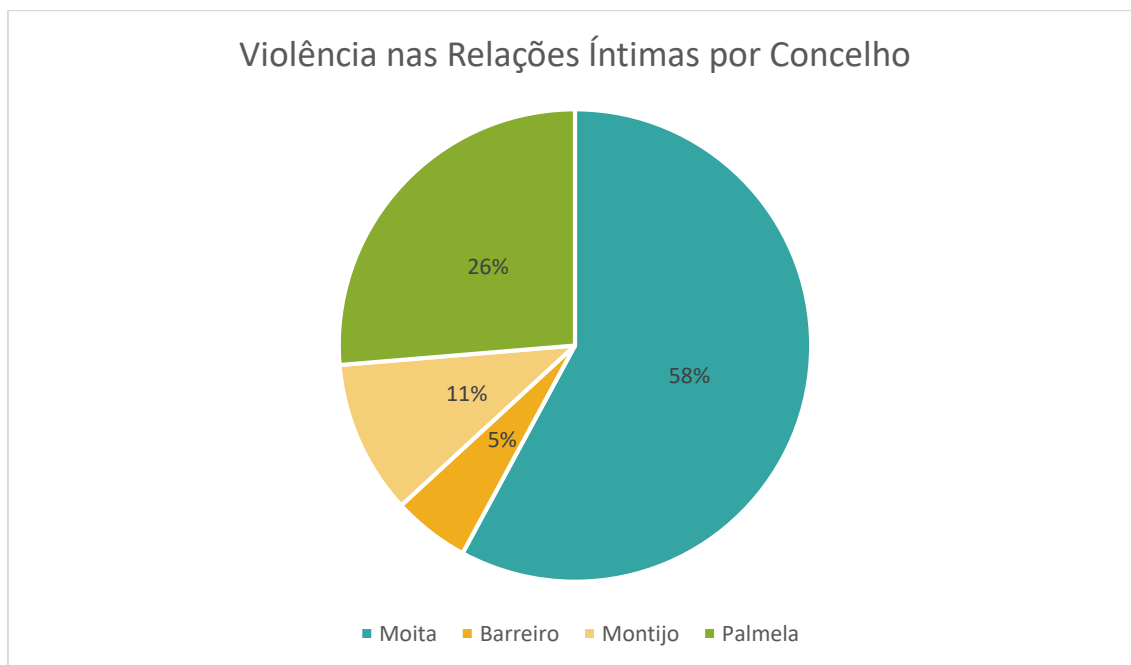


Gráfico 7 Taxa de VRI perpetrada por Concelho

6.10. ANEXO AA – Dados Descritivos sobre a Conduta dos Participantes na
Relações Íntimas

Tabela 12 Frequência da perpetração nas relações íntimas atuais ou passadas (Grupo Agressor)

FATOR						
Violência Física (VF)						
Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
Eu atirei-lhe com um objeto	208	96,30%	5	2,30%	3	1,40%
Eu bati-lhe, dei-lhe murros ou pontapés	213	98,6	1	0,50%	1	0,50%
Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo	211	97,70%	4	1,90%	1	0,50%
Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões e/ou abanei-o(a)	211	97,70%	4	1,90%	1	0,50%
Eu coloquei-o(a) numa situação em que ele/ela se poderia ter aleijado ou magoado (ex. torci-lhe um braço; empurrei-o(a) de uma escada abaixo.	211	97,70%	2	0,90%	0	0%
Eu mordi-o(a) ou belisquei-o(a) mesmo para o(a) aleijar ou magoar	205	94,90%	11	5,10%	0	0%
Eu tentei atingi-lo(a) com um objeto mesmo com a intenção de o magoar	211	97,70%	4	1,90%	1	0,50%

Violência Verbal-Emocional (VVE)

Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	N	%	N	%	N	%
Eu fiz-lhe algo para lhe provocar ciúmes	139	64,40%	71	32,90%	6	2,80%
Eu trouxe à conversa algo que ele/ela tinha feito de mal no passado.	118	54,60%	83	38,40%	15	6,90%
Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a)	158	73,10%	50	23,10%	8	3,70%
Eu falei-lhe com um tom de voz agressivo	132	61,10%	75	34,7	9	4,20%
Eu insultei-o(a) com frases ofensivas.	176	81,50%	38	17,60%	2	2,30%
Eu controlei com quem e onde estava	170	78,70%	41	19%	5	2,30%
Eu responsabilizei-o(a) por um problema.	139	64,40%	61	28,20%	16	7,40%
Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.	172	79,60%	40	18,50%	4	1,90%
Eu ameacei terminar relação	158	73,10%	56	25,90%	2	0,90%

Violência Relacional-Psicológica (VRP)

Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	N	%	N	%	N	%
Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele/ela gostava muito	211	97,70%	3	1,40%	2	0,90%
Eu deliberadamente tentei assusta-lo(a).	210	97,20%	4	1,90%	2	0,90%
Eu ameacei magoá-lo(a).	211	97,70%	5	2,30%	0	0%
Eu tentei virar os seus amigos contra ele(ela).	191	88,40%	21	9,70%	4	1,90%
Eu disse-lhe coisas aos amigos(as) dele/dela para os(as) pôr contra ele/ela	214	99,10%	1	0,50%	1	0,50%
Eu espalhei rumores sobre ele/ela.	200	92,60%	2	0,90%	0	0%

Ciberviolência (CYV)

Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	N	%	N	%	N	%
Eu enviei-lhe mais de 5 SMS durante um dia, com o objetivo de saber onde ele(ela) estava e o que estava a fazer	148	68,50%	54	25%	13	6%
Eu mexi-lhe no telemóvel dele(a), sem autorização, para ver mensagens (SMS, MMS) ou chamadas	184	85,20%	29	13,40%	3	1,40%
Eu enviei-lhe SMS, e-mail ou um post a insultá-lo(a).	206	95,40%	10	4,60%	0	0%
Eu liguei para o seu telemóvel insistentemente, com o objetivo de saber onde e o que estava a fazer.	209	96,80%	5	2,30%	2	0,90%
Eu criei uma nova conta na internet, para me fazer passar por outra pessoa.	207	95,80%	7	3,20%	2	0,90%
Eu enviei-lhe SMS ou toques, durante a noite, para o(a) controlar.	179	82,90%	30	13,90%	7	3,20%

Eu entrei-lhe no e-mail, sem autorização, para ver a correspondência enviada ou recebida.	214	99,10%	2	0,90%	0	0%
---	-----	--------	---	-------	---	----

Violência Sexual (VSX)

Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	N	%	N	%	N	%
Eu toquei-lhe no corpo ou fiz carícias apesar de ele(ela) não querer.	200	92,60%	12	5,60%	4	1,90%
Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(ela) não queria	215	99,50%	1	0,50%	0	0%
Eu beijei-o(a) quando ele/ela não queria.	188	87%	23	10,60%	5	2,30%
Eu não quis usar preservativo apesar de ele(ela) querer	207	95,80%	7	3,20%	1	0,50%
Eu disse-lhe que não gostava que ela/ele vestisse determinada roupa, porque dava muito nas vistas	196	90,70%	17	7,90%	2	0,90%
Eu ameacei-o(a) com objetivo de ter relações sexuais com ele(ela)	210	97,20%	1	0,50%	5	2,30%

Nota: Os valores destacados correspondem aos comportamentos tipificados mais perpetrados de forma geral.

6.11. ANEXO AB – Dados Descritivos sobre a Vitimação nas Relações Íntimas

Tabela 13 Frequência da vitimação nas relações íntimas atuais ou passadas (Grupo Vítima)

FATOR						
Violência Física						
Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	N	%	N	%	N	%
Eu atirei-lhe com um objeto	207	95,80%	8	3,70%	1	0,50%
Eu bati-lhe, dei-lhe murros ou pontapés	209	96,80%	6	2,80%	1	0,50%
Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo	207	95,80%	9	4,20%	0	0,00%
Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões e/ou abanei-o(a)	207	95,80%	7	3,20%	2	0,90%
Eu coloquei-o(a) numa situação em que ele/ela se poderia ter aleijado ou magoado (ex. torci-lhe um braço; empurrei-o(a) de uma escada abaixo.	201	93,10%	12	5,60%	3	1%
Eu mordi-o(a) ou belisquei-o(a) mesmo para o(a) aleijar ou magoar	211	97,70%	4	1,90%	1	1%
Eu tentei atingi-lo(a) com um objeto mesmo com a intenção de o magoar	210	97,20%	3	1,40%	2	0,90%

Violência Verbal-Emocional						
Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	N	%	N	%	N	%
Eu fiz-lhe algo para lhe provocar ciúmes	129	59,70%	76	35,20%	11	5,10%

Eu trouxe à conversa algo que ele/ela tinha feito de mal no passado.	114	52,80%	82	38,00%	20	9,30%
Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a)	147	68,10%	60	27,80%	9	4,20%
Eu falei-lhe com um tom de voz agressivo	128	59,30%	71	32,90%	16	7,40%
Eu insultei-o(a) com frases ofensivas.	166	76,90%	42	19,40%	8	3,70%
Eu controlei com quem e onde estava	148	68,50%	58	27%	10	4,60%
Eu responsabilizei-o(a) por um problema.	141	65,30%	62	28,70%	13	6,00%
Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.	164	75,90%	39	18,10%	13	5,00%
Eu ameacei terminar relação	154	75,30%	55	25,50%	6	2,80%

Violência Relacional-Psicológica

Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	N	%	N	%	N	%
Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele/ela gostava muito	190	88,00%	20	9,30%	6	2,80%
Eu deliberadamente tentei assusta-lo(a).	204	94,40%	9	4,20%	3	1,40%
Eu ameacei magoá-lo(a).	199	92,10%	10	4,60%	7	3%
Eu tentei virar os seus amigos contra ele(ela).	191	88,40%	21	9,70%	4	1,90%
Eu disse-lhe coisas aos amigos(as) dele/dela para os(as) pôr contra ele/ela	209	96,80%	6	2,80%	1	0,50%
Eu espalhei rumores sobre ele/ela.	192	88,60%	17	7,90%	7	3%

Ciberviolência

Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	N	%	N	%	N	%
Eu enviei-lhe mais de 5 SMS durante um dia, com o objetivo de saber onde ele(ela) estava e o que estava a fazer	132	61,10%	68	32%	16	7%
Eu mexi-lhe no telemóvel dele(a), sem autorização, para ver mensagens (SMS, MMS) ou chamadas	177	81,90%	32	14,80%	7	3,20%
Eu enviei-lhe SMS, e-mail ou post a insultá-lo(a).	203	94,00%	10	4,60%	3	1%
Eu liguei para o seu telemóvel insistentemente, com o objetivo de saber onde e o que estava a fazer.	195	90,30%	14	6,50%	5	2,30%
Eu criei uma nova conta na internet, para me fazer passar por outra pessoa.	204	94,40%	11	5,10%	1	0,50%
Eu enviei-lhe SMS ou toques, durante a noite, para o(a) controlar.	165	76,40%	41	19,00%	10	4,60%
Eu entrei-lhe no e-mail, sem autorização, para ver a correspondência enviada ou recebida.	211	97,70%	4	1,90%	1	1%

Violência Sexual						
Item	0 vezes		1-5 vezes		>6 vezes	
	N	%	N	%	N	%
Eu toquei-lhe no corpo ou fiz carícias apesar de ele(ela) não querer.	187	86,60%	22	10,20%	5	2,30%
Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(ela) não queria	208	96,30%	6	2,80%	2	1%
Eu beijei-o(a) quando ele/ela não queria.	209	97%	4	1,90%	3	1,40%
Eu não quis usar preservativo apesar de ele(ela) querer	188	87,00%	23	10,60%	5	2,30%
Eu disse-lhe que não gostava que ela/ele vestisse determinada roupa, porque dava muito nas vistas	203	94,00%	11	5,10%	2	0,90%
Eu ameacei-o(a) com objetivo de ter relações sexuais com ele(ela)	185	85,60%	27	12,50%	4	1,90%

Nota: Os valores destacados correspondem aos comportamentos tipificados mais perpetrados de forma geral

6.12. ANEXO AC – Frequência e caracterização das situações de violência doméstica.

Tabela 14 Dados descritivos da escala SANI (2003)

FATOR		
Abuso Físico		
Item	F%nunca	F%
Gerar medo a alguém com armas ou outros objetos.	93,9%	6,10%
Puxar ou empurrar alguém com força até essa pessoa cair.	93,4%	6,60%
Atirar com coisas contra uma pessoa de propósito.	85,6%	14,40%
Bater ou tentar bater com coisas feias ou más.	87%	13,00%
Dar pontapés ou murros numa pessoa.	94%	6,00%
Prender alguém para não se poder mexer do sítio.	96,3%	3,70%
Abuso emocional		
Item	F%nunca	F%
Insultar ou chamar nomes feios.	48,1%	51,90%
Ameaçar que vai magoar (seriamente) alguém.	85,6%	14,40%
Gritar muito alto com alguém.	40,3%	59,70%
Dizer coisas que envergonhem muito alguém.	74,5%	25,50%
Gozar ou rir de alguém para fazer sentir-se mal.	76,4%	23,60%

Prender alguém numa parte da casa (ex: quarto).	93%	7%
Destruir ou dizer destruir qualquer coisa de valor (ex: roupas, objetos).	87%	13,00%
Fazer acusações falsas só para magoar alguém.	87,5%	12,50%
Dizer coisas que assustem muito a pessoa.	87,8%	12,20%

Coerção		
Item	F%_{onunca}	F%
Pôr uma pessoa fora de casa.	84,7%	15,30%
Obrigar uma pessoa a trabalhar muito.	87,5%	12,50%
Obrigar uma pessoa a fazer tudo o que se quer como se fosse um/a criado/a.	80,6%	19,40%
Obrigar a guardar coisas feias ou más.	91,1%	8,90%
Ameaçar separar a pessoa da família.	91,2%	8,80%
Obrigar alguém a fazer coisas feias ou que envergonham.	96,3%	3,70%
Dizer coisas que assustem muito a pessoa.	91,2%	8,80%

Controlo		
Item	F%_{onunca}	F%
Não deixar conversar com certas pessoas	76%	24%
Não deixar fazer tarefas que têm de ser feitas (ex: trabalhos de casa, arrumações)	87,8%	12,20%
Não dar dinheiro para as despesas da casa.	88,4%	11,60%
Estar sempre a controlar tudo (ex: o que come, bebe, com quem fala)	80,1%	19,90%
Não deixar sair alguém de casa.	85,5%	14,50%
Deixar de falar com uma pessoa durante algum tempo	62,5%	37,50%
Perseguir ou seguir alguém para onde quer que vá.	92,1%	7,90%
Ter ciúmes ou desconfiar muito de alguém.	81,5%	18,50%

Nota: Os valores em destaque salientam as agressões intrafamiliares mais testemunhadas/sofridas no último ano pelos participantes.

6.13. ANEXO AD – Frequência do envolvimento dos jovens em situações de violência doméstica

Tabela 15 Dados descritivos da escala SANI referente à vitimação

	N	Média	Desvio-padrão
Agressões dirigidas a um adulto	216	2,1574	3,47660
Agressões dirigidas a uma criança/jovem		1,8790	3,35557
Agressões dirigidas a ambos		1,0185	2,51500
Agressões dirigidas a ninguém		24,9259	5,52828

6.14. ANEXO AE – Relação entre as Estratégias Positivas de Gestão de Conflito e o tipo de Relação Íntima

Tabela 16 Frequência de violência intrafamiliar por concelho

Variável independente Concelho	Identificação da Vitima							
	Adulto		Jovem		Adulto e Jovem		Ninguém	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão
Alcácer do Sal	/	/	/	/	/	/	/	/
Alcochete	/	/	/	/	/	/	/	/
Almada	0,50	0,71	0,00	0,00	0,00	0,00	29,50	0,71
Barreiro	2,20	4,19	2,35	3,89	0,77	1,83	24,68	5,32
Grândola	/	/	/	/	/	/	/	/
Moita	2,86	3,84	1,64	2,20	1,86	4,06	23,59	6,05
Montijo	2,21	3,35	1,03	2,39	0,62	1,23	26,13	5,00
Palmela	1,07	1,48	1,40	2,92	0,40	0,86	27,13	3,56
Santiago do Cacém	/	/	/	/	/	/	/	/
Seixal	1,00	0,82	4,00	4,69	2,00	1,83	22,75	7,37
Sesimbra	2,00	1,84	2,79	4,71	0,86	1,46	24,36	6,02
Setúbal	1,00	0,00	6,33	10,12	1,33	1,53	21,33	11,59
Sines	/	/	/	/	/	/	/	/

7. Dados Inferenciais sobre as Relações Íntimas

7.1. ANEXO AF – Caracterização das relações íntimas dos jovens portugueses/não-portugueses em função do género

Tabela 17 Teste Estatístico sobre padrões relacionais em função do género, separado por participantes portugueses e não portugueses

Nacionalidade		VF	VVE	VRP	VSX	CTV
PT	U de Mann-Whitney	4204,000	4153,000	4166,000	3884,000	3991,000
	Wilcoxon W	8957,000	8431,000	8919,000	8637,000	8269,000
	Z	-1,187	-0,833	-1,258	-2,118	-1,388
	<i>p-value</i>	0,235	0,405	0,209	0,034	0,165
Não-PT	U de Mann-Whitney	61,000	70,500	61,500	32,500	62,500
	Wilcoxon W	181,000	115,500	197,500	77,500	107,500
	Z	-0,597	-0,086	-0,796	-2,420	-0,585
	<i>p-value</i>	0,550	0,932	0,426	0,016	0,559
	<i>p-value exato</i>	,726 ^b	,934 ^b	,559 ^b	,023^b	,598 ^b

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
 O nível de significância é 0,05.
 Variável de Agrupamento: Género.

7.2. ANEXO AG – Variância do tipo de violência perpetrada ou sofrida em função do género

Tabela 18 Valores descritivos e inferenciais da violência perpetrada/vitimada por Género (Grupo Agressor vs. Vítima)

Tipo de Violência	Género	N	M±D Grupo Agressor	p-value (Mann-Whitney)	M±D Grupo Vítima	p-value (Mann-Whitney)
VF	Masculino	107	7,28±0,77	0,348	7,38±1,06	0,277
	Feminino	106	7,14±0,45		7,26±0,95	
VVE	Masculino	108	11,88±2,69	0,605	12,62±3,34	0,57
	Feminino	106	12,15±2,96		12,49±3,49	
VRP	Masculino	108	6,31±0,77	0,342	6,7±1,54	0,227
	Feminino	106	6,2±0,58		6,59±1,5	
VSX	Masculino	108	6,76±1,5	0,001	6,63±1,16	0,829
	Feminino	106	6,31±1,13		6,67±1,33	
CYV	Masculino	108	7,91±1,67	0,301	8,31±2,15	0,985
	Feminino	106	7,97±1,36		8,28±1,83	
Média de Grupo por Género	Masculino		8,03		8,32	
	Feminino		7,95		8,25	

7.3. ANEXO AH – Variância do tipo de violência perpetrada ou sofrida em função da idade

Tabela 19 Correlação entre o tipo de violência perpetrada e a idade

Tipo de Violência		VF	VVE	VRP	VSX	CYV	Idade
VF	Coefficiente de Correlação	1,000	,299**	,336**	,218**	0,096	0,045
	Sig. (2 extremidades)		0,000	0,000	0,001	0,162	0,509
VVE	Coefficiente de Correlação		1,000	,327**	,303**	,384**	-0,001
	Sig. (2 extremidades)			0,000	0,000	0,000	0,993
VRP	Coefficiente de Correlação			1,000	,230**	,135*	0,026
	Sig. (2 extremidades)				0,001	0,047	0,709
VSX	Coefficiente de Correlação				1,000	,220**	0,070
	Sig. (2 extremidades)					0,001	0,309
CYV	Coefficiente de Correlação					1,000	0,059
	Sig. (2 extremidades)						0,385

Idade	Coefficiente de Correlação					1,000
	Sig. (2 extremidades)					

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05

Tabela 20 Estimativas de Parâmetro. Grupo Vitima e Idade

Variável dependente	B	Estatística do teste Padrão	t	Sig.	Intervalo de Confiança 95%		
					Limite inferior	Limite superior	
VF	Intercepto	6,900	0,505	13,662	0,000	5,904	7,895
	Idade	0,018	0,029	0,616	0,539	-0,039	0,075
VVE	Intercepto	11,109	2,254	4,929	0,000	6,666	15,552
	Idade	0,051	0,129	0,395	0,694	-0,204	0,306
VRP	Intercepto	5,909	0,542	10,909	0,000	4,841	6,976
	Idade	0,020	0,031	0,635	0,526	-0,042	0,081
VSX	Intercepto	5,100	1,071	4,762	0,000	2,989	7,211
	Idade	0,083	0,062	1,344	0,180	-0,039	0,204
CYV	Intercepto	6,449	1,207	5,345	0,000	4,071	8,828
	Idade	0,086	0,069	1,236	0,218	-0,051	0,222

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

Tabela 21 Teste de Estatística Kruskal-Wallis - Relação entre VRI e Grupos Etários

	VF	VVE	VRP	VSX	CYV
Kruskal-Wallis H	4,788	2,628	5,561	1,887	4,246
df	3	3	3	3	3
Asymp. Sig.	0,188	0,453	0,135	0,596	0,236

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

Tabela 22 Teste de Estatística Spearman - Correlação entre vitimação e idade do companheiro atual/passado

	VF	VVE	VRP	VSX	CYV	Idade do Companheiro atual/passado	
VF	Coefficiente de Correlação	1,000	,367**	,286**	,248**	,227**	-0,010
	Sig. (2 extremidades)		0,000	0,000	0,000	0,001	0,883
	N	215	213	215	214	214	212
VVE	Coefficiente de Correlação		1,000	,537**	,421**	,505**	0,110
	Sig. (2 extremidades)			0,000	0,000	0,000	0,111

	N	214	213	213	211
VRP	Coeficiente de Correlação	1,000	,263**	,424**	0,027
	Sig. (2 extremidades)		0,000	0,000	0,700
	N		215	215	213
VSX	Coeficiente de Correlação		1,000	,340**	,185**
	Sig. (2 extremidades)			0,000	0,007
	N		214	212	
CYV	Coeficiente de Correlação			1,000	0,095
	Sig. (2 extremidades)				0,166
	N				212
Idade do Companheiro atual/passado	Coeficiente de Correlação				1,000
	Sig. (2 extremidades)				
	N				

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

7.4. ANEXO AI – Variância do tipo de violência perpetrada ou sofrida em função da orientação sexual

Tabela 23 Teste de Estatística Kruskal Wallis - Relação entre tipo de violência perpetrada em função da orientação sexual

	VF	VVE	VRP	VSX	CYV
H de Kruskal-Wallis	1,830	1,884	6,372	1,293	10,551
Df	3	3	3	3	3
Significância Sig.	0,608	0,597	0,095	0,731	0,014

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

a. Variável de Agrupamento: Orientação Sexual

Tabela 24 Teste de Estatística Kruskal Wallis - Relação entre tipo violência sofrida em função da orientação sexual

	VF	VVE	VRP	VSX	CYV
H de Kruskal-Wallis	0,285	0,981	4,939	0,409	4,542
Df	3	3	3	3	3
Significância Sig.	0,963	0,806	0,176	0,938	0,209

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

a. Variável de Agrupamento: Orientação Sexual

Tabela 25 Teste de Estatística Kruskal Wallis - Faixa etária dos perpetradores de violência em função da orientação sexual

Grupo por Idade		VF	VVE	VRP	VSX	CYV
15-16	Kruskal-Wallis H	1,445	0,918	3,546	5,289	7,995
	df	3	3	3	3	3
	Asymp. Sig.	0,695	0,821	0,315	0,152	0,046
17-18	Kruskal-Wallis H	2,222	5,229	1,701	2,079	2,806
	df	3	3	3	3	3
	Asymp. Sig.	0,528	0,156	0,637	0,556	0,423
19-20	Kruskal-Wallis H	1,190	6,406	1,224	2,468	3,386
	df	2	2	2	2	2
	Asymp. Sig.	0,552	0,041	0,542	0,291	0,184
21-22	Kruskal-Wallis H	3,600	2,492	2,320	0,400	2,880
	df	2	2	2	2	2
	Asymp. Sig.	0,165	0,288	0,313	0,819	0,237

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual

O nível de significância é 0,05.

a. Variável de Agrupamento: Orientação Sexual

7.5. ANEXO AJ – Relação entre tipo de violência e o tipo de relação íntima

Tabela 26 Teste estatístico Mann-Whitney - Relação entre tipo de violência e relação íntima^a (Grupo Agressor)

	VF	VVE	VRP	VSX	CTV
H de Kruskal-Wallis	0,127	0,001	0,012	0,126	0,605
Df	1	1	1	1	1
Significância Sig.	0,721	0,976	0,913	0,723	0,436

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual

O nível de significância é 0,05.

a Variável de Agrupamento: Tipo de Relação Íntima (Estável vs. Casual)

Tabela 27 Teste estatístico Mann-Whitney - Relação entre tipo de violência e relação íntima^a (Grupo Vitima)

	VF	VVE	VRP	VSX	CTV
U de Mann-Whitney	3897,500	4268,500	4277,000	4034,000	4290,000
Wilcoxon W	16458,500	5864,500	16997,000	5687,000	5886,000
Z	-2,316	-0,394	-0,845	-1,383	-0,432
Significância Sig. (2 extremidades)	0,021	0,694	0,398	0,167	0,666

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual

O nível de significância é 0,05.

a Variável de Agrupamento: Tipo de Relação Íntima (Estável vs. Casual)

Tabela 28 Valores descritivos da perpetração por Grupo em função do tipo de relação íntima

Tipo de Violência	Grupo Agressor		Grupo Vitma	
	Relação Estável	Relação Casual	Relação Estável	Relação Casual
	Média±D	Média±D	Média±D	Média±D
VF	7,20±0,63	7,23±0,63	7,27±0,99	7,47±1,04
VVE	12,03±2,91	11,93±2,58	12,56±3,43	12,41±3,37
VRP	6,25±0,63	6,26±0,79	6,64±1,58	6,67±1,31
VSX	6,57±1,46	6,44±0,95	6,70±1,31	6,49±1,04
CYV	7,93±1,37	7,93±1,86	8,31±2,07	8,20±1,75

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual

7.6. ANEXO AK – Relação entre o tempo do tipo de relação íntima e a frequência de VRI perpetrada/sofrida

Tabela 29 Estimativas de Parâmetro. Grupo Agressor e Tempo da Relação Estável

Variável dependente	Parâmetro	B	Estatística do teste Padrão	t	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
VF	Intercepto	7,142	0,059	120,775	0,000	7,025	7,259
	Tempo da Relação Estável (semanas)	0,000	0,001	0,323	0,747	-0,001	0,002
VVE	Intercepto	11,381	0,332	34,248	0,000	10,724	12,038
	Tempo da Relação Estável (semanas)	0,008	0,005	1,737	0,085	-0,001	0,018
VRP	Intercepto	6,207	0,071	87,950	0,000	6,067	6,346
	Tempo da Relação Estável (semanas)	0,000	0,001	-0,419	0,676	-0,002	0,002
VSX	Intercepto	6,362	0,179	35,604	0,000	6,009	6,716
	Tempo da Relação Estável (semanas)	0,003	0,003	1,090	0,278	-0,002	0,008
CYV	Intercepto	-6,357	-0,174	-33,425	0,556	-6,014	-6,700
	Tempo da Relação Estável (semanas)	-12,716	-0,350	-67,940	0,834	-12,025	-13,408

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

Tabela 30 Estimativas de Parâmetro. Grupo Agressor e Tempo da Relação Casual

Variável dependente	Parâmetro	B	Estatística do teste Padrão	t	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
VF	Intercepto	7,164	0,108	66,587	0,000	6,948	7,380
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,003	0,003	1,010	0,317	-0,003	0,008
VVE	Intercepto	11,681	0,434	26,916	0,000	10,809	12,552
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,011	0,010	1,124	0,266	-0,009	0,032
VRP	Intercepto	6,296	0,140	45,081	0,000	6,016	6,577
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,000	0,003	0,068	0,946	-0,006	0,007
VSX	Intercepto	6,371	0,163	39,153	0,000	6,045	6,698
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,005	0,004	1,269	0,210	-0,003	0,013
CYV	Intercepto	7,668	0,234	32,805	0,000	7,199	8,138
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,002	0,005	0,361	0,720	-0,009	0,013

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

Tabela 31 Estimativas de Parâmetro. Grupo Vitima e Tempo da Relação Estável

Variável dependente	Parâmetro	B	Estatística do teste Padrão	t	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
VF	Intercepto	7,192	0,111	64,872	<,001	6,972	7,411
	Tempo da Relação Estável (semanas)	-4,23E-05	0,002	-0,027	0,979	-0,003	0,003
VVE	Intercepto	12,502	0,399	31,353	<,001	11,713	13,291
	Tempo da Relação Estável (semanas)	-0,005	0,006	-0,812	0,418	-0,016	0,007
VRP	Intercepto	6,727	0,167	40,308	<,001	6,397	7,057
	Tempo da Relação Estável (semanas)	-0,005	0,002	-2,174	0,032	-0,01	0
VSX	Intercepto	6,463	0,116	55,932	<,001	6,235	6,692
	Tempo da Relação Estável (semanas)	0,001	0,002	0,526	0,6	-0,002	0,004
CYV	Intercepto	8,356	0,244	34,212	<,001	7,873	8,84
	Tempo da Relação Estável (semanas)	-0,003	0,003	-0,936	0,351	-0,01	0,004

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

Tabela 32 Estimativas de Parâmetro. Grupo Vitima e Tempo da Relação Casual

Variável dependente	Parâmetro	B	Estatística do teste Padrão	t	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
VF	Intercepto	7,164	0,108	66,587	0,000	6,948	7,380
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,003	0,003	1,010	0,317	-0,003	0,008
VVE	Intercepto	11,681	0,434	26,916	0,000	10,809	12,552
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,011	0,010	1,124	0,266	-0,009	0,032
VRP	Intercepto	6,296	0,140	45,081	0,000	6,016	6,577
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,000	0,003	0,068	0,946	-0,006	0,007
VSX	Intercepto	6,371	0,163	39,153	0,000	6,045	6,698
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,005	0,004	1,269	0,210	-0,003	0,013
CYV	Intercepto	7,668	0,234	32,805	0,000	7,199	8,138
	Tempo da Relação Casual (semanas)	0,002	0,005	0,361	0,720	-0,009	0,013

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

7.7. ANEXO AL – Relação entre as Estratégias Positivas de Gestão de Conflito e o tipo de Relação Íntima

Tabela 33 Dados Descritivos das Estratégias Positivas de Resolução de Conflito por Grupo e Tipo de Relação Íntima

Tipo de Grupo	Tipo de Relação	N	Média	Desvio Padrão
Grupo Agressor	Relação Estável	159	21,5031	4,00613
	Relação Casual	57	18,9123	4,61473
Grupo Vitima	Relação Estável	145	20,2759	3,84325
	Relação Casual	51	17,7059	4,01145

Tabela 34 Teste Estatístico T-student para amostras independentes - Relação entre Estratégias Positivas e tipo de Relação Íntima

Estratégias Positivas de Gestão de Conflito	Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias								
	Z	Sig.	t	df	Significância		Diferença média	Erro de diferença padrão	Confiança da Diferença		
					Unilateral p	Bilateral p			Inferior	Superior	
Grupo Agressor	Variâncias iguais assumidas	1,973	0,162	4,021	214	<0,001	<0,001	2,59086	0,64438	1,32073	3,86100
	Variâncias iguais não assumidas			3,761	88,068	<0,001	<0,001	2,59086	0,68887	1,22189	3,95984
Grupo Vitima	Variâncias iguais assumidas	0,000	0,999	4,061	194	<0,001	<0,001	2,56998	0,63286	1,32181	3,81815
	Variâncias iguais não assumidas			3,978	84,440	<0,001	<0,001	2,56998	0,64606	1,28532	3,85464

7.8. ANEXO AM – Relação entre Violência nas Relações Íntimas e a estrutura familiar

Tabela 35 Teste Estatístico Kruskal-Wallis - Relação entre estrutura familiar e vitimação/perpetração de VRI

	Grupo Agressor					Grupo Vitima				
	VF	VVE	VRP	VSX	CYV	VF	VVE	VRP	VSX	CYV
H de Kruskal-Wallis	4,606	5,065	7,002	7,39	3,072	5,611	2,129	4,111	2,778	8,932
df	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
Significância Sig.	0,33	0,281	0,136	0,117	0,546	0,23	0,712	0,391	0,596	0,063

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

7.9. ANEXO AN – Influência da Violência Intrafamiliar na perpetração de VRI

Tabela 36 Estimativas de Parâmetro - Influência da Violência Intrafamiliar sobre a perpetração de VRI

Variável dependente	Variável independente	B	Estatística do teste Padrão	t	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
VF	Intercepto	8,299	0,594	13,972	0,000	7,128	9,470
	Abuso Emocional	0,042	0,103	0,412	0,681	-0,160	0,245
	Abuso Físico	-0,133	0,136	-0,977	0,330	-0,400	0,135
	Coerção	-0,158	0,150	-1,051	0,294	-0,454	0,138
	Controlo	-0,026	0,127	-0,203	0,839	-0,275	0,224
VVE	Intercepto	14,109	2,601	5,424	0,000	8,981	19,236
	Abuso Emocional	0,422	0,451	0,935	0,351	-0,467	1,310
	Abuso Físico	0,772	0,595	1,298	0,196	-0,400	1,945
	Coerção	-1,431	0,658	-2,173	0,031	-2,728	-0,133
	Controlo	0,185	0,554	0,334	0,739	-0,907	1,278
VRP	Intercepto	7,088	0,636	11,147	0,000	5,835	8,342
	Abuso Emocional	0,021	0,110	0,193	0,847	-0,196	0,238
	Abuso Físico	-0,259	0,145	-1,780	0,077	-0,545	0,028
	Coerção	0,027	0,161	0,166	0,868	-0,290	0,344
	Controlo	0,095	0,135	0,698	0,486	-0,172	0,362
VSX	Intercepto	7,505	1,285	5,839	0,000	4,971	10,038
	Abuso Emocional	-0,152	0,223	-0,682	0,496	-0,591	0,287
	Abuso Físico	0,018	0,294	0,062	0,951	-0,561	0,597
	Coerção	-0,262	0,325	-0,807	0,421	-0,904	0,379
	Controlo	0,060	0,274	0,217	0,828	-0,480	0,599
CYV	Intercepto	9,662	1,421	6,797	0,000	6,860	12,464
	Abuso Emocional	-0,098	0,246	-0,398	0,691	-0,583	0,387
	Abuso Físico	-0,125	0,325	-0,385	0,701	-0,766	0,516
	Coerção	-0,357	0,360	-0,993	0,322	-1,066	0,352

Controlo	0,330	0,303	1,091	0,277	-0,267	0,927
----------	-------	-------	-------	-------	--------	-------

Legenda: VF - Violência Física; VVE - Violência Verbal-Emocional; VRP - Violência Relacional-Psicológica; VSX - Violência Sexual; CYV - Violência Sexual
O nível de significância é 0,05.

8. Dados Inferenciais sobre o Ambiente Familiar

8.1. ANEXO AO – Relação entre tipos de violência intrafamiliar e nacionalidade

Tabela 37 Teste estatístico T-student para amostras independentes - Relação entre tipo de violência intrafamiliar e nacionalidade

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias							
		Z	Sig.	t	df	Significância		Diferença média	Erro de diferença padrão	95% Intervalo de Confiança da	
						Unilateral p	Bilateral p			Inferior	Superior
Abuso Emocional	Variâncias iguais assumidas	1,315	0,253	-0,411	214	0,341	0,682	-0,05540	0,13484	-0,32119	0,21039
	Variâncias iguais não assumidas			-0,433	33,354	0,334	0,668	-0,05540	0,12798	-0,31567	0,20488
Abuso Físico	Variâncias iguais assumidas	10,747	0,001	2,189	214	0,015	0,030	0,18711	0,08549	0,01861	0,35562
	Variâncias iguais não assumidas			1,385	26,963	0,089	0,177	0,18711	0,13506	-0,09002	0,46425
Coerção	Variâncias iguais assumidas	15,577	0,000	2,468	214	0,007	0,014	0,23100	0,09359	0,04652	0,41548
	Variâncias iguais não assumidas			1,509	26,756	0,072	0,143	0,23100	0,15308	-0,08323	0,54523
Controlo	Variâncias iguais assumidas	1,860	0,174	-1,981	214	0,024	0,049	-0,22787	0,11504	-0,45463	-0,00111
	Variâncias iguais não assumidas			-1,647	29,354	0,055	0,110	-0,22787	0,13833	-0,51064	0,05491

8.2. ANEXO AP – Relação entre tipos de violência intrafamiliar e estrutura familiar

Tabela 38 ANOVA a 1 Fator - Relação entre violência intrafamiliar e Estrutura Familiar

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.
Abuso Emocional	Entre Grupos	0,847	4	0,212	0,507	0,731
	Nos grupos	88,213	211	0,418		
	Total	89,060	215			
Abuso Físico	Entre Grupos	0,448	4	0,112	0,655	0,624
	Nos grupos	36,119	211	0,171		
	Total	36,568	215			
Coerção	Entre Grupos	0,914	4	0,228	1,116	0,350
	Nos grupos	43,177	211	0,205		
	Total	44,090	215			
Controlo	Entre Grupos	1,415	4	0,354	1,157	0,331
	Nos grupos	64,546	211	0,306		
	Total	65,961	215			

O nível de significância é 0,05.

8.3. ANEXO AQ – Relação entre violência intrafamiliar e o gênero dos filhos

Tabela 39 Teste estatístico Mann-Whitney^a – Avaliação da relação entre violência intrafamiliar e gênero

	Abuso Emocional	Abuso Emocional	Coerção	Controlo
U de Mann-Whitney	4602,500	5232,000	5019,000	4683,500
Wilcoxon W	10488,500	10903,000	10690,000	10569,500
Z	-2,514	-1,455	-1,794	-2,359
Significância Sig. (2 extremidades)	0,012	0,146	0,073	0,018

O nível de significância é 0,05.

a Variável de Agrupamento: Gênero

8.4. ANEXO AR – Relação entre violência intrafamiliar e idade dos filhos

Tabela 40 Teste de Estatística Spearman - Correlação entre Violência Intrafamiliar e Idade dos Jovens

		Idade	Abuso Emocional	Abuso Físico	Coerção	Controlo
Idade	Coefficiente de Correlação	1,000	-0,049	0,066	-0,003	0,066
	Sig. (2 extremidades)		0,478	0,332	0,964	0,335
	N	216	216	216	216	216
Abuso Emocional	Coefficiente de Correlação	-0,049	1,000	-,507**	-,626**	,676**
	Sig. (2 extremidades)	0,478		0,000	0,000	0,000
	N	216	216	216	216	216
Abuso Físico	Coefficiente de Correlação	0,066	-,507**	1,000	,441**	-,329**
	Sig. (2 extremidades)	0,332	0,000		0,000	0,000
	N	216	216	216	216	216
Coerção	Coefficiente de Correlação	-0,003	-,626**	,441**	1,000	-,575**
	Sig. (2 extremidades)	0,964	0,000	0,000		0,000
	N	216	216	216	216	216
Controlo	Coefficiente de Correlação	0,066	,676**	-,329**	-,575**	1,000
	Sig. (2 extremidades)	0,335	0,000	0,000	0,000	
	N	216	216	216	216	216

O nível de significância é 0,05.

8.5. ANEXO AS – Associação entre diferentes tipos de violência intrafamiliar

Tabela 41 Teste de Estatística Pearson - Correlação entre tipos de violência intrafamiliar

		Abuso Emocional	Abuso Físico	Coerção	Controlo
Abuso Emocional	Correlação de Pearson	1	-,484**	-,621**	,738**
	Sig. (2 extremidades)		0,000	0,000	0,000
	N	216	216	216	216
Abuso Físico	Correlação de Pearson	-,484**	1	,634**	-,443**
	Sig. (2 extremidades)	0,000		0,000	0,000
	N	216	216	216	216
Coerção	Correlação de Pearson	-,621**	,634**	1	-,679**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000		0,000
	N	216	216	216	216
Controlo	Correlação de Pearson	,738**	-,443**	-,679**	1
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000	
	N	216	216	216	216

O nível de significância é 0,05

9. Dados Inferenciais sobre as Crenças no Amor Romântico

9.1. ANEXO AT – Relação entre a estrutura familiar e os mitos sobre o amor romântico

Tabela 42 ANOVA a um Fator – Relação entre Mitos sobre o Amor Romântico e Estrutura Familiar

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.
Todos têm uma alma-gêmea	Entre Grupos	3,848	4	0,962	0,712	0,585
	Nos grupos	283,900	210	1,352		
	Total	287,749	214			
O amor é cego	Entre Grupos	1,156	4	0,289	0,224	0,925
	Nos grupos	272,062	211	1,289		
	Total	273,218	215			
O amor verdadeiro supera tudo	Entre Grupos	9,596	4	2,399	1,542	0,191
	Nos grupos	323,624	208	1,556		
	Total	333,221	212			
O amor vence sempre	Entre Grupos	18,405	4	4,601	3,314	0,012
	Nos grupos	292,928	211	1,388		
	Total	311,333	215			
O ciúme é uma prova de amor	Entre Grupos	4,169	4	1,042	0,883	0,475
	Nos grupos	249,165	211	1,181		

	Total	253,333	215			
Quem te ama, bate-te	Entre Grupos	10,419	4	2,605	4,745	0,001
	Nos grupos	115,274	210	0,549		
	Total	125,693	214			
Discutir é amar	Entre Grupos	5,037	4	1,259	0,989	0,415
	Nos grupos	268,722	211	1,274		
	Total	273,759	215			
Sem ciúme, não há amor	Entre Grupos	10,262	4	2,565	2,008	0,095
	Nos grupos	267,070	209	1,278		
	Total	277,332	213			
Amar é sofrer	Entre Grupos	3,335	4	0,834	0,482	0,749
	Nos grupos	365,091	211	1,730		
	Total	368,426	215			
O amor perdoa tudo	Entre Grupos	3,915	4	0,979	0,741	0,565
	Nos grupos	278,511	211	1,320		
	Total	282,426	215			

O nível de significância é 0,05.

9.2. ANEXO AU – Relação entre tipos de violência intrafamiliar e estrutura familiar

Tabela 43 ANOVA a 1 Fator - Relação entre violência intrafamiliar e Estrutura Familiar

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.
Abuso Emocional	Entre Grupos	0,847	4	0,212	0,507	0,731
	Nos grupos	88,213	211	0,418		
	Total	89,060	215			
Abuso Físico	Entre Grupos	0,448	4	0,112	0,655	0,624
	Nos grupos	36,119	211	0,171		
	Total	36,568	215			
Coerção	Entre Grupos	0,914	4	0,228	1,116	0,350
	Nos grupos	43,177	211	0,205		
	Total	44,090	215			
Controlo	Entre Grupos	1,415	4	0,354	1,157	0,331
	Nos grupos	64,546	211	0,306		
	Total	65,961	215			

Tabela 44 Teste Post-hoc Dunnett t (Bilateral)^a - Comparações múltiplas entre mitos e estrutura familiar

Variável dependente	Variável independente	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%		
					Limite inferior	Limite superior	
Todos têm uma alma-gêmea	Família Alargada	Família Nuclear	-0,304	0,317	0,790	-1,10	0,49
	Família Reconstruída	Família Nuclear	-0,035	0,217	1,000	-0,58	0,51
	Família Monoparental	Família Nuclear	-0,253	0,201	0,586	-0,75	0,25

	Família Anaparental	Família Nuclear	-0,350	0,325	0,715	-1,16	0,46
O amor é cego	Família Alargada	Família Nuclear	0,246	0,309	0,880	-0,53	1,02
	Família Reconstituída	Família Nuclear	-0,023	0,212	1,000	-0,55	0,51
	Família Monoparental	Família Nuclear	-0,042	0,196	0,999	-0,53	0,45
	Família Anaparental	Família Nuclear	-0,067	0,309	0,999	-0,84	0,71
O amor verdadeiro supera tudo	Família Alargada	Família Nuclear	-0,014	0,340	1,000	-0,86	0,84
	Família Reconstituída	Família Nuclear	-0,481	0,235	0,151	-1,07	0,11
	Família Monoparental	Família Nuclear	0,072	0,217	0,995	-0,47	0,61
	Família Anaparental	Família Nuclear	0,174	0,340	0,973	-0,68	1,02
O amor vence sempre	Família Alargada	Família Nuclear	-,974*	0,321	0,011	-1,78	-0,17
	Família Reconstituída	Família Nuclear	-,558*	0,220	0,045	-1,11	-0,01
	Família Monoparental	Família Nuclear	-0,185	0,203	0,819	-0,69	0,32
	Família Anaparental	Família Nuclear	-0,099	0,321	0,996	-0,90	0,70
O ciúme é uma prova de amor	Família Alargada	Família Nuclear	0,065	0,296	0,999	-0,67	0,80
	Família Reconstituída	Família Nuclear	-0,151	0,203	0,902	-0,66	0,36
	Família Monoparental	Família Nuclear	0,037	0,188	0,999	-0,43	0,51
	Família Anaparental	Família Nuclear	0,440	0,296	0,427	-0,30	1,18
Quem te ama, bate-te	Família Alargada	Família Nuclear	-0,138	0,202	0,926	-0,64	0,37
	Família Reconstituída	Família Nuclear	-0,163	0,138	0,645	-0,51	0,18
	Família Monoparental	Família Nuclear	-0,196	0,129	0,405	-0,52	0,13
	Família Anaparental	Família Nuclear	,674*	0,202	0,004	0,17	1,18
Discutir é amar	Família Alargada	Família Nuclear	0,313	0,307	0,753	-0,46	1,08
	Família Reconstituída	Família Nuclear	0,081	0,211	0,990	-0,45	0,61
	Família Monoparental	Família Nuclear	0,082	0,195	0,987	-0,41	0,57
	Família Anaparental	Família Nuclear	0,563	0,307	0,235	-0,21	1,33
Sem ciúme, não há amor	Família Alargada	Família Nuclear	0,323	0,308	0,733	-0,45	1,09
	Família Reconstituída	Família Nuclear	-0,127	0,213	0,954	-0,66	0,41
	Família Monoparental	Família Nuclear	0,217	0,196	0,691	-0,27	0,71
	Família Anaparental	Família Nuclear	0,698	0,308	0,091	-0,07	1,47
Amar é sofrer	Família Alargada	Família Nuclear	0,077	0,358	0,999	-0,82	0,97
	Família Reconstituída	Família Nuclear	-0,244	0,246	0,768	-0,86	0,37
	Família Monoparental	Família Nuclear	-0,088	0,227	0,990	-0,66	0,48
	Família Anaparental	Família Nuclear	-0,360	0,358	0,760	-1,26	0,53
O amor perdoa tudo	Família Alargada	Família Nuclear	-0,052	0,313	1,000	-0,83	0,73
	Família Reconstituída	Família Nuclear	-0,256	0,215	0,633	-0,79	0,28
	Família Monoparental	Família Nuclear	-0,139	0,198	0,920	-0,63	0,36
	Família Anaparental	Família Nuclear	0,260	0,313	0,862	-0,52	1,04

* A diferença média é significativa no nível 0.05.

a. Os testes-t de Dunnett tratam um grupo como controle, e comparam todos os outros grupos com ele.

Tabela 45 Teste Estatístico de Kruskal-Wallis - Relação entre a estrutura familiar e mitos sobre o amor romântico

	Mitos sobre o Amor Romântico									
	Subescala Idealização				Subescala Amor-Abuso					
	Todos têm uma alma-gêmea	O amor é cego	O amor verdadeiro supera tudo	O amor vence sempre	O ciúme é uma prova de amor	Bater é amar	Discutir é amar	Sem ciúme, não há amor	Amar é sofrer	O amor perdoa tudo
H de Kruskal-Wallis	3,896	0,526	5,165	11,534	3,787	14,148	4,308	7,197	1,33	3,481
df	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
Significância Sig.	0,42	0,971	0,271	0,021	0,436	0,007	0,366	0,126	0,856	0,481

A diferença média é significativa no nível 0.05.

9.3. ANEXO AV – Relação entre a VRI e os mitos sobre o amor romântico.

Tabela 46 Teste Estatística de Pearson - Correlação entre tipos de violência perpetrada e crenças dos participantes (Subescala Idealização)

		Subescala Idealização do Amor Romântico				Subescala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito				
		Todos têm uma alma-gêmea	O amor é cego	O amor verdadeiro supera tudo	O amor vence sempre	VF	VVE	VRP	VSX	CYV
Todos têm uma alma-gêmea	Correlação de Pearson	1	,288**	0,069	,177**	0,131	0,003	0,106	0,019	0,090
	Sig. (2 extremidades)		0,000	0,319	0,009	0,056	0,967	0,121	0,782	0,187
	N		215	212	215	214	215	215	215	215
O amor é cego	Correlação de Pearson		1	0,131	0,094	0,083	0,093	0,056	0,041	0,086
	Sig. (2 extremidades)			0,056	0,168	0,226	0,173	0,410	0,547	0,207
	N			213	216	215	216	216	216	216
O amor verdadeiro supera tudo	Correlação de Pearson			1	,537**	-	-	-	-	-
	Sig. (2 extremidades)				0,000	0,091	0,061	0,062	0,026	0,020
	N				213	212	213	213	213	213
O amor vence sempre	Correlação de Pearson				1	0,074	0,100	0,108	0,037	0,098
	Sig. (2 extremidades)					0,282	0,142	0,112	0,591	0,151
	N					215	216	216	216	216
VF	Correlação de Pearson					1	,312*	,607*	,313*	,205*
	Sig. (2 extremidades)						0,000	0,000	0,000	0,003
	N						215	215	215	215
VVE	Correlação de Pearson						1	,324*	,214*	,404*
	Sig. (2 extremidades)							0,000	0,002	0,000
	N							216	216	216
VRP	Correlação de Pearson							1	,247*	,176*
	Sig. (2 extremidades)								0,000	0,000
	N								215	215

	Sig. (2 extremidades) N	0,000	0,010
		216	216
VSX	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	1	0,114 0,093 216
CYV	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N		1

A diferença média é significativa no nível 0.05.

Tabela 47 Teste Estatística de Pearson - Correlação entre tipos de violência perpetrada e crenças dos participantes (subescala Amor-Abuso)

		Subescala Amor-Abuso					Subescala Estratégias Negativas de Gestão de Conflito						
		O ciúme é uma prova de amor	Bater é amar	Discutir é amar	Sem ciúme, não há amor	Amar é sofrer	O amor perdoado	VF	VVE	VRP	VSX	CYV	
O ciúme é uma prova de amor	Correlação de Pearson	1	,216**	,290**	,506**	,227**	0,122	-	0,026	0,000	0,015	0,069	
	Sig. (2 extremidades)		0,001	0,000	0,000	0,001	0,074	0,019	0,784	0,704	1,000	0,824	0,313
	N		215	216	214	216	216	215	216	216	216	216	216
Bater é amar	Correlação de Pearson		1	,286**	,185**	0,106	0,121	0,079	0,097	0,096	0,124	,240**	
	Sig. (2 extremidades)			0,000	0,007	0,121	0,076	0,251	0,157	0,161	0,069	0,000	
	N			215	213	215	215	214	215	215	215	215	
Discutir é amar	Correlação de Pearson			1	,405**	,296**	,169*	0,026	0,093	-	0,024	0,125	
	Sig. (2 extremidades)				0,000	0,000	0,013	0,703	0,174	0,965	0,727	0,066	
	N				214	216	216	215	216	216	216	216	
Sem ciúme, não há amor	Correlação de Pearson				1	,151*	0,060	0,040	,137*	0,027	0,010	,158*	
	Sig. (2 extremidades)					0,027	0,380	0,565	0,046	0,691	0,887	0,021	
	N					214	214	213	214	214	214	214	
Amar é sofrer	Correlação de Pearson					1	,284**	-	0,053	-	0,021	-	
	Sig. (2 extremidades)						0,000	0,055	0,442	0,788	0,754	0,042	
	N						216	215	216	216	216	216	
O amor perdoado	Correlação de Pearson						1	0,050	-	-	0,046	0,009	
	Sig. (2 extremidades)							0,467	0,581	0,759	0,497	0,892	
	N							215	216	216	216	216	
VF	Correlação de Pearson							1	,312**	,607**	,313**	,205**	
	Sig. (2 extremidades)								0,000	0,000	0,000	0,003	
	N								215	215	215	215	
VVE	Correlação de Pearson								1	,324**	,214**	,404**	
	Sig. (2 extremidades)									0,000	0,002	0,000	
	N									216	216	216	
VRP	Correlação de Pearson									1	,247**	,176**	
	Sig. (2 extremidades)										0,000	0,010	
	N										216	216	

	N		216	216
VSX	Correlação de Pearson		1	0,114
	Sig. (2 extremidades)			0,093
	N			216
CYV	Correlação de Pearson			1
	Sig. (2 extremidades)			
	N			

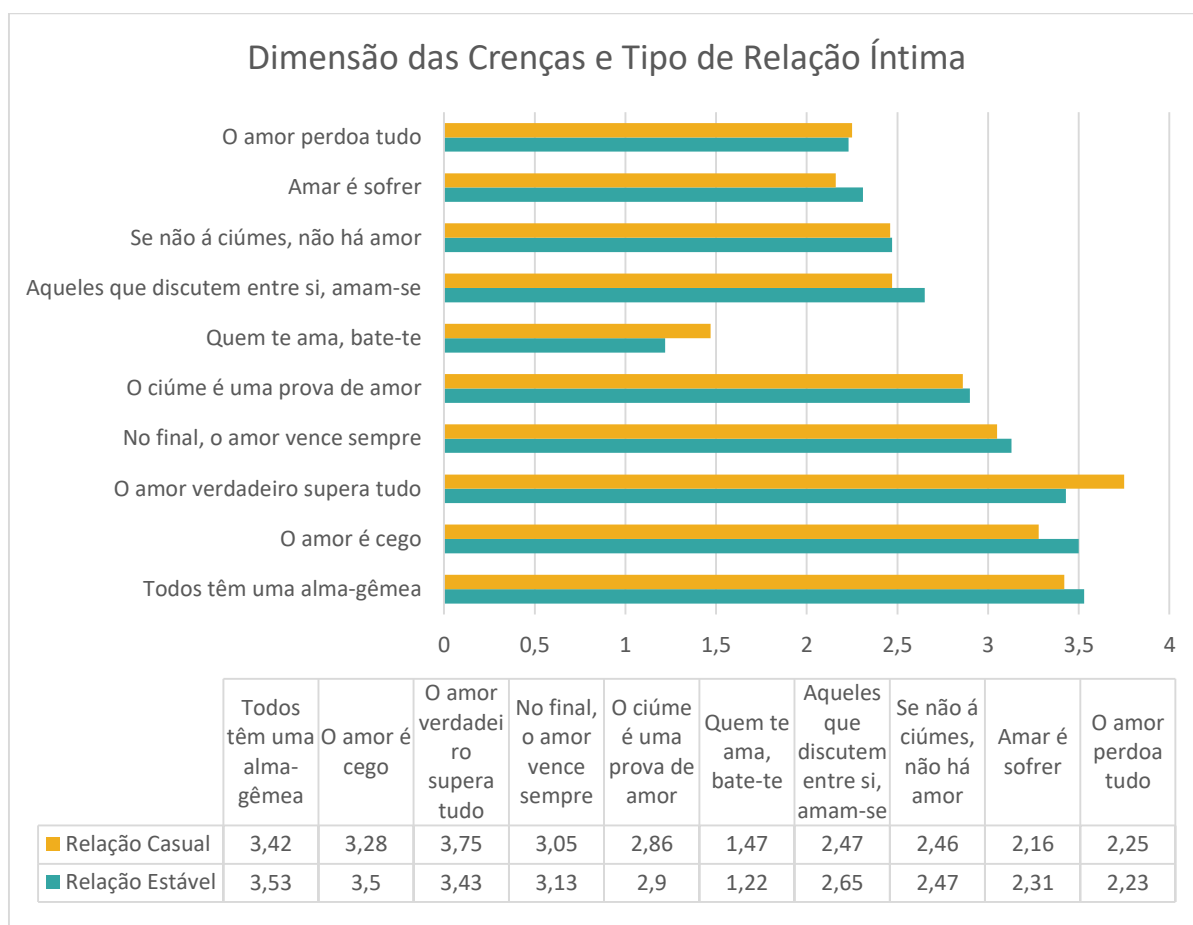
A diferença média é significativa no nível 0.05.

9.4. ANEXO AW – Diferenças entre mitos em função da relação íntima.

Tabela 48 Teste estatístico T-student para amostras independentes - Relação entre mitos e o tipo de relação íntima

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		Z	Sig.	t	df	Significância		Diferença média	Erro de diferença padrão	Inferior	Superior
						Unilateral p	Bilateral p				
Todos têm uma alma-gêmea	Variâncias iguais assumidas	0,947	0,332	0,581	213	0,281	0,562	0,104	0,179	-0,249	0,458
	Variâncias iguais não assumidas			0,561	93,158	0,288	0,576	0,104	0,186	-0,264	0,473
O amor é cego	Variâncias iguais assumidas	0,422	0,516	1,244	214	0,107	0,215	0,216	0,174	-0,126	0,559
	Variâncias iguais não assumidas			1,252	100,096	0,107	0,213	0,216	0,173	-0,126	0,559
O amor verdadeiro supera tudo	Variâncias iguais assumidas	0,723	0,396	-1,611	211	0,054	0,109	-0,315	0,196	-0,701	0,070
	Variâncias iguais não assumidas			-1,623	95,422	0,054	0,108	-0,315	0,194	-0,701	0,070
O amor vence sempre	Variâncias iguais assumidas	0,574	0,450	0,427	214	0,335	0,670	0,079	0,186	-0,287	0,446
	Variâncias iguais não assumidas			0,428	99,253	0,335	0,670	0,079	0,186	-0,289	0,448
O ciúme é uma prova de amor	Variâncias iguais assumidas	1,371	0,243	0,237	214	0,407	0,813	0,040	0,168	-0,291	0,371
	Variâncias iguais não assumidas			0,220	86,975	0,413	0,827	0,040	0,181	-0,320	0,399
Bater é amar	Variâncias iguais assumidas	15,908	0,000	-2,203	213	0,014	0,029	-0,258	0,117	-0,490	-0,027
	Variâncias iguais não assumidas			-1,814	73,789	0,037	0,074	-0,258	0,142	-0,542	0,025
Discutir é amar	Variâncias iguais assumidas	3,502	0,063	0,999	214	0,159	0,319	0,174	0,174	-0,169	0,517
	Variâncias iguais não assumidas			0,946	89,768	0,173	0,347	0,174	0,184	-0,192	0,540
Sem ciúme, não há amor	Variâncias iguais assumidas	0,130	0,719	0,058	212	0,477	0,953	0,010	0,178	-0,340	0,361
	Variâncias iguais não assumidas			0,060	100,026	0,476	0,953	0,010	0,175	-0,336	0,357
Amar é sofrer	Variâncias iguais assumidas	0,836	0,362	0,743	214	0,229	0,458	0,150	0,202	-0,248	0,549
	Variâncias iguais não assumidas			0,735	96,819	0,232	0,464	0,150	0,205	-0,256	0,556
O amor perdoa tudo	Variâncias iguais assumidas	1,613	0,205	-0,108	214	0,457	0,914	-0,019	0,177	-0,369	0,330
	Variâncias iguais não assumidas			-0,115	111,686	0,454	0,909	-0,019	0,167	-0,350	0,311

Gráfico 8 Frequência das crenças no amor romântico de acordo com o tipo de relação íntima



9.5. ANEXO AX – Relação entre o género e as crenças nos mitos sobre o amor romântico

Tabela 49 Teste estatístico T-student para amostras independentes - Relação entre mitos e género

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		Z	Sig.	t	df	Significância		Diferença média	Erro de diferença padrão	Inferior	Superior
						Unilateral p	Bilateral p				
Todos têm uma alma-gêmea	Variâncias iguais assumidas	0,716	0,398	-4,070	211	0,000	0,000	-0,624	0,153	-0,927	-0,322
	Variâncias iguais não assumidas			-4,072	210,448	0,000	0,000	-0,624	0,153	-0,927	-0,322
O amor é cego	Variâncias iguais assumidas	0,365	0,546	-3,020	212	0,001	0,003	-0,457	0,151	-0,755	-0,159
	Variâncias iguais não assumidas			-3,021	211,999	0,001	0,003	-0,457	0,151	-0,755	-0,159
O amor verdadeiro supera tudo	Variâncias iguais assumidas	4,269	0,040	2,483	209	0,007	0,014	0,421	0,170	0,087	0,756
	Variâncias iguais não assumidas			2,479	204,229	0,007	0,014	0,421	0,170	0,086	0,756
O amor vence sempre	Variâncias iguais assumidas	0,903	0,343	1,123	212	0,131	0,263	0,185	0,165	-0,140	0,509
	Variâncias iguais não assumidas			1,121	207,549	0,132	0,263	0,185	0,165	-0,140	0,510
O ciúme é uma prova de amor	Variâncias iguais assumidas	1,829	0,178	1,589	212	0,057	0,114	0,236	0,148	-0,057	0,528
	Variâncias iguais não assumidas			1,592	205,158	0,056	0,113	0,236	0,148	-0,056	0,528
Bater é amar	Variâncias iguais assumidas	64,241	0,000	3,875	211	0,000	0,000	0,396	0,102	0,194	0,597
	Variâncias iguais não assumidas			3,916	137,557	0,000	0,000	0,396	0,101	0,196	0,596
Discutir é amar	Variâncias iguais assumidas	0,498	0,481	1,993	212	0,024	0,048	0,306	0,154	0,003	0,609
	Variâncias iguais não assumidas			1,993	211,570	0,024	0,048	0,306	0,154	0,003	0,610
Sem ciúme, não há amor	Variâncias iguais assumidas	0,003	0,958	2,054	210	0,021	0,041	0,321	0,156	0,013	0,629
	Variâncias iguais não assumidas			2,054	209,988	0,021	0,041	0,321	0,156	0,013	0,629
Amar é sofrer	Variâncias iguais assumidas	0,746	0,389	4,032	212	0,000	0,000	0,696	0,173	0,356	1,036
	Variâncias iguais não assumidas			4,034	211,884	0,000	0,000	0,696	0,173	0,356	1,036
O amor perdoa tudo	Variâncias iguais assumidas	1,166	0,281	4,502	212	0,000	0,000	0,678	0,151	0,381	0,975
	Variâncias iguais não assumidas			4,507	210,636	0,000	0,000	0,678	0,150	0,381	0,975

Gráfico 9 Variância entre mitos por gênero (subescala Idealização)

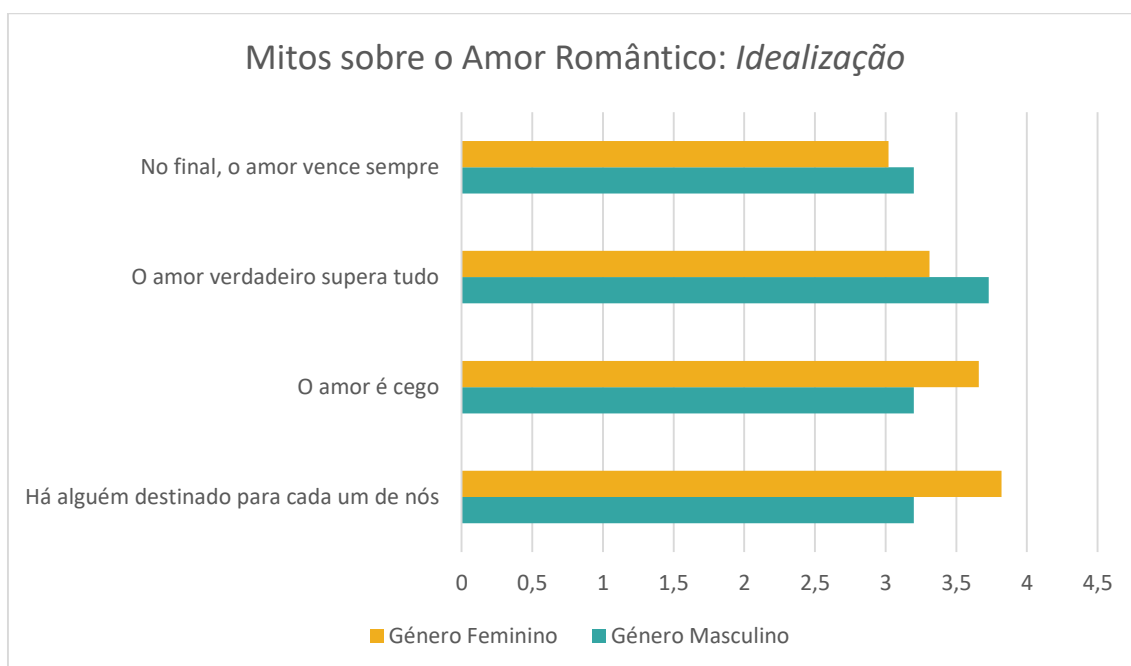
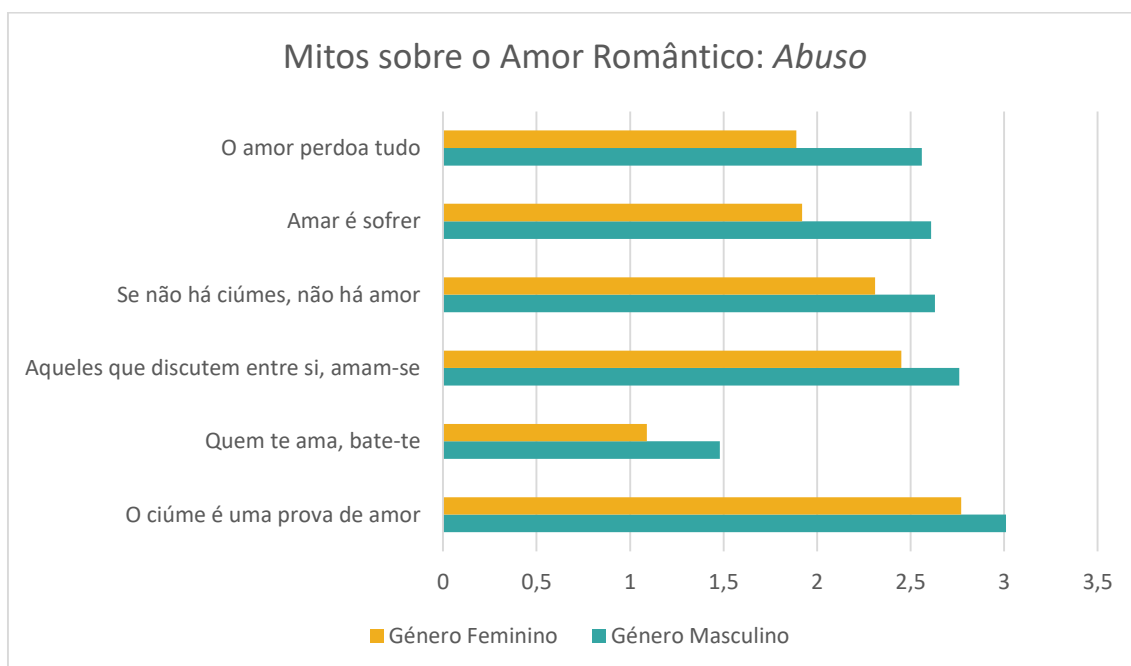


Gráfico 10 Variância entre mitos por gênero (subescala Amor-Abuso)



9.6. ANEXO AY – Relação entre tipos de violência intrafamiliar e estrutura familiar

Tabela 50 Teste ANOVA a 1 Fator – Relação entre Mitos sobre o Amor Romântico e Orientação Sexual

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.
--	--------------------	----	----------------	---	------

Todos têm uma alma-gêmea	Entre Grupos	8,214	3	2,738	2,067	0,106
	Nos grupos	279,535	211	1,325		
	Total	287,749	214			
O amor é cego	Entre Grupos	2,805	3	0,935	0,733	0,533
	Nos grupos	270,413	212	1,276		
	Total	273,218	215			
O amor verdadeiro supera tudo	Entre Grupos	5,674	3	1,891	1,207	0,308
	Nos grupos	327,547	209	1,567		
	Total	333,221	212			
O amor vence sempre	Entre Grupos	2,463	3	0,821	0,563	0,640
	Nos grupos	308,871	212	1,457		
	Total	311,333	215			
O ciúme é uma prova de amor	Entre Grupos	8,168	3	2,723	2,354	0,073
	Nos grupos	245,165	212	1,156		
	Total	253,333	215			
Quem te ama, bate-te	Entre Grupos	3,305	3	1,102	1,899	0,131
	Nos grupos	122,388	211	0,580		
	Total	125,693	214			
Discutir é amar	Entre Grupos	0,882	3	0,294	0,228	0,877
	Nos grupos	272,878	212	1,287		
	Total	273,759	215			
Sem ciúme, não há amor	Entre Grupos	4,850	3	1,617	1,246	0,294
	Nos grupos	272,482	210	1,298		
	Total	277,332	213			
Amar é sofrer	Entre Grupos	3,235	3	1,078	0,626	0,599
	Nos grupos	365,191	212	1,723		
	Total	368,426	215			
O amor perdoa tudo	Entre Grupos	14,204	3	4,735	3,742	0,012
	Nos grupos	268,222	212	1,265		
	Total	282,426	215			

Tabela 51 Teste Post-hoc Dunnett t (Bilateral)^a - Comparações múltiplas entre mitos e orientação sexual

Variável dependente	Variável independente		Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
Todos têm uma alma-gêmea	Homossexual	Heterossexual	0,204	0,394	0,938	-0,74	1,15
	Bissexual	Heterossexual	-0,459	0,242	0,168	-1,04	0,12
	Pansexual	Heterossexual	-0,574	0,358	0,294	-1,44	0,29
O amor é cego	Homossexual	Heterossexual	0,284	0,386	0,843	-0,64	1,21
	Bissexual	Heterossexual	0,310	0,238	0,474	-0,26	0,88
	Pansexual	Heterossexual	0,163	0,351	0,954	-0,68	1,01
O amor verdadeiro supera tudo	Homossexual	Heterossexual	-0,484	0,428	0,592	-1,51	0,55
	Bissexual	Heterossexual	-0,395	0,268	0,367	-1,04	0,25
	Pansexual	Heterossexual	-0,323	0,390	0,791	-1,26	0,61
	Homossexual	Heterossexual	-0,165	0,413	0,970	-1,16	0,83
	Bissexual	Heterossexual	-0,242	0,254	0,714	-0,85	0,37

No final, o amor vence sempre	Pansexual	Heterossexual	-0,347	0,376	0,732	-1,25	0,56
O ciúme é uma prova de amor	Homossexual	Heterossexual	-0,322	0,368	0,763	-1,21	0,56
	Bissexual	Heterossexual	-0,527	0,226	0,061	-1,07	0,02
	Pansexual	Heterossexual	-0,443	0,335	0,460	-1,25	0,36
Quem te ama, bate-te	Homossexual	Heterossexual	0,232	0,261	0,753	-0,39	0,86
	Bissexual	Heterossexual	-0,284	0,163	0,229	-0,68	0,11
	Pansexual	Heterossexual	-0,324	0,237	0,433	-0,89	0,25
Aqueles que discutem entre si, amam-se	Homossexual	Heterossexual	0,289	0,388	0,839	-0,64	1,22
	Bissexual	Heterossexual	-0,062	0,239	0,992	-0,64	0,51
	Pansexual	Heterossexual	-0,055	0,353	0,998	-0,90	0,79
Se não há ciúmes, não há amor	Homossexual	Heterossexual	-0,431	0,390	0,609	-1,37	0,51
	Bissexual	Heterossexual	-0,196	0,240	0,799	-0,77	0,38
	Pansexual	Heterossexual	-0,542	0,355	0,335	-1,39	0,31
Amar é sofrer	Homossexual	Heterossexual	0,261	0,449	0,914	-0,82	1,34
	Bissexual	Heterossexual	-0,102	0,276	0,976	-0,77	0,56
	Pansexual	Heterossexual	-0,476	0,408	0,567	-1,46	0,51
O amor perdoa tudo	Homossexual	Heterossexual	-0,131	0,385	0,981	-1,06	0,79
	Bissexual	Heterossexual	-0,622*	0,237	0,027	-1,19	-0,05
	Pansexual	Heterossexual	-0,807	0,350	0,064	-1,65	0,03

*. A diferença média é significativa no nível 0.05.

a. Os testes-t de Dunnett tratam um grupo como controle, e comparam todos os outros grupos com esse mesmo grupo.